

A Ordem Evangélica



F. T. Wright

O reino de Deus construído na Terra como no Céu

**E guiarei os cegos pelo caminho que nunca conheceram,
fá-los-ei caminhar pelas veredas que não conheceram;
tornarei as trevas em luz perante eles, e as coisas tortas
farei direitas. Estas coisas lhes farei, e nunca os
desampararei." *Isaías 42:16 [ACF]***

Orai Por Chuva Serôdia

Parte 2

Ordem Evangélica

Por F. T. Wright

Artigos publicados na revista *The Messenger and News Review*

Capítulo 33

Abril de 1989

Foi em Abril de 1986, exactamente há três anos que o Senhor nos enviou pela primeira vez a mensagem para orar por chuva serôdia no tempo da chuva serôdia. No tempo divinamente indicado, a hora tinha soado para os crentes em todo o lado orarem mais diligentemente pela bênção do ilimitado derramamento da chuva serôdia, sem o poder da qual, a obra nunca podia ser finalizada.

Com esperança e expectativa, aqueles que amavam e viviam as mensagens que o Senhor tão graciosamente nos enviou, obedeceram ao chamamento para a oração, confiantes que o derramamento do grandioso poder em breve seria experimentado pela fé, o alto clamor soaria, a batalha final seria travada e obtida a vitória e Jesus voltaria em majestade e luz.

Mas o efeito directo e imediato foi um pouco diferente daquilo que todos nós antecipámos. Embora permaneçamos seguros de que tudo aquilo que esperamos acontecerá, somos compelidos pelas providências de Deus a compreender que há a necessidade de uma ainda maior preparação. Antes que o glorioso dom pudesse ser imputado, tínhamos que aprender o poder da oração insistente, o desígnio da qual é a mudança, não em Deus, mas no suplicante. Fomos surpreendidos ao ver que temos procurado pelas nossas orações mudar Deus, não nós próprios. Depois de vermos o erro e o tenhamos corrigido, notáveis diferenças para melhor começarão a manifestar-se nas nossas vidas.

Muitos dentre nós têm-nos enviado relatos da entrada numa nova fase na experiência das suas vidas, para uma profunda e completa purificação de insuspeitados males que tinham começado a aparecer. Cada um pensou que estava sozinho nesta luta, até que, pela comparação de apontamentos, verificámos que a situação era comum a muitos de nós. Esta era uma confortadora revelação, pois pudemos ver que o Senhor estava trabalhando com a Sua igreja. Apesar dessa experiência ter sido dolorosa e ainda é, somos encorajados a suportá-la e a curvar-nos em submissão às obras de Deus.

Mas a chuva serôdia ainda não veio. Ainda, perante os nossos ansiosos olhos não se levantou a pequena nuvem no horizonte. O desapontamento ameaça obscurecer a nossa visão, a esperança adiada ataca a nossa fé e a ansiedade avança para tomar conta de nós. Somos obrigados a lutar a boa luta da fé para afastar essas negras forças.

Levantam-se as perguntas: Por que motivo somos ainda mantidos à espera da chuva serôdia quando necessitamos desta bênção tão desesperadamente? Por quanto tempo devemos suportar este aparentemente interminável tempo de espera? Temos nós, apesar de tudo, seguido uma fábula inteligentemente imaginada?

Naturalmente e bastante apropriadamente, desde que não nos lancemos na procura de soluções por nós mesmos, desejamos compreender a razão da continuação desta aparente demora.

O Senhor já está a dar as respostas. Ele está a dirigir a nossa atenção para certas deficiências no movimento que devem ser corrigidas antes que a chuva serôdia possa cair e o alto clamor comece. A nossa Divina Cabeça e Comandante está a tornar bastante claro que todos temos que chegar à unidade da fé antes que nos possa ser confiado o ilimitado poder do Espírito Santo.

Sem qualquer dúvida há profunda e maravilhosa unidade entre a maior parte dos crentes, mas ao mesmo tempo, há áreas de desunião entre nós suficientemente graves para garantir o atraso no derramamento da chuva serôdia até que as divinas salvaguardas contra a desunião sejam compreendidas, total e inteligentemente aceites e colocadas na prática até à perfeição.

Antes que o Espírito Santo pudesse ser derramado no dia de Pentecostes, os discípulos "... estavam todos de comum acordo num mesmo lugar". *Actos 2:1* (King James.) Isto apenas pode significar que, antes da chuva serôdia ser derramada, os crentes têm que ser trazidos de novo à mesma unidade em que não há desacordo, mas unicamente perfeita operante harmonia. Alcançar este abençoado estado de doce comunhão e perfeita coordenação de esforços requer uma educada aplicação à tarefa muito diligente, que não vem naturalmente ou facilmente. Tem que se fazer com que isso se realize, não apenas deixar que apareça pela sua própria vontade ou por um processo de evolução. Isso é alcançado somente pela efectiva cooperação entre o Criador e a criatura.

Assim, o que é que o Senhor providenciou então a fim de assegurar que todos cheguemos à unidade da fé?

A primeira e essencial provisão da infinita Fonte da luz e da verdade para unir o povo do Senhor é o abençoado dom do renascimento, cuja bênção devemos absolutamente ter.

Sem isto, a única unidade que podia ser alcançada é a unidade política que pode ser encontrada entre as pessoas do mundo que não conhecem Cristo nem O possuem. Esta é uma unidade superficial de conveniência que se quebra logo que serviu o seu propósito.

Uma manifestação comum deste tipo de eliminação de diferenças e trabalho conjunto com vista a um desejado objectivo mútuo é encontrado quando os homens enfrentam um inimigo comum. É então oportuno esquecer as suas antigas contendas e profundas animosidades e cooperar numa extensão que nunca pensaram ser possível.

Um excelente exemplo disto é dado na Segunda Guerra Mundial travada na Europa entre 1939 e 1945. Durante este tempo, a Inglaterra enfrentou a temível ameaça de ficar sob a ocupação e domínio alemão. Antes da guerra, tinha havido uma grande quantidade de conflitos e terrível desunião entre capitalistas e trabalhistas. Disputas provocaram greves, sofrimento, perda e mesmo ruína financeira para alguns e tudo isso desapareceu pouco depois da guerra ter irrompido e durou até passar o perigo e os britânicos ficarem livres de qualquer ameaça alemã. Então, uma vez mais, o capital e o trabalho voltaram-se um contra o outro.

Mas aqueles que têm sido dotados com o novo nascimento têm uma unidade com Cristo e uns com os outros que transcende qualquer unidade nascida do oportunismo político. Isto é devido ao novo nascimento, uma nova força de vida com origem *numa Fonte comum* que a implanta no interior de cada crente. Este ponto vital não deve ser passado por alto, pois ser renascido envolve muito mais do que uma mudança de convicções pessoais e adoção de um estilo de vida diferente daquele que anteriormente era considerado aceitável, se bem que estes sempre sejam apresentados com o renascimento.

Então porque é que aqueles que foram abençoados com o dom da nova vida têm uma unidade de coração e espírito desconhecido daqueles que nunca receberam uma semelhante bênção? A razão é que, como deve ser claramente evidente, quando Cristo implanta a Sua vida num novo crente, inunda o recebedor com a mesma vida, amor, paz e o resto dos rectos elementos que havia estabelecido em todas as outras pessoas já renascidas. Portanto, não importa em que lugar ou tempo uma pessoa verdadeiramente renascida possa localizar-se, encontrar-se-á carregada com as mesmas forças vitais exactamente como são encontradas em todas as outras pessoas renascidas.

Não devia ser difícil compreender que a própria vida de Cristo num crente não pode estar senão em harmonia com a mesma vida de Cristo que está estabelecida em todos os outros crentes. A unidade será forte ou fraca em directa proporção ao desenvolvimento através do diligente cultivo da vida de Cristo no interior.

Mas apesar de poderosa e maravilhosa como é a força unificadora da presença de Cristo no crente, deve ser recordado que não é a solução total para o problema. Alguns supõem que, uma vez que a vida de Cristo tenha sido implantada no cristão, todos os seus problemas espirituais estão resolvidos, ele apenas tem que viver a nova natureza que está no seu interior e a unidade entre ele e os seus companheiros de peregrinação está assegurada. Alguns têm ido tão longe ao ponto de ensinarem que uma vez possuída a bênção que lhes foi dada pelo novo nascimento não podem pecar.

Os que promovem tais ideias demonstram uma compreensão muito superficial dos problemas que estão perante os cristãos que procuram recuperar "... a força e a nobreza de carácter perdida em consequência do pecado". *Profetas e Reis*, 590.

Enquanto o novo nascimento é uma experiência muito maravilhosa pela qual uma pessoa é libertada da escravidão do pecado e da presença do inimigo contra Deus que é chamado o velho homem – o iníquo descendente do seu maligno pai – e está dotado com a própria vida de Cristo, não reeduca instantânea e milagrosamente a mente, nem instrui nos caminhos em que a obra do Senhor deve ser conduzida.

Isto é tornado claro pelos aterradores erros de homens que eram verdadeiramente renascidos relatados nas Escrituras. Considerai por exemplo os discípulos de Cristo à medida que seguiam e trabalhavam com Ele enquanto esteve na Terra. Eles certamente eram renascidos quando Cristo os ordenou para o ministério do evangelho. Consultai *Revival and Reformation*, 153-162, para uma explicação deste assunto. Contudo, apesar dos incessantes esforços diários do Supremo Mestre a fim de os libertar dos conceitos errados a respeito da Sua missão e substituir estes com verdades vivas, eles permaneceram fechados nas suas próprias teorias e ideias até

depois da ressurreição. Durante esse tempo, aqueles sinceros e dedicados homens não estavam unidos em mente ou acção e não podiam estar até os seus pensamentos e também os corações entrarem em harmonia com a mente e coração de Cristo.

Os que eram ganhos para a verdade pelos seus esforços, mostraram a mesma unidade. É triste dizer que isso não resistiu ao frustrante começo do afastamento das suas mentes dos puros princípios da ordem evangélica. Isto foi seguido pela crescente aceitação dos seus próprios caminhos no lugar dos caminhos de Deus, que eventualmente roubou à igreja em geral a sua experiência de renascimento, que por sua vez facilitou o caminho para a sua descida até à apostasia.

A todo o custo nós temos que evitar o mesmo padrão de fracasso se quisermos ser bem-sucedidos em alcançar aquilo que os outros movimentos falharam em conseguir. Portanto, devemos com oração examinar-nos a nós próprios para ver se somos de facto verdadeiramente renascidos. Uma vez que tenhamos determinado para nossa inteira satisfação que somos novas criaturas em Cristo Jesus, o requisito seguinte é tornar absolutamente certo que compreendemos realmente os princípios da ordem divina, doutro modo chamados "ordem evangélica" e meticulosamente segui-los e aplicá-los.

Não será suficiente fazer isto a partir de uma inteligente e educada convicção apenas, não importa quão poderosa e essencial essa convicção seja. Embora não dispensemos por um momento sequer a necessidade da convicção, nem de modo algum a minimizemos, contudo para além e acima disso, cada crente deve envolver-se profundamente em amor com os princípios da Ordem Evangélica. Com o salmista, deve achar-se exclamando em irrepreensível deleite e arrebatadora apreciação pela ordem divina: "Oh! quanto amo a Tua lei! é a minha meditação todo o dia." *Salmo 119:97*.

Alguns podem encontrar dificuldade em equacionar os princípios e procedimentos da ordem evangélica com a lei de Deus, pensando a respeito destes como duas entidades distintas. Para estes, a lei é a expressão dos dez mandamentos do carácter de Deus, enquanto a ordem evangélica é outra coisa.

Mas quando cada um é entendido, serão vistos como um só e a mesma coisa. A ordem evangélica é a revelação dos princípios e procedimentos da construção do reino de Deus e por isso é a solenemente bela lei moral da qual os dez mandamentos são apenas uma desmaiada imagem. Eu espero que esta verdade se torne muito evidente à medida que prossigamos com este estudo. Oro para que todo o crente e eu cheguemos ao ponto em que, em genuína sinceridade, possamos espontaneamente declarar: "Oh! quanto amo a Tua lei! é a minha meditação todo o dia." *Salmo 119:97*.

O salmista amava tão intensamente e profundamente estes princípios, que eles ocupavam os seus pensamentos todo o dia e devem ter sido portanto a força que o guiava em todas as suas acções. Ele tinha alcançado o ponto a que todo o crente deve chegar e a partir do qual todos nós devemos progredir, porque quando o seu divino amor pelos preceitos divinos da ordem evangélica é tão grande que medita neles todo o dia, pensamentos e desejos maus são excluídos e ele é protegido das obras más pela palavra do Deus vivo.

Aqueles anjos que recusaram aceitar os argumentos de Lúcifer na sua rejeição da ordem evangélica e sua tentativa para estabelecer os seus próprios princípios e

procedimentos no lugar dos caminhos de Deus, estão a encontrar e continuarão a encontrar a sua ciência e o seu cântico na cruz do Calvário onde estas verdades são apresentadas nas suas mais claras e maiores manifestações como está escrito:

“Mas os seres remidos e os não caídos encontrarão na cruz de Cristo sua ciência e seu cântico.” *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Considerai bem estas palavras!

Ali eles encontrarão a sua *ciência* e o seu *cântico*.

O que é que significa encontrar a sua ciência? Significa descobrir o caminho correcto para fazer as coisas, a ordem divina, os rectos procedimentos e em seguida fazer desse caminho uma posse pessoal. É também conhecer o amor abnegado de Deus e como exprimir esse amor. É repudiar a satânica ciência de exigir sacrifícios e sofrimentos aos outros para poder beneficiar e progredir à sua custa. É também repudiar a satânica ciência de tomar os dons de Deus, incluindo o Seu amor e usá-los de acordo com o nosso pensamento de como eles deviam ser usados.

Estes princípios devem ser aprendidos do modo como o Supremo Mestre os revela para nós. Não podemos investigar estas coisas porque o cristianismo é uma religião revelada. Nunca é o método de Deus criar um movimento para investigar as verdades necessárias para um determinado tempo. A responsabilidade do movimento é receber a verdade revelada através de qualquer instrumento que o Senhor escolha para a enviar e em seguida proclamá-la onde quer que o Senhor abra as portas para a sua disseminação.

Portanto, o crente em Jesus nunca começa a justificar aquilo que pensa que a verdade devia ser. Pelo contrário, ele procura conhecer apenas aquilo que o Senhor declarou sobre o assunto. Ele mantém uma constante guarda contra o acrescentar um significado às palavras do Senhor que o Altíssimo nunca pretendeu transmitir através das Suas declarações.

Quando os irmãos dirigentes da Igreja Apostólica se reuniram em Jerusalém para discutir e decidir sobre a questão dos judeus e dos gentios em relação à salvação, não compreenderam este princípio. Isto é evidente por terem entrado em vigorosa discussão o que significa que procuravam impor as suas ideias sobre os restantes. Cada um estava confiante que argumentava na base daquilo que estava convencido ser a correcta interpretação das Escrituras. Esta lamentável situação continuou e piorou até que Pedro lhes chamou a atenção para verem aquilo que o Espírito Santo havia feito – Ele tinha sido derramado sobre os crentes gentios com igual poder e liberalidade como descera sobre os judeus. Isso resolveu a questão. A história está relatada em *Atos* 15.

Assim, hoje, deve ser recordado que Ele é o Deus que fez a ciência da cruz que incorpora os princípios e procedimentos da ordem evangélica.

O homem na verdade não participou nessa obra no mais pequeno grau. A sua parte é receber a luz do Senhor como Ele a comunica através dos Seus mensageiros escolhidos e em seguida, pelo profundo estudo, diligente oração e aplicação prática, tornar a mensagem a ciência operante na sua vida para o tempo presente e eternidade futura.

Mas não apenas deve ser ela a nossa ciência; deve também ser o nosso cântico!

Na nossa vida religiosa, os cânticos servem mais do que um propósito. Alguns são orações, exemplos dos quais são: “Pão da vida”; “Comigo habita”.

Outros são testemunhos de fé como: “Eu avisto uma Terra feliz”; “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará” e “Cristo vem”.

Há ainda outros que são convites à entrega e obediência como: “Crer e observar”; e “Tempo de Ser Santo”.

Há alguns que nos inspiram a levar o evangelho ao mundo, cujos exemplos são: “Ide, Oh, servos Seus!”; “Havemos de colher”.

Há ainda outras categorias, mas não há necessidade de as descrever aqui excepto uma das mais importantes – as expressões de louvor, acção de graças e gratidão pela maravilha, beleza e eficácia dos Seus caminhos. Este é o tipo de cântico em particular que cantamos quando descobrimos na cruz do Calvário a nossa ciência e o nosso cântico. Não será cantado tanto em gratidão pelo que a mensagem do evangelho tem feito por nós, embora esse factor esteja inevitavelmente presente. Pelo contrário, os remidos, juntamente com aqueles que nunca traíram os sagrados depósitos, contemplarão essa beleza e perfeição no sistema divino que estarão radiantes de alegria e apreciação à medida que vêm e compreendem a sua maravilhosa perfeição.

A ordem evangélica, ou os divinos princípios para a construção do reino, quando correctamente entendidos e aplicados devidamente, não é um restritivo, aborrecido fardo, que o cristão tem que suportar. Pelo contrário, é uma orientação operacional da mais incrível beleza e perfeição que fará com que aqueles que a compreendem cantem os seus louvores.

Esta apreciação não é experimentada por um legalista, a pessoa que sabe o que está certo, que está convencida que deve agir segundo o mandamento e determina fazer assim sem ter a divina Presença em si. Uma tal pessoa está a exercer força sobre si própria para agir contrariamente à natureza que vive dentro de si. Ela enfrenta uma interminável, difícil, frustrante e desencorajadora batalha contra si mesma. Enquanto permanecer neste triste estado, nunca pode encontrar na cruz a sua ciência e o seu cântico. Isto não é possível.

Portanto, se verificamos que não amamos os princípios da ordem evangélica, se não podemos encontrar neles a nossa ciência e o nosso cântico e se não podemos dizer como o salmista, “Oh! quanto amo a Tua lei! é a minha meditação todo o dia”, *Salmo 119:97*, precisamos compreender que uma definida obra de graça necessita ser aberta aos nossos olhos para contemplar as maravilhosas coisas contidas na lei. Olhai para o Senhor para realizar uma maravilhosa obra em cada crente até que os nossos corações cantem de alegria perante tão bela verdade. Deixai que a promessa seja reclamada: “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.” *Mateus 5:6*.

Oremos com o salmista: “Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos Teus estatutos e guardá-lo-ei até o fim.

“Dá-me entendimento, e guardarei a Tua lei, e observá-la-ei de todo o meu coração.

“Faze-me andar na vereda dos Teus mandamentos, porque nela tenho prazer.

“Inclina o meu coração a Teus testemunhos, e não à cobiça.

“Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade, e vivifica-me no Teu caminho.

“Confirma a Tua promessa ao Teu servo, que se inclina ao Teu temor.

“Desvia de mim o opróbrio que temo, pois os Teus juízos são bons.

“Eis que tenho desejado os Teus preceitos; vivifica-me por Tua justiça.” *Salmo 119:33-40.*

Aqueles que encontram em si mesmos uma crescente apreciação pela ordem evangélica desejarão, como o escritor deste Salmo, uma cada vez mais profunda e clara revelação destes poderosos e belos princípios. Quando essas santas aspirações são manifestas nas nossas vidas, podemos estar certos que estamos a mover-nos na direcção certa e esse nosso espírito está respondendo e agindo de harmonia com o espírito de Deus. É maravilhosamente animador quando uma semelhante unidade da mente e do espírito entre Deus e nós é realizada.

Mas se descobrimos que um espírito de receio e resistência se levanta em face do chamamento de Deus à ordem evangélica, então, em vez de nos entregarmos à luta contra ela, em profunda humilhação e em humilde espírito de submissão, procuremos a graça do Senhor para que faça penetrar em nós a justiça. A nossa vida eterna depende da obtenção dessa vitória.

Isto faz com que o assunto seja da maior importância, porque o futuro destino de cada pessoa depende do modo como essa pessoa se relaciona em mente, espírito e prática com a ordem evangélica.

Prova absoluta e incontestável disto é dada nos seguintes factos. Considerai-os com cuidado:

Primeiro, foi a rejeição de Lúcifer dos princípios e procedimentos da ordem evangélica, mais a sua determinação de substituir o caminho de Deus pelo seu próprio caminho e guerra, no início subtil e mais tarde aberta, contra a ordem do Céu, que lhe custou o seu lugar no Céu e a perda da vida eterna. Como se isso não fosse mais do que suficiente, abriu as comportas da miséria, dor e morte neste mundo consequentemente arruinado e em desaparecimento. Somente se tivermos a capacidade para avaliar completamente o prejuízo e o sofrimento que foi suportado até agora, poderemos conhecer quão grave é a rejeição dos princípios e procedimentos da ordem evangélica.

Então, desde que tenhamos contemplado a magnitude do desastre, teremos a mais poderosa motivação para completa e eternamente rejeitar tudo o que de qualquer forma viola a ordem evangélica. O nosso zelo para defender os caminhos de Deus não conheceriam limites e então quão rapidamente o grande conflito seria levado ao seu termo.

Segundo, desde a queda no Jardim do Éden, todo o movimento que o Senhor tem levantado e entregue a missão de ser o Seu instrumento na finalização da obra, tem falhado porque os membros não operaram completamente dentro das orientações estabelecidas por Deus na ordem evangélica. A única excepção até agora é o presente movimento que está a ser provado para ver se falhará como os restantes antes dele ou terá sucesso onde os outros falharam e foram rejeitados.

Cada um destes movimentos do passado foi constituído por elementos que, obedecendo ao chamamento de Deus “saíram de Babilónia”, separando-se eles próprios daqueles sistemas de religião em que a ordem evangélica se tornou uma

esquecida relíquia da história. Isto quer dizer que eles não conheciam nada da verdadeira ordem evangélica como um operante instrumento mesmo apesar de terem o espírito de Cristo em si.

Consequentemente, alguns pelo menos tinham a tendência sem dúvida de trazerem os seus velhos caminhos consigo e esperaram estabelecê-los neste novo movimento. Isto naturalmente causou conflito à medida que procuravam governar sobre obreiros que, livres como estavam da escravidão das igrejas caídas e regozijando-se na liberdade que tinham obtido de Cristo, não seriam levados de novo à escravidão. Ao mesmo tempo, compreendiam que deviam submeter-se a si mesmos à vontade do Espírito Santo tal como era expresso através da igreja. Faltando nos primeiros dias do novo movimento um claro, preciso e compreensivo ensinamento sobre o assunto da ordem evangélica, não tinham a certeza de como equilibrar a sua liberdade pessoal com a sua necessidade de estar sujeitos uns aos outros, à igreja e a Jesus Cristo. Alguns tinham a tendência de irem longe demais numa direcção, enquanto outros inclinavam-se num sentido oposto.

Estes conflitos entre o povo em quem estava o espírito de Cristo e que estava possuído do mais sincero desejo de salvaguardar os melhores interesses da igreja, naturalmente levou a graves crises que ameaçou destruir o movimento.

Mas o Senhor viu nestas situações esplêndidas oportunidades para educar e estabelecer o Seu povo nos princípios da ordem evangélica. Estes esforços da parte do Senhor foram normalmente muito bem-sucedidos. Eles uniram os crentes e levou a maravilhosa prosperidade à igreja. Os crentes atarefados que tentavam trazer a salvação para os que pereciam, sabiam exactamente quais eram os procedimentos correctos, como se relacionar uns com os outros como apoiantes e companheiros de trabalho e como servir ao Chefe da igreja como Ele devia ser servido.

Mas à medida que o tempo passava não estava longe o tempo em que alguns começavam a regressar aos seus velhos caminhos outra vez. Tão seguramente como fizeram isto assim a apostasia era inevitável. Ela voltou, com toda a certeza acompanhada da separação de Deus no seu séquito e outro prometedor movimento esbateu-se na memória da história como um desanimador fracasso.

Apesar disto, nunca houve uma altura em que o Senhor não teve o Seu movimento, embora como Elias descobriu, ele seja difícil de encontrar. Assim, no tempo presente, Deus tem o Seu movimento e é um corpo de crentes muito visível e activo. Foi levantado num tempo verdadeiramente momentoso e oportuno, para ter sucesso onde outros miseravelmente fracassaram.

As possibilidades de fracasso são igualmente altas para nós, se não mais elevadas, como foram para todos os movimentos que nos antecederam. Mas também temos a mesma oportunidade para a vitória que eles tiveram. Esse triunfo tornar-se-á uma viva, eterna realidade somente se dermos definidos e urgentes passos.

O primeiro destes é aprender com a queda de todos os outros movimentos anteriores como a sua apostasia dos princípios e procedimentos da ordem evangélica causou a sua desagregação. Em seguida, quando virmos o que eles fizeram por um lado e o que eles deviam ter feito por outro, compreenderemos exactamente o que não devemos fazer e o que devemos fazer. Então devemos entregar-nos em inabalável lealdade aos princípios divinos de operação sabendo que falhar em fazer

assim condenará o movimento à mesma apostasia, fracasso e separação de Deus como marcou a destruição de todo o prometedor movimento que nos antecedeu.

Que todo o nosso ser se arrebate com a elevada e nobre decisão de nunca deixar que a história do fracasso seja repetida neste.

oo

“Vi que esta porta pela qual o inimigo entra para perturbar e levar à perplexidade o rebanho, pode ser fechada. Indaguei do anjo como poderia ser ela fechada. Disse ele: ‘A igreja precisa acorrer para a Palavra de Deus e estabelecer-se na ordem evangélica que tem sido subestimada e negligenciada.’ Isto é indispensável para levar a igreja à unidade da fé.” *Primeiros Escritos*, 100.

Capítulo 34

Maio de 1989

Ninguém observou a ordem evangélica tão perfeitamente e tão fielmente como Jesus Cristo quando esteve na Terra. Consequentemente, não há mistério nas razões da Sua notável, brilhante e duradoura vitória sobre os poderes das trevas. Foi a Sua meticulosa observância dos princípios e procedimentos da ordem evangélica que tornou o Seu triunfo sobre o reino das trevas certo e seguro. A Sua vida testifica que todo o seguidor Seu que é igualmente fiel à ordem evangélica será igualmente tão completamente bem-sucedido e totalmente vitorioso.

Diariamente o Salvador procurou ensinar estas coisas maravilhosas aos Seus discípulos, mas eles eram lentos a aprender, sempre inclinados a voltar aos velhos caminhos uma vez mais e tentados a forçar Jesus a abandonar os caminhos de Deus em troca dos seus. Como resultado fecharam-se a si próprios para a estreita e íntima comunhão que doutro modo teria sido sua, operaram em oposição ao Senhor e sofreram muita confusão, fracasso, e perplexidade. Todavia, o Professor Mestre nunca os abandonou à sua obstinação. Pelo contrário, Ele com amor e de modo perdoador trabalhou para os estabelecer nos princípios e procedimentos da ordem divina. Um esplêndido exemplo disto foi dado na lição ensinada em Cesareia de Filipo, como está relatada em *Mateus* 16:13-20.

“E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: ‘Quem dizem os homens ser o Filho do homem?’”

É muito importante que nós compreendamos correctamente o propósito de Cristo ao fazer esta pergunta, porque seria demasiado fácil interpretar mal os Seus motivos e objectivos. Ele não estava com certeza à espera que os Seus discípulos Lhe dessem informação interior de como o povo O considerava, pois Ele já sabia isso melhor do que eles.

Os Seus pensamentos estavam bastante longe de qualquer intenção de confirmar ou justificar-se a Si próprio. Pelo contrário, o Seu objectivo era guiar aqueles discípulos para a mesma vereda de luz na qual o Senhor ainda procura guiar-nos hoje.

Como um Professor altamente qualificado, Jesus levou-os do conhecido para o desconhecido, começando com o conhecimento geral que ele era um filho do homem, um ser humano muito real. Todos podiam ver isso tão claramente que ninguém tinha quaisquer dúvidas ou questões sobre isso. Eles também viam que Ele era um homem muito dotado de modo que O compararam com os grandes profetas do passado.

“E eles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas.”

Os discípulos compreenderam que o povo via Cristo como um dos profetas, uma pessoa muito dotada e espiritualmente poderosa, mas não reconheciam n'Ele a divindade. O povo não discernia que Ele era Deus habitando na carne. Contudo, este conhecimento foi e sempre será essencial para aqueles que herdarão a vida eterna. Assim, para lhes revelar esta verdade, Jesus continuou perguntando-lhes:

“Disse-lhes Ele: ‘E vós, quem dizeis que Eu sou?’”

Pedro falando por si mesmo e pelo resto dos doze respondeu:

“‘Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo.’”

Por isso os discípulos tinham verdadeiramente aprendido muito mais do que a multidão. Pelo ministério do Espírito Santo através de Cristo tinham chegado à compreensão de que Jesus era mais do que um homem. Ele também era Deus. Tinham respondido correctamente até onde podiam ver esta verdade, como revela a resposta de Cristo:

“E Jesus respondendo, disse-lhe: ‘Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai, que está nos Céus.

“‘Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.’”

Somos deixados sem dúvidas a respeito da identidade da Rocha sobre a qual o poderoso Libertador construiria a Sua igreja. Com certeza não era Pedro como alguns afirmam. Era Cristo a Rocha Eterna.

“Jesus continuou: ‘Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela’. A palavra de Pedro significa pedra – uma pedra movediça. Pedro não era a rocha sobre que a igreja estava fundada. As portas do inferno prevaleceram contra ele quando negou seu Senhor com imprecações e juramentos. A igreja foi edificada sobre Alguém contra o qual as portas do inferno não podiam prevalecer.

“Séculos antes do advento do Salvador, Moisés apontara à Rocha da Salvação de Israel. O salmista cantara ‘a Rocha da minha fortaleza’. Isaías escreveu: ‘Assim diz o Senhor Jeová: Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada.’ Deuteronomio 32:4; Salmo 62:7; Isaías 28:16. O próprio Pedro, escrevendo por inspiração, aplica essa profecia a Jesus. Diz ele: ‘Se é que já provastes que o Senhor é benigno: e chegando-vos para Ele – pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também como pedras vivas sois edificados casa espiritual.’ 1 Pedro 2:3-5.

“‘Ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo,’ 1 Coríntios 3:11. ‘Sobre esta pedra’, disse Jesus, ‘edificarei a Minha igreja’. Na presença de Deus e de todos os entes celestiais, em presença do invisível exército do inferno, Cristo fundou a sua igreja sobre a Rocha viva. A Rocha é Ele próprio – o Seu próprio corpo, quebrantado e ferido por nós. Contra a igreja edificada sobre este fundamento, não prevalecerão as portas do inferno.” {DTN 290}, *O Desejado de Todas as Nações*, 399, 400.

Portanto, quando Cristo declarou que sobre esta Rocha edificarei a Minha igreja que é o Seu reino, estava afirmando que Ele mesmo é o fundamento sobre o qual a

igreja é construída. Mas isto não é tudo, pois, a Seu respeito Ele diz, “Eu sou... a Verdade.” *1 João 14:6*.

Esta é uma poderosa declaração, da qual todo o significado necessita ser compreendido pelo crente em Jesus. Deve ser visto que Jesus falou a verdade porque Ele próprio é a verdade.

“Em conformidade com o que Ele ensinava, vivia ‘Eu vos dei o exemplo, disse Ele a Seus discípulos, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.’ ‘Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.” *João 13:15; 15:10*. Assim, em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração de apoio. E mais do que isto: Ele era aquilo que ensinava. Suas palavras eram a expressão não somente da experiência de Sua própria vida, mas de Seu próprio carácter. Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade. Era isto que Lhe dava poder aos ensinamentos.” *Educação, 79*.

Por conseguinte as palavras “Rocha”, “Cristo” e “Verdade”, todas elas se referem à mesma gloriosa entidade. Cristo ao dizer que sobre esta Rocha edificaria o Seu reino, estava a declarar com poderosa força, que sobre uma particular, envolvente Verdade – o glorioso casamento da divindade com a humanidade, o arrebatador facto de que Cristo é tanto Deus como homem – edificaria o Seu reino. É a única forma em que o reino pode ser construído, porque é um reino vivo que não pode ser separado nem por um momento da Fonte da vida. Isto requer o serviço de uma infalível, eficaz e apropriada Ligação através de quem uma contínua corrente de vida pode fluir do Dador da vida para o desamparado recebedor.

Assim, no princípio, o Onnipotente Criador centrou a estrutura do Seu reino em volta do sistema em que Ele é a Fonte da vida, Cristo a Ligação e todos os seres criados são dependentes recebedores. Nesta estrutura nascida da necessidade e formada pela suprema sabedoria do Altíssimo, Cristo era a única Ligação. Nada, absolutamente nada, passou de Deus para as Suas criaturas excepto através de Cristo, o unigénito de Deus.

É tão importante que isto seja claramente visto, verdadeiramente compreendido e firmemente aceite, que repetiremos de novo a verdade sobre isto. É verdade que, quando Lúcifer era o querubim cobridor, absolutamente nada estava disponível para qualquer ser criado que não fosse através de Cristo. Nenhuma verdade lhes era comunicada, nenhum raio de luz brilhou sobre eles e nenhuma verdade lhes foi revelada perante a sua maravilhada contemplação, nenhuma vida lhes foi dada e nenhuma bênção derramada sobre eles que não tivesse fluído através de Cristo. Ele era a única grande Ligação no reino, que era a igreja. Ninguém havia com quem Ele partilhasse essa singular posição.

Isto era assim, não porque Deus tivesse arbitrariamente decretado que assim fosse, mas porque não havia outro modo, sob as circunstâncias, em que isso pudesse de alguma maneira operar com sucesso. Por causa do tremendo poder de Deus que é tão grande que podia dar existência a múltiplos biliões de sóis e sistemas, é impossível a qualquer ser criado receber qualquer coisa d’Ele directamente sem ser destruído. Para ultrapassar o problema tinha que ser encontrado um Mediador que do lado divino fosse em poder igual ao Pai e por outro lado fosse um com as criaturas.

Havia apenas um Ser em todo o Universo que tinha a qualificação para preencher essa posição — Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai. Ele podia fazer isso porque era Criador e criatura numa única Pessoa. No Seu lado divino, percorreu todo o caminho até ao trono do Altíssimo, enquanto do Seu outro lado, percorreu todo o caminho até onde as criaturas olham para o Céu em busca de luz e vida. Foi um esquema nascido do amor infinito e perfeita sabedoria em que não havia um único traço de egoísmo.

Para uma mais pormenorizada discussão disto, vede *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, capítulo 3; e *Os Vivos e os Mortos*, capítulo 2.

Há provavelmente alguns que defendem o limitado ponto de vista que a única razão para Cristo tomar a natureza humana sobre Si foi para que pudesse morrer a fim de pagar a penalidade pelo homem culpado. Não se nega que Ele nunca podia ter pago o preço pelos nossos pecados e obtido o direito de nos remir se não tomasse a humanidade caída, pecaminosa e mortal sobre Si. Todavia, morrer pelo pecador a perecer é apenas uma parte da Sua obra. Deve ser visto e compreendido que sendo Criador e criatura numa única pessoa ao mesmo tempo, Ele realiza um eterno propósito no divino esquema de coisas.

Foi entregue a Paulo um ministério muito especial a respeito do mistério de Deus quando declara:

“A mim o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo.

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou:

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus.

“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor.” *Efésios* 3:8-11.

Um eterno propósito não tem princípio nem fim. Nunca houve ou jamais haverá um tempo em que este eterno propósito não fosse uma força completamente em operação. Para que este maravilhoso propósito fosse cumprido hoje de modo que vós e eu pudéssemos ter acesso ao Pai através de Jesus Cristo, o nosso poderoso Intercessor tem que ser Deus e homem.

De igual modo, para qualquer um em qualquer período na história ter a mesma vital ligação com a Altíssima Fonte, Emanuel tinha que ser Deus e criatura. Portanto, “Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter connosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito ‘em semelhança da carne do pecado’ (Romanos 8:3), viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela fé n’Ele, atinjamos à glória do carácter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como ‘é perfeito vosso Pai que está nos Céus.’” {DTN 214}, *O Desejado de Todas as Nações*, 293, 294.

Mas reportando isto ao passado a Abraão ou mesmo a Adão não chega à eternidade do passado durante a qual as mesmas provisões e princípios estavam presentes em força. Isso é dizer que, desde o primeiro dia da criação, o acesso de

qualquer anjo ao Pai, tinha que ser através de Cristo, que, a fim de tornar isto possível tinha então que ser tanto Deus como Anjo.

Cristo originalmente não era isso, porque, antes do começo de todas as coisas criadas, era unicamente Deus, mas logo que a necessidade surgiu, humilhou-Se e voluntariamente aceitou as limitações impostas sobre Si ao aceitar a verdadeira vida de criatura. Que isto é verdade é verificado pelo facto de que Ele era o unigénito do Pai antes do pecado aparecer ou o primeiro homem ser criado. Esta confirmação aparece no seguinte parágrafo que descreve uma convocação que teve lugar depois do pecado ter começado a desenvolver-se em Lúcifer, mas antes do homem ser criado. À medida que o ledes cuidadosamente, notai bem que Cristo está consistentemente presente como Filho de Deus ou como unigénito Filho de Deus, ou por outras palavras para o mesmo efeito.

“O Rei do universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável — ‘milhões de milhões, e milhares de milhares’ (Apocalipse 5:11), estando os mais exaltados anjos, como ministros e súbditos, a regozijar-se na luz que, da presença da Divindade, caía sobre eles. Perante os habitantes do Céu, reunidos, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, o unigénito de Deus, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos, e a Ele foi confiado executar os poderosos conselhos de Sua vontade. O Filho de Deus executara a vontade do Pai na criação de todos os exércitos do Céu; e a Ele; bem como a Deus, eram devidas as homenagens e fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino na criação da Terra e de seus habitantes. Em tudo isto, porém, não procuraria poder ou exaltação para Si mesmo, contrários ao plano de Deus, mas exaltaria a glória do Pai, e executaria Seus propósitos de beneficência e amor.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16.

Neste parágrafo os acontecimentos do grande conflito estão estabelecidos. Por ele podemos compreender que Lúcifer estava determinado a pôr de lado os princípios divinos da edificação do reino, que é rebelião contra a lei de Deus, que é rejeição da ordem evangélica.

Toda a questão se centra à volta da posição do Filho unigénito de Deus, o problema levanta-se por causa do desenvolvimento do orgulho em Lúcifer, o querubim cobridor. Por este meio ele ficou tão cego que já nada podia ver claramente. Assim perdeu de vista o facto de que Cristo era mais do que um anjo igual a ele, mas era também, ao mesmo tempo, Deus em verdade. Se ele estivesse preparado para se humilhar ao ponto em que a verdadeira justiça o enchesse de novo, teria recuperado a capacidade para ver Deus no Anjo, Jesus Cristo e o problema da rebelião teria deixado de existir. Ele teria compreendido e aceite o facto que somente o Arcanjo possuía as qualificações para preencher a vital posição de Ligação e ter-se-ia regozijado perante a inexprimível manifestação do infinitamente terno espírito de abnegação que tinha levado Cristo a aceitar esta obra.

Nós devemos lutar com todos os nossos poderes sob a orientação do Espírito Santo para compreender o problema de Lúcifer e as inteiramente adequadas

provisões feitas por Deus com vista à solução do seu problema e completamente impedir o estabelecimento da rebelião. Isto tem que ser feito, pois o mesmo teste está perante nós e devemos sair pelo lado certo dos mesmos acontecimentos se alguma vez quisermos entrar no Céu. Esse ponto deve penetrar a consciência de todas as pessoas que estejam decididas a estar salvas no reino que será construído de acordo com os mesmos imutáveis princípios agora e no futuro, exactamente como eles sempre foram no passado. À semelhança de Lúcifer, podemos rebelar-nos contra eles, ou, tal como Cristo, podemos viver de acordo com eles. A escolha é nossa; os resultados para bem ou para mal terão alcance eterno.

Primeiro e acima de tudo o anjo rebelde devia assegurar-se que mantinha a fé no Pai eterno, estabelecer-se na inamovível convicção de que Deus era perfeitamente recto, totalmente imparcial, eternamente justo e sem reserva determinar-se a promover o bem-estar de todos os Seus súbditos. Absoluta, inquestionável fé em Deus é necessária àqueles que se entregam ao trabalho juntamente com Deus nos Seus procedimentos da edificação do reino.

“Ora, sem fé é impossível agradecer-Lhe: porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam.” *Hebreus 11:6.*

Tivesse Lúcifer mantido este tipo de fé no Omnipotente, então, quando verificou que era incapaz de compreender o mistério de Deus que é a personificação dos operantes princípios da ordem evangélica, teria raciocinado, “eu não compreendo o que o Senhor está a fazer, nem tenho que compreender até que isso se torne por fim claro para mim. Mas, por agora, o que eu posso fazer e o que farei é estudar aquilo que Deus tem feito e está a fazer e conformar a minha vida e obra de harmonia com Ele.”

Para levar este plano a efeito era preciso que ele fosse capaz de ver realmente e de modo exacto o que Deus estava a fazer. Não havia problema a respeito disto, pois, Lúcifer, juntamente com os anjos, observavam as acções do Ser Infinito ao colocar Miguel, o Arcanjo, na posição de Ligação ou Comunicação. Além disso todos eles viram que luz, verdade, conhecimento e vida apenas podia ser recebida através d’Ele.

Deve ser salientado que, antes do orgulho começar a desenvolver-se em Lúcifer, ele teria compreendido que Cristo havia sido apontado para a Sua posição pelo Pai e não tinha tomado a posição por Si mesmo.

Esta observação do comportamento de Deus como orientação para nós, é a prática que devíamos desenvolver até ficarmos bem treinados nela. É um meio infalível para assegurar que a vontade de Deus é feita assim na Terra como no Céu. É uma segura e garantida salvaguarda contra Deus mover-Se numa direcção e o Seu povo noutra.

Capítulo 35

Maio de 1989

Estou profundamente impressionado, activamente inspirado e grandemente encorajado pelo princípio e procedimento introduzido nos últimos parágrafos do capítulo anterior — isto é, da cuidadosa observância daquilo que Deus tinha feito numa situação, como orientação para aquilo que temos que fazer sob as mesmas condições. Posso ver que, quando os crentes em Jesus fielmente põem em prática este curso de acção, a igreja será preservada de cometer terríveis erros e a vontade de Deus e a construção do reino, será na verdade feita na Terra como é no Céu. Nós seremos separados dos esquemas humanos, unidos em espírito e prática e em breve veremos a chuva serôdia cair.

Um óptimo exemplo disto é dado na igreja apostólica. Paulo e Barnabé estavam a trabalhar com sucesso entre os gentios, mas outros na igreja exigiam que estes novos crentes do mundo gentio fossem fisicamente circuncidados. A questão desenvolveu-se numa controvérsia muito intensa. Foi por fim decidido que estes dois missionários fossem a Jerusalém para apresentarem o assunto numa reunião geral.

Mas o plano ameaçava transformar-se numa derrota, pois a reunião rapidamente degenerou numa disputa em que, nem por um momento, foi feita a pergunta vital: “O que fez Deus em tudo isto?”

Que aquela igreja, carregada como estava do poder vivo e imediata presença do Espírito Santo, pudesse tão depressa falhar com tanta gravidade, é verdadeiramente espantoso. Esperar-se-ia que na gloriosa frescura da sua nova experiência, tivessem fixado a sua contemplação no divino Guia e mantivessem o passo com Ele à medida que guiasse o caminho à sua frente. Mas não fizeram isso. O objectivo deles fixava-se nos seus preconceitos profundamente entrincheirados contra os gentios que tinham sido sistemática e diligentemente desenvolvidos durante séculos. Porém, o Senhor absolutamente exigia que obtivessem a vitória sobre estas velhas formas de pensar não importava por quanto tempo elas tivessem sido acariciadas.

Semelhantemente hoje, à medida que os princípios da ordem evangélica forem revelados, Deus pedir-nos-á que façamos alterações nas nossas atitudes, convicções e práticas que irão contra aquilo que naturalmente aceitaríamos e requererá que adoptemos estes princípios contrários às nossas naturezas humanas e vivamos por eles. Tal como os primeiros cristãos, teremos a tendência para esquecer tudo acerca do nosso grande Guia, enquanto por outro lado, como eles, estaremos ocupados argumentando acerca do nosso ponto de vista errado.

Por que motivo fazemos isto? Por que razão fizeram eles isto? Porque é que cada um argumentava do ponto de vista dos seus preconceitos, convicções, ideias e teorias em vez de perguntarem o que estava o Senhor a fazer?

Foi porque “Os conversos judeus não eram geralmente inclinados a mudar tão rapidamente quanto a providência de Deus abria o caminho”. {AA 104}, *Atos dos Apóstolos*, 189.

As providências de Deus são-nos reveladas por aquilo que Ele faz, mas os membros das igrejas do passado cometeram o erro comum de olharem para a sua própria sabedoria em vez de tomarem grande cuidado para verem como Deus estava operando. Por isso, quando se juntaram para esclarecer o problema, ninguém adotou o verdadeiro procedimento da ordem evangélica olhando para aquilo que Deus estava fazendo, mesmo apesar das acções da Sua providência serem claramente visíveis para todos. Se tivessem parado um momento para ponderar, teriam visto que Deus, pelas Suas acções, já tinha revelado aquilo que eles deviam fazer.

Mas o que tinha Deus feito que era tão claro e convincente de modo a esclarecer completamente a questão?

Ele tinha dotado os crentes gentios com o mesmo dom do Espírito Santo que havia derramado sobre os conversos judeus. Não tinha feito qualquer distinção entre eles e se Ele não o fez, então, também não o deviam fazer. Não havia dúvida quanto ao que Deus havia feito, pois era demasiado claro para não ser visto. Não havia ninguém que pudesse argumentar que Ele tinha feito diferença, porque nenhuma podia ser encontrada.

“Os vários pontos envolvidos na regulamentação da principal questão em jogo, parecia apresentar diante do concílio dificuldades insuperáveis. Mas o Espírito Santo já havia, na realidade, solucionado esta questão, de cuja decisão parecia depender a prosperidade, senão a própria existência, da igreja cristã.

“E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem.” {AA 106}, *Atos dos Apóstolos*, 192, 193.

Foi extremamente bom para a causa de Deus que pelo menos um homem olhasse para aquilo que Deus tinha feito, visse nessa luz aquilo que eles por seu lado tinham que fazer e depois sem receio e com profunda convicção, chamasse a igreja ao caminho por onde Deus guia.

A medida adoptada por Pedro foi incrivelmente eficaz. Todos os presentes deixaram de tentar impor os seus pontos de vista sobre o que devia ser feito ou devia deixar de fazer-se. “Então toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios.” *Atos* 15:12. Toda a discussão terminou e um maravilhoso silêncio desceu sobre a assembleia enquanto dirigiam a sua atenção para as acções que Deus tinha feito.

À medida que viam sem dificuldade aquilo que o Senhor tinha feito e que Ele não fizera distinção entre judeus e gentios, viram e aceitaram o que deviam fazer. É uma inspiração ver o que todos fizeram, com o resultado que os crentes se uniram nesta questão e um maravilhoso dia de poder e prosperidade se abriu perante a igreja.

“Como resultado deste concílio, os irmãos tinham sido unânimes em fazer definidas recomendações às igrejas concernentes a certos ritos e costumes, inclusive a circuncisão.” {AA 223}, *Actos dos Apóstolos*, 401.

Que eles também puseram de lado os seus preconceitos contra os gentios, é evidente pela sua unânime recomendação de Paulo e Barnabé como missionários aos gentios. “Foi neste concílio geral que os irmãos foram também unânimes em recomendar Paulo e Barnabé às igrejas cristãs como obreiros dignos da inteira confiança de cada crente.” {AA 223}, *Atos dos Apóstolos*, 401.

Ter-lhes-ia sido impossível fazer uma tal recomendação incondicional daqueles dois homens, se depois de contemplarem aquilo que Deus tinha feito, não se tivessem submetido de todo o coração à orientação do Senhor.

Notai que a igreja tinha ignorado as acções de Deus durante muito tempo, de acordo com as palavras de Pedro que disse: “Varões irmãos, bem sabeis que já *há muito tempo* Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem.” *Atos* 15:7.

Aquilo que tinha acontecido “*há muito tempo*”, era a instrução de Deus para que Pedro respondesse ao chamamento feito por Cornélio que fosse a Cesareia pregar o evangelho nesta assim chamada casa gentílica. Obediente a esta ordem enviada do Céu, Pedro, apesar do facto que fazer isso era agir em contrário a uma vida de preconceitos profundamente estabelecidos e convidar a censura dos seus irmãos na igreja, foi àquela casa romana e transmitiu a luz do Céu.

Então, na mesma altura em que “dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.” *Atos* 10:44.

Pedro, como viu o que o Senhor fez, ficou completamente convencido de que, à vista de Deus – a única visão que interessava – não havia distinção entre judeus e gentios. A atenção de Pedro centrou-se apenas nas acções de Deus. Foi Ele que lhe deu a visão dos animais impuros e puros para o instruir; foi Ele que disse a Cornélio que o mandasse chamar pessoalmente; foi Ele que planeou de modo que os mensageiros de Cesareia chegassem à porta no momento em que a visão terminou; foi Ele que lhe indicou que devia ir a casa de Cornélio; e foi Ele que derramou a chuva temporã sobre os romanos com o mesmo poder com que havia derramado sobre os judeus. Durante todo o drama, Pedro não teve que ser mais do que um instrumento obediente à vontade do seu Pai celestial. Por isso, quando viu que o Altíssimo não fez distinção entre as diferentes nacionalidades, aprendeu que não mais podia manter esta distinção.

Assim esta experiência na qual testemunhou a demonstração das acções de Deus, preparou-o para ser o instrumento de Deus no esclarecimento da discussão no grande concílio de Jerusalém “muito tempo” depois.

Não devia haver necessidade de Pedro lembrar aos delegados presentes na conferência de Jerusalém, porque, “muito tempo” antes, eles tinham visto as acções de Deus e sido convencidos por elas. Isto aconteceu quando ouviram acerca da sua visita a Cornélio e tinham-lhe pedido para relatar isso. Mas como Pedro relatou as acções de Deus durante toda a experiência, ficaram completamente convencidos e não argumentaram em contrário. De facto, regozijaram-se perante esta revelação do grande amor do Pai. “E, ouvindo estas coisas, apaziguaram-se, e glorificaram a Deus,

dizendo: 'Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.'" *Atos* 11:18.

Tendo chegado ao ponto em que viram pelas acções de Deus que Ele não fez distinção entre as diferentes raças de pessoas, não deviam ter necessidade de serem recordados sobre estas coisas outra vez. Elas deviam ter-se tornado uma firme convicção, uma questão estabelecida para além de qualquer dúvida e imune a qualquer desafio ou disputa. Era isso que o Senhor esperava deles mas foi desapontado quando no concílio de Jerusalém se comportaram como se nenhuma luz tivesse vindo sobre o assunto.

Hoje, como nunca antes, o Altíssimo tem necessidade de homens e mulheres com convicções fixas, estabelecidas, crentes que tenham estudado a verdade até ela se tornar propriamente sua, ao ponto de nada os mover dela. Até que uma tal confiança possa ser alcançada de modo que o Senhor tenha um povo em quem possa confiar implicitamente, não nos pode tornar depositários do dom do Espírito Santo no poder da chuva serôdia.

"Logo que o povo de Deus esteja selado nas suas testas — não é qualquer selo ou marca que possa ser vista, mas um estabelecimento na verdade, tanto intelectual como espiritual, *de modo que não podem ser movidos* — igualmente logo que o povo de Deus esteja selado e preparado para a sacudidura, ela virá." *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1161.

Deus ensina-nos não só pela demonstração mas também pela declaração. Na libertação de Pedro e do resto dos crentes do exclusivismo dos judeus, Deus declarou a Sua posição na visão elucidativa do alimento limpo e imundo oferecido para Pedro comer e na explicação que acompanhava o sonho. Tudo foi dado tão claramente que Pedro e os outros a quem ele relatou as mensagens de Deus, plenamente compreenderam aquilo que o divino Guia lhes estava ensinando.

"Esta visão tanto serviu para repreender a Pedro como para instruí-lo. Revelou-lhe o propósito divino — de que pela morte de Cristo os gentios deviam tornar-se co-herdeiros dos judeus nas bênçãos da salvação." {AA 75}, *Atos dos Apóstolos*, 135.

Assim, pela palavra e pela acção, Jeová instruiu o Seu povo. A sua tarefa era ouvir e observar e depois falar e agir de acordo com as posições adoptadas pelo Supremo Planeador e Infinita Fonte. Apelarei para estes testemunhos nos termos mais fortes possíveis à medida que traga os requisitos da ordem evangélica mais perto da sua aplicação em nós próprios. Deus chama-nos para atentamente ouvir as Suas palavras e observar com atenção aquilo que Ele está a fazer e em seguida ir exactamente onde quer que Ele nos ordene.

É possível que, neste movimento, existam alguns que queiram argumentar contra estes princípios. Apelo a todos como Pedro apelou à igreja dos seus dias, deixai de olhar para as vossas próprias ideias e teorias e fixai a vossa contemplação naquilo que o Senhor tem feito e está a fazer nesta questão. Se determinarmos fazer sempre isso, as disputas com certeza silenciarão sempre como silenciaram na igreja apostólica e isso seria maravilhoso, pois criaria as condições para o derramamento da chuva serôdia.

Se Lúcifer tivesse sido cuidadoso em ver e ouvir e depois operasse em estrita harmonia com o sistema de Jeová para a construção do reino, nunca teria havido qualquer necessidade para o Rei do Universo ter convocado aquele grande concílio no Céu, nem teria havido a rebelião com a sua incrível messe de sofrimento, morte e destruição.

Não havia segredo quanto à forma como Deus estava construindo o Seu reino tanto no Céu como em todo o Universo. Todos podiam ver por si mesmos que o unigénito Filho de Deus era a poderosa, totalmente suficiente, Ligação através de quem recebiam todas as bênçãos da Fonte eterna, Deus, o Pai. Além disso, o sistema tinha operado sempre com impecável perfeição durante um tempo desconhecido para nós, com contínua bênção de todas as criaturas em todos os recantos do reino. Tudo era tão perfeito que não havia a menor justificação para queixa. Era impossível melhorar o sistema. Ele era perfeição absoluta.

Contudo, Lúcifer desejou desafiar os métodos de Deus, afirmando que os divinos métodos de construção do reino eram defeituosos e exigiu que eles fossem modificados. Ele afastaria a forma existente na qual todas as coisas fluíam da infinita Fonte para toda a criatura através da única Ligação, Emanuel e colocar-se-ia a si próprio no lugar do Filho de Deus. Tornou-se determinado nisto mesmo apesar de não ter as qualificações necessárias ou capacidades para preencher a posição que cobiçava.

Todavia, tão habilmente formulou os seus argumentos e tão persuasivamente os apresentou que um terço dos anjos foram convencidos de que a sua causa era justa e de acordo com isso aceitaram-no como chefe, enquanto os restantes não escaparam de serem afectados num grau bastante importante e ao ponto em que, mesmo apesar de não abandonarem a sua lealdade a Deus, ficaram com sérias dúvidas acerca de todo o conflito. Não foi senão quando Cristo Se sacrificou a Si próprio no Calvário que os anjos leais foram completamente libertados dos enganamentos de Satanás. Vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, capítulo 4.

Por isso, para afastar a iminente crise, Deus convocou os anjos para uma reunião a fim de reafirmar com as Suas palavras o que sempre tinha feito e continuaria a fazer. Devia ser cuidadosamente notado e para sempre recordado que Deus tomou uma posição completamente firme a respeito deste acontecimento. Ele veio em incondicional apoio do Seu Mensageiro – a Palavra, Emanuel. Ele não fez a mais pequena concessão a Lúcifer nem de modo algum apoiou os seus pontos de vista.

Será verificado à medida que estes estudos prossigam, que pode profetizar-se acerca de Deus e confiar n'Ele completamente quanto à posição que tomará quando a posição do mensageiro escolhido por Si é desafiada. Não importa quando ou onde seja chamado a agir, Ele não deixará espaço para quem quer que viole a ordem evangélica; para quem procure construir o reino de modo diferente do Seu. Se o povo compreendesse que lutar contra o mensageiro que o Senhor chamou, é lutar contra o próprio Deus numa batalha em que não podem ter esperança de ganhar, nunca iniciariam o conflito.

Isto não é assim porque Ele decretou arbitrariamente que assim fosse, pois Deus nunca percorre o caminho do despotismo. Pelo contrário, é porque não há outro sistema pelo qual um reino de tal beleza e perfeição imaculada possa ser estabelecido

e posto em operação. Satanás e os homens tentaram todas as alternativas. Um único olhar para um ou todos os outros é suficiente para convencer toda a alma honesta que neles não há futuro. Isto é suficiente para nos assegurar que os princípios nos quais estão construídos são corruptos e destruidores.

Feita a comparação ver-se-á que o princípio de construção do reino de Deus não é definitivamente o melhor de várias opções, mas a única escolha que opera eternamente. A história está a provar este facto, pois todos os reinos construídos por poderosos e dotados homens têm falhado ou está num processo de morte.

Ninguém a não ser a mente do infinito podia jamais planear a divina ordem que predomina no Seu governo. Portanto, n'Ele não há o mais pequeno traço de planeamento humano; não há caixas de sugestões no Céu nem no reino de Deus na Terra, quando este é construído de acordo com o padrão formado pelo Altíssimo.

Mas porque estamos tão preocupados com a queda de Lúcifer nestes estudos da ordem divina ou com os princípios da construção do reino de Deus?

É porque aqueles que ganharem o Paraíso de novo devem vencer no mesmo ponto em que Lúcifer e os seus seguidores falharam!

O que eles rejeitaram, nós temos que aceitar!

O que eles recusaram como linha de orientação para as suas vidas, devemos tornar o princípio de operação das nossas!

Onde eles não olharam para o que Deus estava a fazer, nem ouviram o que Ele estava a dizer, temos nós que observar e ouvir e então construir como Ele constrói!

E o que significa tudo isto em termos específicos?

Significa um certo número de coisas, a primeira das quais consideraremos agora.

A rejeição de Lúcifer da ordem divina manifestou-se na recusa em se submeter ao sistema pelo qual o Altíssimo comunicava toda a vida e luz através de um único mensageiro, que era Emanuel, com exclusão de todos os outros.

Isso significa que a nossa aceitação da ordem divina será manifestada se nós fizermos exactamente o oposto dele, sendo submissamente voluntários em aceitar as acções de Deus na comunicação da Sua vida e luz através de um único mensageiro com exclusão de todos os outros.

Tenho verificado que de todas as vezes que tenho procurado ensinar estes princípios vitais, geram-se receios de que eu esteja a tentar exaltar o mensageiro actual à igualdade com Moisés ou mesmo Cristo. Aqueles que fazem esta acusação, ao fazerem-no demonstram que não compreenderam a questão. Não é uma questão de cada mensageiro ser igual em poder, conhecimento, capacidade, etc., pois isso nunca pode ser assim. O que nós estamos a discutir são os princípios de operação comuns a todos os mensageiros, sejam eles grandes ou pequenos.

Pedir a alguém que aceite uma pessoa como mensageira, é um duro teste que se impõe à pecaminosa natureza humana. Isto é assim porque Lúcifer comunicou a cada ser humano o seu espírito de rebelião contra a ordem de Deus e por isso está sempre a rodear-nos.

“Rebelião e apostasia estão no ar que nós respiramos. Seremos afectados por ela a menos que pela fé unamos as nossas impotentes almas a Cristo. Se os homens são assim tão facilmente desviados, como se manterão eles firmes quando Satanás personificar Cristo, e operar milagres?” *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1114.

Quando Lúcifer se voltou para os seus próprios caminhos em substituição dos caminhos de Deus, o próprio espírito de rebelião se fixou nele, desse modo tornou-se rebelde na sua própria natureza. Quando persuadiu os anjos e os homens a segui-lo, contaminou-os com o mesmo espírito do qual emana uma atmosfera poderosa na sua influência sobre os outros.

“Toda alma está circundada duma atmosfera própria, que pode estar carregada do poder vivificante da fé, do ânimo, da esperança, e perfumada com a fragrância do amor. Ou pode estar pesada e fria com as nuvens do descontentamento e egoísmo, ou intoxicada com o contacto mortal de um pecado acariciado. Pela atmosfera que nos envolve, toda pessoa com quem nos comunicamos é consciente ou inconscientemente afectada.” {PJ 181}, *Parábolas de Jesus*, 339.

Quando compreendemos que o espírito de rebelião está presente em todas as pessoas não renascidas e permanece de algum modo na natureza humana daqueles que já renasceram e que cada pessoa está circundada por uma atmosfera carregada daquilo que é, não será difícil crer que “rebelião e apostasia estão no ar que nós respiramos” e que “seremos afectados por ela a menos que pela fé agarremos as nossas impotentes almas a Cristo”.

Normalmente a mera sugestão de que o Senhor comunicará a Sua luz através de um único mensageiro é suficiente para gelar muitos com receio, que apesar do facto evidente, é isso que o Senhor faz e tem feito uma e outra vez no passado. Ao declarar isto não estou ignorando o facto que na igreja apostólica Deus falou através de muitos mensageiros tal como fará outra vez durante o alto clamor que se aproxima, para o que haverá muito boas razões. Examinaremos estas razões mais tarde.

À parte daqueles que estão receosos da ideia, há outros que encontram em si mesmos uma resistência natural ao plano, mas em vista do predominante espírito de rebelião que nos rodeia no próprio ar que respiramos, isto deve ser esperado. Não vos surpreendais de todo quando lerdes estas palavras, se verificais que elas geram um sentimento do mal existente em vós. Isto é bastante normal, embora muito inaceitável, porque ao levantarem-se tais sentimentos perante estas maravilhosas verdades é indicador da necessidade de libertação de algumas ideias e teorias muito erradas.

É também muito usual o receio possuir-nos quando o Senhor ordena um avanço. Uma e outra vez, obedecer ao Senhor parece convidar o perigo, perda e mesmo a morte. A ameaça é tão real que se exige fé viva para seguir pelo caminho onde o Senhor guia. Um excelente exemplo disto é encontrado na travessia do Mar Vermelho.

“Deus, na Sua providência, trouxe os hebreus ao aperto das montanhas, diante do mar, para que pudesse manifestar Seu poder no livramento deles, e humilhar de maneira extraordinária o orgulho de seus opressores. Ele os poderia ter salvo de qualquer outro modo, mas escolheu este, a fim de lhes provar a fé e fortalecer a confiança n’Ele. O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho. Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. Hebreus 11:29. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo

que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés.

“A Grande lição ali ensinada é para todos os tempos. Frequentemente a vida cristã é assediada de perigos, e o dever parece difícil de cumprir-se. A imaginação desenha uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativo ou a morte. Contudo, a voz de Deus fala claramente: ‘Avante!’ Devemos obedecer a esta ordem mesmo que nossos olhares não possam penetrar nas trevas, e sintamos as frias vagas em redor de nossos pés. Os obstáculos que embaraçam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito que se detém ou duvida. Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra de incerteza desapareça, e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão. A incredulidade fala ao nosso ouvido: ‘Esperemos até que os impedimentos sejam removidos, e possamos ver claramente nosso caminho’; mas a fé corajosamente insiste em avançar, esperando tudo, em tudo crendo.

“A nuvem que era uma grande parede de trevas para os egípcios, para os hebreus era uma grande inundação de luz, iluminando o acampamento todo, e derramando o fulgor no caminho diante deles. Assim, o trato da Providência traz aos incrédulos trevas e desespero, enquanto à alma confiante é repleta de luz e paz. A senda por onde Deus guia, pode estender-se através do deserto ou do mar, mas é um caminho seguro.” {PP 202}, *Patriarcas e Profetas*, 294.

De facto, a senda por onde Deus guia é o único caminho seguro embora a *humanidade* pecadora nunca a reconheça como tal, mas nessa altura, somente aqueles que estão preparados para perder a vida eterna, porão qualquer confiança nas mensagens vindas das suas naturezas humanas.

É o propósito específico destes estudos mostrar exactamente como o Senhor está a guiar de modo que possamos afastar todo o receio, chegar à unidade de fé e praticar a ordem evangélica e assim libertar o caminho para o recebimento da chuva serôdia.

Neste ponto, há provavelmente muitas perguntas, objecções e dificuldades que se levantam em maior número do que as respostas dadas. Isso é de esperar numa apresentação destinada a estabelecer princípios básicos em primeiro lugar, enquanto as aparentes contradições são deixadas para mais tarde. Esta tem sido sempre a forma em que nós temos chegado à compreensão dos grandes temas que o Senhor nos tem dado. Portanto, não estejais, por agora, preocupados com os testemunhos que parecem negar a verdade que está a ser desenvolvida aqui. Em vez disso, lançai-vos ao trabalho com todas as vossas forças a fim de compreender os princípios fundamentais sobre o assunto. Se fizerdes isto, as aparentes contradições perderão todo o seu poder para serem problemas.

Capítulo 36

Maio de 1989

No último capítulo, foi estabelecido o ponto que, a fim de nos qualificarmos para o nosso lugar no Céu, temos que passar exactamente pelo mesmo teste em que Lúcifer falhou desde que implantou dentro de todos nós a sua disposição para a rebelião contra os caminhos de Deus. Foi com verdade declarado que esse teste se centrava no ponto da posição do mensageiro apontado por Deus. Em vez de estar satisfeito em preencher o lugar que Deus lhe apontara, o querubim cobridor rejeitou os princípios pelos quais o Altíssimo estava a construir o Seu reino e procurou usurpar a posição do próprio Filho de Deus.

Foi assim que a manifestação da grande rebelião foi revelada na recusa do diabo em aceitar a nomeação de Deus de uma Pessoa, ou seja, Emanuel, para ser o único canal através do qual toda a luz e vida fluiria do Criador para Suas as criaturas.

Para que o Satanás fosse testado nesse esquema, ele precisava existir no Céu como uma situação da vida real, e existia. Isso não quer dizer que o Senhor o tenha colocado ali para testar Lúcifer, pois, nem antes da queda nem depois Deus tenta os homens ou os anjos. Em vez disso, Ele formou o Seu governo como a única maneira pela qual o Universo poderia ser administrado satisfatoriamente. Tornou-se um teste para o querubim cobridor somente quando o orgulho cegou os seus olhos, de modo que ele perdeu a fé no sistema e no seu Criador.

Deve ser concluído a partir disto que, para a família humana ser provada neste mesmo ponto de modo a determinar qual dos seus membros está apto para ser admitido no Céu, os mesmos princípios e procedimentos divinos devem estar em operação aqui na Terra como estão em plena força no Céu.

Isso significa que o Senhor escolherá um mensageiro apenas num determinado momento ou local e canalizará através desse único instrumento, a luz para essa geração numa área geográfica específica que pode ser o mundo inteiro ou qualquer parte limitada dele. A responsabilidade do mensageiro pode estar confinada a uma nação e ele pode ou não ter um contemporâneo ou mais em outros países, pelos quais ele provavelmente é desconhecido.

Deve ser mantido perante as nossas mentes, para nunca ser esquecido, que é o próprio Deus e não o Seu mensageiro que elabora o plano. O homem de Deus simplesmente vai para onde é enviado e fala o que recebe para dizer.

Do ponto de vista daqueles que seguem a luz enviada pelo Céu, o ponto importante é que a pessoa através de quem o Senhor lhes envia a Sua luz onde quer que possam estar, é o mensageiro através de quem devem receber a verdade para o seu tempo e lugar. Assim são provados para ver se receberão a luz do Senhor através do canal da Sua escolha, ou se eles, à semelhança de Satanás, Adão e Eva, Miriam e

Arão, Coré, Datã e Abiram, rei Saul e muitos, muitos mais, rejeitarão a ordem divina preferindo os seus próprios caminhos.

Deve ser salientado nos termos mais fortes possíveis que não estamos apresentando um plano de invenção humana destinado a exaltar o mensageiro, mas um plano formulado na mente do infinito para aperfeiçoamento dos santos e finalização da sua obra. Tenho esperança que, antes de rejeitardes estas propostas, cuidadosamente considereis as evidências e argumentos que deveis seguir. A vossa vida eterna depende disso.

Foi afirmado que é essencial enfrentarmos e passarmos no teste que Lúcifer falhou. Para conseguir isso, as mesmas situações de teste dos princípios devem ser estabelecidas aqui como no Céu, e assim tem acontecido repetidas vezes.

Mas, uma vez mais, é verdade que o próprio Senhor não estabelece situações de prova como tal. “Ninguém, sendo tentado, diga: ‘de Deus sou tentado;’ porque Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta.” *Tiago 1:13*.

“O que é tentação? — É o meio pelo qual aqueles que afirmam ser filhos de Deus são provados e experimentados. Lemos que Deus tentou Abraão, que Ele tentou os filhos de Israel. Isto significa que Ele permitiu que ocorressem circunstâncias que provassem a sua fé e os levasse a olhar para Ele em busca de auxílio. Deus permite que a tentação venha sobre o Seu povo hoje, de modo que possa compreender que Ele é o seu Ajudador.” *The S.D.A. Bible Commentary 1:1094*.

Portanto, se Deus não estabeleceu a situação de prova para tentar alguém, mesmo assim isto tem-se provado que é um teste onde muito poucos têm sido capazes de vencer, deve haver uma outra razão válida para colocar em operação na Terra os mesmos procedimentos para a construção do reino usados no Céu.

Assim foi. Tudo se baseia no facto que o Senhor conhece e aceita apenas um sistema para a construção do reino, ao passo que deixa aos homens e demónios a futilidade de construir de acordo com qualquer método alternativo. Se o Altíssimo Criador tivesse que decidir não construir na Terra como construiu no Céu, como podia Ele construir na Terra; a que sistema alternativo poderia Ele recorrer que produzisse a gloriosa perfeição necessária para restaurar o reino à sua plena ordem de funcionamento?

A resposta é que Ele não tinha mais nada a que recorrer, nenhum princípio e procedimento de construção do reino edificaria o único Paraíso que Lhe era aceitável. Deus só aceitaria o Seu método e nenhum outro. Trabalhar para estabelecer qualquer outro seria trair-Se a Si próprio e ao Seu povo. Nós necessitamos de compreender isto e apreciá-lo verdadeiramente.

Foi assim que Deus estabeleceu nesta Terra, tendo oportunidade de tempos em tempos, estruturas do reino que eram reproduções da soberania estabelecida no próprio Céu. Isso só pode significar que, tão certo quanto Deus designou uma Pessoa no Céu através da qual canalizar toda a luz para as Suas criaturas, assim, de tempos em tempos, e de um lugar para outro, Ele escolheu uma pessoa nesta Terra através da qual comunicar as Suas mensagens. Isso não significa que Emanuel foi ignorado ou será. A luz fluiu através d’Ele como antes, e depois através do único mensageiro da escolha de Deus.

A Sua acção é a expressão da Sua vontade em oposição directa à vontade de Satanás e seus seguidores. Naturalmente, o Senhor está muito ansioso por sermos contados do Seu lado, e, portanto, nos ensinou a orar para que Ele estabelecesse o Seu reino na Terra, assim como está estabelecido no Céu. A instrução para fazer isso está contida no modelo de oração que Cristo ensinou aos seus discípulos. Quantas vezes essa oração foi repetida sem que o suplicante percebesse o que estava realmente a pedir quando proferia as palavras: “Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu.” *Mateus 6:10*.

Olhemos para aquelas palavras mais atentamente, pois estou certo de que necessitamos de compreendê-las melhor do que já alguma vez o fizemos, de modo que, quando as usarmos, compreendamos o significado daquilo que estamos a pedir.

Ditas com maior pormenor, aquelas palavras estão dizendo: “Nós pedimos que o Teu reino seja estabelecido nesta Terra do mesmo modo e pelos mesmos princípios e procedimentos como é no Céu. Isto significa que estamos a pedir que, exactamente como o Altíssimo transmite toda a Sua luz através de um único mensageiro no Céu, faça o mesmo na Terra. Que nos torne capazes de identificar o mensageiro da Sua escolha e nos dê a graça de submissamente recebermos a Sua luz através do Seu servo escolhido.”

Quer compreendais ou não, isso é o que as palavras significam quando orais, “Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu”. *Mateus 6:10*.

Estivestes a pedir ao Senhor que uma vez mais estabelecesse um homem como único mensageiro na Terra como fez várias vezes no passado. Portanto, é uma oração que pode ser feita sinceramente apenas por aqueles que estão em harmonia com a ordem divina.

Notai, que não estou a falar aqui de um movimento de um homem, pois isso é outra coisa. Um movimento de um homem é um sistema em que um único homem é o poder controlador, o administrador, aquele que toma as decisões e o dirigente. Nos dias de Moisés, quando Israel era uma nação e também uma igreja, era tanto um movimento de um homem, como de um único mensageiro.

Mas devido a repetidas apostasias, Israel perdeu a sua condição como nação justa e os membros da igreja foram espalhados por toda a largura e comprimento da Terra. Com essa dispersão depois da perda final do território nacional, os dias de um movimento de um homem terminaram, mas não o dia de um único homem como canal para a mensagem.

Para estabelecer o ponto que é o método do Senhor designar uma pessoa e falar através dela, temos apenas que seguir a regra vital de olhar para aquilo que o Senhor tem feito e dito, juntamente com as bênçãos derramadas sobre aqueles que operaram em harmonia com aquilo que Ele fez e obedeceram ao que Ele disse. Devíamos também observar e estar cientes da sorte daqueles que nunca a seguiram nem obedeceram.

Assim, com a imensa vantagem de podermos olhar para trás, examinaremos a história bíblica a fim de ver claramente aquilo que Deus tem feito e para ouvir aquilo que Ele disse. Então as nossas vidas serão moldadas de acordo com isso. Mantende em mente que temos de fazer muito melhor do que fizeram os movimentos do

passado e muito melhor do que nós próprios temos feito, se quisermos receber a chuva serôdia e ver a obra finalizada. A ordem evangélica deve ser compreendida e estabelecida entre nós. O reino de Deus deve ser construído na Terra exactamente como ele é no Céu. A Sua vontade tem que ser feita na Terra como no Céu. Quando isso acontecer, maravilhar-nos-emos perante o poder da igreja e sua prosperidade.

O início deste exame deve começar pelo período patriarcal que se estende de Adão até Jacó e cobre um período de 2.315 anos. Esta é uma era sobre a qual não temos grande quantidade de informação, mas há o suficiente para nos revelar que a ordem divina foi fielmente implementada e mantida por aqueles que eram fiéis a Deus.

Infelizmente, houve um terrível afastamento do caminho do Senhor até que na altura em que a arca estava pronta para partir, havia apenas oito almas dispostas a obedecer aos mandamentos do Senhor como declarado através do patriarca Noé e entraram nela em segurança. Mas sempre tinha havido poderosos e fiéis patriarcas que preservaram a viva verdade de Deus no meio da predominante apostasia.

Estes campeões da justiça foram os homens que viveram mais tempo no seu tempo e desempenharam os cargos de reis e sacerdotes. Como reis, governavam os justos de acordo com os princípios divinos de construção do reino, enquanto, como sacerdotes perante Deus, eram apenas ministros do sistema sacrificial, mas eram os canais através de quem o Senhor comunicava a Sua luz ao povo.

Para estar qualificado para este ofício, um homem tinha que sobreviver aos seus pais, pois a menos que o rei abdicasse, permanecia no trono até à morte. Esta era a lei da realeza tanto no mundo como na igreja, mesmo no Céu. No Céu, evidentemente, a morte não existirá, assim no que respeita ali, uma posição pode ser perdida apenas se for deixada vaga, como fez Satanás.

Entre Adão e Jacó, houve, durante os 2.315 anos, exactamente trinta e cinco homens, incluindo Enoque, que sobreviveram aos seus pais e assim se qualificaram para serem reis e sacerdotes.

Eles eram homens de intelecto gigante e incrível poder espiritual, mas isto não os capacitou para chegarem ao conhecimento da verdade simplesmente pelo emprego das suas maravilhosas capacidades para o fazer. Foi portanto *através* e não deles próprios que o Senhor transmitiu a Sua verdade ao povo, como está escrito: "Por meio de patriarcas e profetas revelou Ele Sua verdade a Seu povo." *Testemunhos para Ministros*, 405.

Esta revelação da forma como Deus comunicou as mensagens necessárias numa determinada altura, confirma que a ordem divina estava activa durante o período patriarcal. O patriarca foi o mensageiro de Deus para a sua geração. Quando ele morria, o filho mais velho que lhe sobrevivia, desempenhava o ofício.

Adão foi o primeiro rei e sacerdote e, no verdadeiro formato de ordem evangélica, ensinou aos seus filhos aquilo que o Senhor lhe ensinou.

"Durante quase mil anos Adão viveu entre os homens, como testemunha dos resultados do pecado. Procurou fielmente opor-se à onda do mal. Fora-lhe ordenado instruir sua posteridade no caminho do Senhor; e cuidadosamente guardou como um tesouro aquilo que o Senhor lhe revelou e repetiu-o a sucessivas gerações. A seus filhos e filhos de seus filhos, até a nona geração, descreveu a história de sua queda,

falando-lhes dos sofrimentos pelos quais Deus lhe ensinara a necessidade de estrita adesão à Sua lei e explicando-lhes as misericordiosas providências para a sua salvação. Todavia, poucos houve que deram atenção às suas palavras. Frequentemente defrontava ele com amargas exprobrações pelo pecado que acarretara tal desgraça à sua posteridade." {PP 47}, *Patriarcas e Profetas*, 78.

Jacó foi o último patriarca, os reis-sacerdotes através de quem o Senhor operava para construir o reino na Terra exactamente como é construído no Céu. Nesta obra, o Senhor encontrou um forte obstáculo por causa da escravidão do Seu povo no Egipto, até que por fim foi capaz de os libertar da sua cruel servidão.

Ao libertá-los da servidão, pôde começar a construir a Sua igreja na Terra, tal como ela é no Céu. Ele não conseguiu ter um sucesso completo devido, não a qualquer deficiência da Sua parte, mas à profundamente estabelecida resistência dentro do Seu povo para a implantação da ordem evangélica no movimento. O Senhor não os obrigaria e não obrigou a construírem segundo o padrão divino, pois na ordem evangélica não há poder compulsor. Ele deixou cada pessoa livre para escolher de que lado se colocaria.

Olharemos agora cuidadosamente para aquilo que o Senhor realmente fez na construção do Seu reino quando libertou o Seu povo, os levou para a Terra Prometida e os estabeleceu nesse país. Estaremos olhando para ver se o Senhor verdadeiramente construiu o Seu reino na Terra como ele é construído no Céu e verificaremos que isto é precisamente aquilo que Ele fez.

Nós vimos como, no Céu, Emanuel foi designado por Deus para ser o único mensageiro através de quem o Altíssimo canalizaria toda a Sua luz para toda a criatura no Universo. Portanto, esperaríamos que à medida que Ele efectuasse a tarefa de construir o Seu reino nesta Terra, escolhesse um mensageiro através de quem canalizar toda a luz necessária para o Seu povo nessa altura.

Isto foi precisamente o que Ele fez.

Moisés foi o homem que Deus escolheu e este chamamento foi tornado conhecido tanto aos anciãos de Israel, como a Moisés enquanto vivia no palácio. "Os anciãos de Israel foram instruídos pelos anjos de que o tempo para o seu libertamento estava próximo e que Moisés era o homem que Deus empregaria para realizar esta obra. Os anjos também instruíam a Moisés quanto a havê-lo Jeová escolhido para quebrar o cativeiro de Seu povo." {PP 171}, *Patriarcas e Profetas*, 250.

Estamos agora a olhar para aquilo que Deus fez, o mesmo que eles deviam ter feito naquela altura. O Altíssimo escolheu Moisés para a obra e informou Moisés e os anciãos daquilo que havia feito.

À luz da maravilhosa verdade que o Senhor actua unicamente segundo perfeitos princípios de justiça e que os Seus procedimentos para a construção do reino são eternamente os mesmos, aquilo que Ele fez no chamamento de Moisés, foi o único caminho que podia tomar. Doutro modo, isto é, se Ele não estivesse sujeito a agir apenas em perfeita justiça, podia ter feito alguma coisa diferente. Por exemplo, podia ter descido e aconselhar-Se com os anciãos e depois ordenar-lhes que nomeassem um número de promissores candidatos para o ofício. Em seguida podia ter-lhes dito que lançassem sortes para determinar o mais apto para a posição.

Mas, se Ele tivesse feito isso, com certeza não teria construído o reino nesta Terra como tinha feito no Céu. Portanto, não era possível Ele trabalhar por estes procedimentos.

Outra opção injusta seria escolher, não apenas um, mas vários homens para serem os canais através de quem instruiria, guiaria e governaria o povo. Mas, uma vez mais, isso teria sido construir a igreja na Terra por um método diferente daquele que Ele utilizou no Céu.

Ele não podia ter feito isto e não fez.

Nem Moisés sugeriu ao Senhor que lhe fosse dada a tarefa de levar Israel da sua servidão aos egípcios para um novo lar em Canaã. A escolha foi feita por Deus sem ter consultado Moisés ou os anciãos.

Quando os anjos informaram Moisés que havia sido o escolhido, este não resistiu à vontade de Deus como mais tarde faria junto da sarça ardente. Pelo contrário, ele organizou a sua vida de tal forma a estar pronto quando a altura viesse. Esta atitude altamente recomendável foi manchada pela sua má compreensão do carácter e caminhos de Deus, que o levou a esperar que a libertação viria pela força das armas.

“Os anjos também instruíam a Moisés quanto a havê-lo Jeová escolhido para quebrar o cativeiro de Seu povo. Supondo que deveriam obter sua liberdade, pela força das armas, tinha ele a expectativa de levar o exército hebreu contra as hostes do Egípto e, tendo isto em vista prevenia-se contra suas afeições, receando que, pelo seu apego à mãe adoptiva ou a Faraó, não estivesse livre para fazer a vontade de Deus.” [\[PP 171\]](#), *Patriarcas e Profetas*, 250.

Quando Moisés cometeu o terrível erro de matar o egípcio como um chamamento dos israelitas à revolta e nada sucedeu segundo as suas expectativas, naturalmente sentiu-se convencido que tinha destruído qualquer possibilidade para o cumprimento da sua missão para a qual Deus o havia chamado. Cabia agora ao Senhor, creu ele, escolher um substituto para a obra.

Ao adoptar estas convicções, demonstrou ainda maior ignorância acerca do carácter de Deus comum à maioria dos seguidores de Deus. É a noção que, quando um mensageiro do Senhor cai num grave pecado como muitos têm feito, essa pessoa desqualifica-se a si mesma para qualquer ocupação posterior da sua posição.

Não há dúvida quanto a ser uma coisa muito, muito grave, quando os servos de Deus escolhidos cometem erros graves por quaisquer razões, mas é também um grande erro concluir que o Senhor afastará o Seu mensageiro do seu divinamente apontado ofício por ter caído em pecado, ou cometido um terrível erro. Evidentemente, se o pecador mensageiro recusa arrepender-se do seu pecado, então ele separa-se a si próprio de Deus, dos crentes e da sua posição.

“Aceita francamente aqueles cuja maneira de proceder mais ofensiva Lhe tem sido; quando se arrependem, comunica-lhes Seu divino Espírito, coloca-os nos mais altos postos de confiança e envia-os ao acampamento dos desleais, para Lhe proclamar a ilimitada misericórdia. Quer que Seus servos dêem testemunho de que, mediante Sua graça, podem os homens possuir carácter semelhante ao de Cristo e regozijar-se na certeza de Seu grande amor. Quer que testifiquemos de que Ele não pode ficar satisfeito, enquanto a raça humana não for reavida e reintegrada em seus

santos privilégios de filhos e filhas de Deus.” {DTN 584}, *O Desejado de Todas as Nações*, 790.

Quando Deus se encontrou com Moisés na sarça ardente e lhe pediu que tomasse a obra da sua vida, não foi um encontro accidental. O Soberano Governante do Universo tinha orientado as coisas nesse dia de modo que o pastor estava a sós com o seu Criador, porque foi Moisés que foi chamado e não outro. Se o Senhor planeasse colocar a obra sobre mais do que uma pessoa, tê-los-ia preparado para receberem a sua missão juntamente, mas apenas um foi chamado, porque, de acordo com os princípios da ordem evangélica, um homem devia ser o canal através de quem o Senhor comunicaria a Sua luz ao povo.

Moisés demonstrou uma vez mais que não se submeteria tranquilamente aos princípios da ordem divina, porque, onde quer que o Senhor o chamasse sozinho, ele insistia que não estava qualificado para fazer toda a obra por si mesmo. Isto levou ao chamamento do seu irmão Arão para ir com ele a fim de ser o porta-voz.

Juntar Arão à obra não quer dizer que os procedimentos de Deus para a construção do reino tinham mudado, ou que tinham sido feitas concessões. A verdade é que Jeová nunca luta pelos Seus direitos, com o resultado de que foi obrigado a permitir algumas coisas que nunca teria feito ou colocado ali.

Portanto, o chamamento de Arão foi provocado pela incredulidade de Moisés, tal como aconteceu com os setenta anciãos mais tarde e não estava em harmonia com os princípios e procedimentos da ordem evangélica. Estava a juntar ao sistema de construção do reino um elemento que nunca deveria estar ali. Foi uma mistura do falso com o verdadeiro e eventualmente apenas podia ter introduzido sérias dificuldades, como aconteceu.

Por causa da sua posição a seguir a Moisés, era ele que tinha a responsabilidade do acampamento quando Moisés esteve ausente no Sinai. Devido à fraqueza do seu carácter, tratou muito mal com a crise que terminou com a fundição e adoração do bezerro de ouro e que custou a vida de muitos milhares.

Mais tarde outra vez, esteve envolvido com a sua irmã, Miriam, no ataque à posição de Moisés. Isso foi uma clamorosa traição dos princípios da ordem evangélica e serviu para confirmar o facto de que tudo aquilo que na igreja de Deus não é feito de acordo com a ordem divina é causa de graves problemas, desnecessários atrasos, grandes perdas e apostasias. Portanto, nós temos necessidade de evitar qualquer afastamento da estrita observância da ordem evangélica com a repugnância que isso merece. Podemos receber a chuva serôdia apenas quando a procuramos de acordo com os princípios e procedimentos da ordem divina. Devemos aprender a vital necessidade de orar com a verdadeira compreensão daquilo que estamos a pedir: “Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu.” *Mateus 6:10*.

Capítulo 37

Junho de 1989

O último capítulo terminou com os nossos olhos fixos naquilo que Deus estava a fazer na sarça ardente, onde estava chamando apenas Moisés para ser o instrumento para libertar Israel do Egito e levá-los à Terra Prometida. Com o maior cuidado, Jeová tinha escolhido o lugar de encontro, o momento e a pessoa que devia estar ali, sem que o sujeito da Sua escolha tivesse o menor aviso do que estava para acontecer.

Tivesse Ele pretendido que a tarefa fosse levada a cabo por um número de dirigentes, o Senhor teria feito provisão para que todos eles estivessem presentes junto da sarça ardente a fim de colectivamente receberem a sua missão. Mas, embora pudesse facilmente ter preparado tudo para que muitos homens e mulheres estivessem naquele lugar na altura, levou apenas um homem a este lugar de encontro e designou um homem para essa posição.

Seguindo estes procedimentos, Deus estava a estabelecer o Seu reino na Terra exactamente como ele é no Céu. Devia haver apenas um homem como mensageiro através de quem o Senhor canalizaria toda a luz para o Seu povo, exactamente como devia haver uma só Ligação no Céu. Uma vez que a luz havia sido revelada através de Moisés, ela devia ser transmitida por uma multidão de activos mensageiros que, no plano divino de construção do reino, deviam levar a verdade que lhes fora revelada por Deus através de Moisés a toda a nação na Terra. Assim edificaria o Senhor o Seu reino nesta Terra como ele é construído no Céu.

Mas Moisés não estava muito disposto a orar nessa altura: seja feita a Tua vontade assim na Terra, como Céu. Quando Deus declarou ao humilde pastor que Ele era o Deus de altíssimo poder que Se revelara a Abraão, Isaque e Jacó e que tinha agora vindo para libertar o Seu povo através dele, Moisés imediatamente começou a protestar com a sua incapacidade para a tarefa. Ele argumentou: “Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?” *Êxodo 3:11*.

Deus respondeu declarando aquilo que faria para a obra ser completamente bem sucedida. Os anciãos de Israel criam que ele era de facto o mensageiro do Senhor e obedeceriam às ordens de Deus como ele as transmitiria.

Mas Moisés persistiu na resistência à vontade do Senhor, assim, com incrível paciência, o Senhor continuou a chamá-lo, indo mesmo ao ponto de operar milagres na sua presença e na sua pessoa. Finalmente Jeová disse-lhe, “Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou Eu, o Senhor?”

“Vai pois agora e Eu serei com tua boca e te ensinarei o que hás-de falar.” *Êxodo 4:11, 12*.

Isso devia ter por fim estabelecido aquilo que devia estar estabelecido desde o início da conversa e isso teria acontecido se Moisés estivesse totalmente persuadido da ordem evangélica. Mas, mesmo agora, depois de todas as declarações de Deus e

das manifestações do Seu poder nos milagres realizados, Moisés recusando aceitar a missão disse: "Ah! Senhor! envia por mão daquele a quem Tu hás-de enviar." *Êxodo* 4:13.

Não é raro no homem ou na mulher a quem o Senhor escolheu, ser muito relutante em aceitar a posição de mensageiro do Altíssimo. Outros além de Moisés recuaram perante a posição e por fim apenas aceitaram quando receram fazer o contrário. Nenhum tomou a obra de ânimo leve, porque todos eles tinham claro conhecimento de alguns aspectos da solenidade das responsabilidades envolvidas e viam a sua própria insuficiência para a tarefa futura.

Creio que é mais difícil para a pessoa que o Senhor escolheu para Seu mensageiro aceitar-se a si mesma nesse papel do que o povo aceitá-la como tal.

Os princípios da ordem evangélica requerem que quando um homem é chamado por Deus para preencher uma posição, em nenhuma circunstância deve esse homem recusar a obra para a qual foi assim chamado. Se o fizer, será muito certamente à custa da vida eterna e resultará em grande perda para a igreja e para o mundo. A experiência de William Foy e Hazen Foss dão testemunho desta verdade, porque cada um deles sabia que se tinha privado da vida eterna quando recusou dar a mensagem que o Senhor lhes havia entregue. Somente uma visão do passado mostra o efeito do seu fracasso sobre a igreja e sobre o mundo.

Mas porque manifestaram eles tão grande relutância em aceitar o seu chamamento? Foi por causa de não estarem preparados para aceitar a ordem divina e construir o reino nesta Terra como ele é construído no Céu. Esta lição também Moisés teve que aprender. Mas na altura da entrega da sua missão, ele não tinha chegado à completa harmonia com a mensagem da ordem evangélica que requeria que se aceitasse a si próprio como único mensageiro de Deus para o Seu povo. Ele continuou a insistir que a obra era demasiado grande apenas para si e que o povo acharia este princípio demasiado difícil de aceitar.

Por isso o Senhor tinha que aceitar o melhor que Moisés era capaz de dar, um pouco menos que a perfeita e completa implementação da ordem evangélica. Arão foi chamado para ficar junto de Moisés e trabalhar com ele.

Se, sem protestos, Moisés tivesse de todo o coração avançado de harmonia com o divino sistema de construção do reino, Arão nunca teria sido escolhido, um passo que teria poupado a Israel uma grande quantidade de terrível sofrimento.

Por causa da sua posição próxima de Moisés, Arão foi o encarregado do acampamento quando Moisés esteve ausente no Sinai. Devido à grave fraqueza do seu carácter, tratou muito mal com a crise que terminou na fundição e adoração do bezerro de ouro. Muitos milhares perderam as suas vidas como um resultado directo.

Mais tarde outra vez, ele esteve envolvido com a sua irmã, Miriam, no ataque à posição de Moisés. Foi uma clara traição aos princípios da ordem evangélica e serve para confirmar o facto de que toda e qualquer coisa na igreja de Deus que não está realmente de acordo com os princípios da ordem evangélica, apenas pode produzir graves problemas, desnecessária demora, graves perdas e aprofundamento da apostasia.

Portanto, necessitamos de estar em guarda contra qualquer afastamento da mais estrita observância da ordem evangélica com a repugnância que isso merece. Necessitamos estar convencidos que a chuva serôdia nunca será derramada sobre uma pessoa que não esteja fielmente praticando os princípios e procedimentos da ordem divina. Devemos aprender a vital necessidade de orar com inteligente compreensão: “Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade assim na Terra, como no Céu.” *Mateus 6:10*.

Mesmo apesar de Deus ter dado Arão a Moisés para silenciar as suas objecções que tinha esquecido a língua egípcia, o Senhor não mudou o Seu princípio de falar unicamente por um mensageiro, pois o Senhor não falou através de ambos, Moisés e Arão. Deus falou através de Moisés e Moisés falou a Arão, o qual era um sistema de comunicação pouco eficiente. Todavia, o Senhor usou-o tão próximo do Seu ideal quanto possível nessa altura.

Deus disse a Moisés a respeito da posição e obra de Arão: “E tu lhe falarás e porás as palavras na sua boca; e eu serei com a tua boca e com a sua boca, ensinando-vos o que haveis de fazer.

“E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca e tu lhe serás por Deus.” *Êxodo 4:15, 16*.

“Então disse o Senhor a Moisés: ‘Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó e Aarão, teu irmão, será o teu profeta.

“Tu falarás tudo o que eu te mandar; e Aarão teu irmão a Faraó, que deixe ir os filhos de Israel da sua terra.” *Êxodo 7:1, 2*.

Assim, o profeta de Deus era Moisés e o profeta de Moisés era Arão. Deus transmitia ao Seu profeta, Moisés; e Moisés em seguida comunicava as mesmas mensagens a Arão que depois as dirigia àqueles a quem elas se dirigiam.

É importante que ninguém passe por alto o importante facto que, no estabelecimento do sistema nesta Terra que limitava a Sua comunicação à passagem através de uma pessoa apenas, Deus agiu sem consultar qualquer homem. Ele determinou na Sua infinita sabedoria e absoluta autoridade que esse era o processo que devia ser seguido. As pessoas desde Moisés até à menor nas fileiras, não tinham escolha senão aceitar o plano como ele vinha do Senhor, se desejassem continuar a ser uma parte da obra de Deus. Não havia espaço algum para quaisquer invenções ou modificações, porque é Deus e não o homem que determina como o reino deve ser construído.

Aqueles que não estivessem preparados para estudar o sistema que Jeová estabeleceu até o compreenderem claramente e de seguida operassem em perfeita harmonia com ele, eram classificados pelo Altíssimo como rebeldes e entregues à destruição. Muito mais do que estivemos preparados para fazer no passado, devemos prestar a maior atenção aos sistemas e procedimentos que o Senhor tem estabelecido e operar na mais estrita harmonia com eles.

Assim foi durante os confrontos com Faraó que por fim levaram o orgulhoso monarca a libertar os judeus, que Deus comunicou todas as Suas instruções através de um único homem, Moisés, que por sua vez falou através de Arão.

O mesmo padrão continuou a ser seguido quando partiram do Egipto, atravessaram o Mar Vermelho e por fim chegaram ao Monte Sinai. Todas as

mensagens de Deus para Israel foram transmitidas através do Seu mensageiro escolhido, Moisés, através de quem repetidas, consistentes e predizíveis acções, Deus tinha repetido e reiterado que esse era o Seu modo de construir o Seu reino.

Pensai nas implicações deste sistema divinamente instituído no que respeita ao levantamento de quaisquer outros aspirantes a mensageiros! Significaria que todo aquele que se levantasse com a afirmação de que ele ou ela era um co-mensageiro também com luz directamente enviada do trono da graça, podia apenas ser classificado como enganador, pois o Senhor não criou lugar para mensageiros adicionais. A mensagem transmitida por essa pessoa apenas podia ter vindo de si mesma e assim não podia ser a verdade. O Altíssimo nunca enviaria um mensageiro assim. Portanto, essa pessoa apenas podia ser mensageira enviada por moto-próprio que apenas podia ser uma maldição para a causa. Lúcifer tornou-se um mensageiro enviado por moto-próprio e vede que maldição ele se tornou.

Contudo, apesar da clareza com que as acções Deus podem ser vistas, Israel provou ser um aprendiz lento, se aprendiz alguma vez. Quando as dificuldades e os sofrimentos que as acompanham caíram sobre eles, abertamente demonstraram a sua incapacidade para ver que não era Moisés mas o próprio Deus que os guiava. Não estavam dispostos a aceitar e operar em harmonia com os princípios e procedimentos da ordem evangélica, pela qual deviam obedecer a toda a palavra que o Senhor disse através de Moisés.

Deste modo, quando chegaram às águas amargas em Mara, sentiram que as suas vidas estavam ameaçadas por falta de água pura e fresca, deram largas à sua ira sobre Moisés nascida do desapontamento. “E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: ‘Que havemos de beber?’” *Êxodo 15:24*.

Mas porque haviam eles de murmurarem contra Moisés? Não foi ele que os levou àquele lugar. Fora Deus que havia feito todos os planos, dado todas as ordens e suprido o poder necessário para fazer do inacreditável empreendimento o espantoso sucesso que se estava provando. Tivesse havido qualquer murmuração justificada — como certamente não havia — devia ser directamente contra o seu divino Guia e não contra o Seu porta-voz terrestre.

Pensai nas implicações de acusar Moisés, como se fosse ele que os trouxe a esta situação. Isto era atribuir-lhe o poder de os libertar do Egipto sem haver uma guerra, sem qualquer derramamento de sangue; o poder de abrir as águas do Mar Vermelho e de colocar a nuvem orientadora no céu e controlar os seus movimentos diários. Ninguém podia racionalmente negar que tais poderes somente pertenciam a Deus e que estarem onde estavam era uma obra do Ser onnipotente e de nenhum outro.

Mas, apesar desse poder e evidência serem incontestáveis, não venceu a determinação dos murmuradores de dirigirem as suas tendências para criticar o falível, visível, agente humano em vez de as dirigirem contra o Altíssimo que o enviou. Eles pensaram em seus corações que estavam simplesmente a lutar contra um homem semelhante a si mesmos — um caminho no qual não encontravam pecado — quando de facto estavam em rebelião contra o Altíssimo.

Não nos iludamos a nós próprios, pois criticar as mensagens do Rei dos reis ao ponto delas terem origem no divinamente escolhido e apontado mensageiro, não é

diferente de fazer um ataque directo ao próprio Deus. Jeová certamente considera a questão nesta luz e repetidamente tem advertido contra isso:

“Deus fala por meio dos agentes por Ele designados e que nenhum homem, nem grupo de homens, insultem o Espírito de Deus recusando-se a ouvir a mensagem da Palavra divina dos lábios de Seus mensageiros escolhidos. Recusando-se a ouvir a mensagem de Deus, fecham-se os homens num aposento de trevas. Excluem sua própria alma das grandes bênçãos e roubam a Cristo a glória que Lhe devia ser dada, mostrando desrespeito para com os agentes que designou.” *Testemunhos para Ministros*, 54.

“Se rejeitardes os mensageiros delegados por Cristo, rejeitais a Cristo.” *Testemunhos para Ministros*, 97.

Nada podia ser mais grave do que rejeitar Jesus Cristo, porque, fazer assim, é desligar-se do único Ser através de quem a vida eterna nos pode ser dada. E contudo, isto efectivamente acontece sempre que alguém rejeita os delegados mensageiros de Cristo. Aos que dão esses passos, parece apenas um acto sem consequências, pois eles crêem que podem encontrar as mensagens da verdade presente directamente de Deus por si mesmos sem terem que a receber através de um mensageiro. Mais de uma vez, pessoas me têm dito:

“Não preciso ler os escritos mesmo de quem fielmente se possa dizer que é um mensageiro. Tenho a Bíblia e o Espírito de Profecia. Seja qual for a mensagem apresentada, ela está nestes livros, e, sob a direcção do Espírito Santo, eu próprio posso também encontrá-la como se a recebesse através de um mensageiro falível.”

Fiz questão de observar os resultados do estudo efectuado pelas pessoas que tomaram a posição de rejeitar os mensageiros de Deus. Olhei para ver se acompanhavam a luz à medida que esta avançava sob o ministério ensinador dos mensageiros eleitos, pois sabia que se os princípios estabelecidos nesta mensagem são verdadeiros, não havia esperança de a receberem através de outro canal, as mensagens da verdade presente sem as quais não podemos ser preparados para receber a chuva serôdia.

Por outro lado, se acompanhassem a luz adicional e mais especialmente, se fossem à nossa frente, então isto apenas podia significar que eu não compreendia os princípios da ordem evangélica, estava caminhando num erro mortal e por conseguinte em sérias dificuldades.

Todavia, nunca uma só vez verifiquei que aquele que rejeitou os princípios do recebimento da luz de acordo com o modo como o Senhor escolheu construir o Seu reino, faz qualquer progresso na compreensão da verdade presente. Pelo contrário, tenho-os visto entrarem em confusão e mais frequentemente, voltarem para a igreja ou para o mundo de onde anteriormente se tinham separado. Que todos nós demos atenção à advertência contida nestas palavras citadas acima, pois elas são verdadeiras e não podem ser modificadas.

Elas estão escritas como uma solene advertência para os oficiais da igreja e para aqueles que as seguiram desde 1888, o Senhor enviou uma mensagem de maravilhoso poder e beleza ao povo adventista. Conhecemos os trágicos pormenores da lamentável atitude que os dirigentes tomaram nessa altura e oremos para que não

façamos em relação ao mensageiro escolhido por Deus como eles fizeram no passado, nem como os judeus fizeram em toda a sua história.

Ao estabelecer estes princípios, na verificação dos quais vos peço que observeis as posições tomadas pelo Senhor em todos os tempos, imploro-vos que leiais estas palavras para compreenderdes que não sou o autor destas ideias, porque eu não inventei a ordem evangélica. Ela foi formada na mente do Infinito e eu simplesmente escrevi para vós aquilo que o Senhor me revelou e ordenou que vos transmitisse.

Portanto, se descobris a disposição para murmurar sobre alguns aspectos do caso, não critiqueis o mensageiro. Em vez disso, dirigi as vossas acusações contra o Altíssimo – se tiverdes coragem.

Duas vezes antes de chegarem ao Monte Sinai, os peregrinos acusaram Moisés de os ter levado a uma situação em que não havia comida ou água que alimentasse as suas vidas. A primeira ocasião foi depois de terem deixado para trás as águas doces de Elim. As suas provisões estavam diminuindo e não tinham perspectiva de reabastecimento naquela terra árida. “E toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Aarão no deserto.” *Êxodo 16:2*.

Em resposta o Senhor declarou que lhes enviaria o maná todas as manhãs excepto ao sábado. No processo de transmissão desta informação através de Moisés e Aarão, o Altíssimo apareceu em majestoso poder na suspensa nuvem que tinha guiado os seus movimentos diários.

“Depois Moisés disse a Aarão: ‘dize a toda a congregação dos filhos de Israel: Chegai-vos para diante do Senhor, porque ouviu as vossas murmurações.’

“E aconteceu que, quando falou Aarão a toda a congregação dos filhos de Israel e eles se viraram para o deserto, eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem.” *Êxodo 16:9, 10*.

Havia uma clara razão para esta impressionante demonstração do poder e Presença divina. Foi um esforço da parte de Deus para os ensinar a seguir o sistema de construção do reino que Ele estava a construir na Terra como no Céu. Ele queria que soubessem que Moisés era aquele através de quem Ele falava e nenhum outro! Ele queria que compreendessem completamente, aceitassem e operassem dentro do âmbito desta verdade como está escrito:

“Um esplendor qual nunca antes haviam testemunhado, simbolizava a presença divina. Por meio de manifestações que se dirigiam aos seus sentidos, deviam obter conhecimento de Deus. Devia ensinar-se-lhes que o Altíssimo e não meramente o homem Moisés era seu dirigente, a fim de que temessem o Seu nome e Lhe obedecessem à voz.” {PP 206}, *Patriarcas e Profetas*, 300.

A segunda ocasião de murmuração depois de terem deixado Elim, foi em Refidim onde não havia água no acampamento. Outra vez, apesar das suas promessas e renovadas dedicações de fidelidade ao Senhor, acusaram Moisés de os ter levado a este desesperado apuro. Em resposta, o Senhor disse a Moisés que batesse na rocha, de onde uma viva corrente jorrou da rocha, depois do que eles nunca mais tiveram falta de água. Vede *Êxodo 17*.

Em seguida veio o cruel e cobarde ataque dos amalequitas que mataram aqueles que ficaram para trás por serem velhos ou fracos para acompanharem a multidão. Josué foi enviado para combater os amalequitas. A batalha era a favor dos israelitas

enquanto Moisés mantivesse as suas mãos erguidas acima da sua cabeça, mas virava-se contra eles quando devido ao cansaço elas baixavam.

Para resolver este problema, Arão dum lado e Hur do outro, davam a ajuda necessária para manter os seus braços continuamente erguidos, até os amalequitas serem convincentemente derrotados. Isto significa que o Senhor procurou ensinar-lhes que, enquanto Moisés fosse o Seu mensageiro, não podia fazer todo o trabalho resultante desse ofício, mas necessitava da ajuda e apoio do povo. Este papel de apoio não devia fazer deles mensageiros associados, mas ajudantes do mensageiro. Não deviam ficar junto dele com os seus próprios braços erguidos, nem deviam manter um braço no ar enquanto usavam o outro para ajudar o braço de Moisés.

“Apoiando Arão e Hur as mãos de Moisés, mostravam ao povo o dever de ampará-lo em seu árduo trabalho, enquanto de Deus recebia a palavra para lhes falar. E o acto de Moisés também era significativo, mostrando que Deus tinha o seu destino em Suas mãos; enquanto n’Ele depositassem confiança, por eles combateria e lhes subjugaria os inimigos; mas, quando se deixassem de apegar a Ele e confiassem em sua própria força, seriam mesmo mais fracos do que os que não tinham conhecimento de Deus e seus inimigos prevaleceriam contra eles.” {PP 209}, *Patriarcas e Profetas*, 304, 305.

Assim aconteceu que, durante todo o caminho desde a sarça ardente no Monte Sinai, com invariável consistência, o Senhor falou ao Seu povo através do único mensageiro, Moisés, tal como, no Céu, Ele falou com a mesma consistência através do único mensageiro, Emanuel. Ele demonstrou que construiria o Seu reino na Terra como no Céu; que executaria a Sua vontade aqui como executou no Céu. Veremos agora que em lado algum estava isto mais convincentemente declarado e demonstrado por Deus do que no Monte Sinai.

Contudo, um acontecimento teve lugar que parecia declarar que mesmo o Senhor tentou colocar de lado o sistema de um homem como único mensageiro, a fim de estabelecer comunicação directa com o povo em geral. Com grande majestade, o Senhor proclamou os mandamentos aos ouvidos do povo. Isso foi para eles uma aterradora experiência.

“E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos e o somido da buzina e o monte fumegando: e o povo, vendo isso, retirou-se e pôs-se de longe.

“E disseram a Moisés: ‘Fala tu connosco e ouviremos: e não fale Deus connosco, para que não morramos.’

“E disse Moisés ao povo: ‘Não temais, que Deus veio para provar-vos e para que o seu temor esteja diante de vós, para que não pequeis.’

“E o povo estava em pé de longe: Moisés, porém, se chegou à escuridade, onde Deus estava.” *Êxodo* 20:18-21.

Parece que o próprio povo estava agora em plena harmonia com o plano divino para lhes falar através de Moisés unicamente, um resultado alcançado pela terrível manifestação do Dador da lei no Monte Sinai. Pediram que fosse Moisés a falar com eles e não Deus.

Mas a questão não era acerca da transmissão de mensagens, mas sobre quem devia ser o seu Mediador, um papel que só Cristo podia desempenhar. Nem Moisés

ou qualquer outro homem vivendo na carne pecaminosa nesta Terra, podia alguma vez ser Mediador entre Deus e o homem. Que a questão era acerca de quem devia ser o seu Mediador é confirmado pelo parágrafo seguinte:

“A proclamação da lei dos Dez Mandamentos foi uma exibição maravilhosa da glória e majestade de Deus. Como afectou ao povo essa manifestação de poder? – Eles tiveram medo. Quando viram ‘os trovões e os relâmpagos e o somido da buzina e o monte fumegando’, o povo ‘retirou-se e pôs-se de longe. E disseram a Moisés: Fala tu connosco e ouviremos; e não fale Deus connosco, para que não morramos’. Êxodo 20:18, 19. Desejavam que Moisés fosse seu mediador. Não compreendiam que Cristo era seu designado Mediador e que, privados de Sua mediação, certamente seriam consumidos.” *Mensagens Escolhidas* 1:238.

Um argumento que me foi apresentado para apoiar a ideia de que o Senhor trabalha por mais do que um mensageiro ao mesmo tempo, foi baseado na afirmação que Deus falou por Miriam, irmã de Moisés e de Arão, no cântico de triunfo cantado depois dos israelitas terem sido libertados dos egípcios no Mar Vermelho.

Mas esse não era o cântico de Miriam, mas de Moisés. É assim que ele será chamado quando cantado pelos 144.000 no mar de vidro. Foi e sempre será um cântico de louvor a Deus ao livrar poderosamente o Seu povo.

“Apenas Jeová lhes trouxera livramento e para Ele volveram os corações com gratidão e fé. Sua emoção encontrou expressão em cânticos de louvor. O Espírito de Deus repousou sobre Moisés, que dirigiu o povo em uma antífona triunfante de acções de graças, a primeira e uma da mais sublimes que pelo homem são conhecidas.” {PP 200}, *Patriarcas e Profetas*, 291.

Não houve violação do divino princípio de transmissão de mensagem aqui. Foi através do Seu mensageiro escolhido, Moisés, que a inspirada mensagem deste cântico foi transmitida a Israel. Miriam simplesmente captou a mensagem assim revelada através do mensageiro e foi levada a cantá-la.

“Semelhante à voz do grande abismo, surgiu das vastas hostes de Israel aquela sublime tributação de louvor. Deram-lhe início as mulheres de Israel, indo à frente Miriã, irmã de Moisés, ao saírem elas com tamboril e danças. Longe, por sobre o deserto e o mar, repercutia o festivo estribilho e as montanhas ecoavam as palavras de seu louvor – ‘Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou.’” {PP 200}, *Patriarcas e Profetas*, 292.

Por muito que procureis, nunca encontrareis que o Senhor constrói o Seu reino de modo diferente na Terra de como o fez no Céu. A Sua vontade aqui é a mesma que ali.

Capítulo 38

Junho de 1989

O evangelho não foi algo que o Senhor apresentou aos israelitas como uma medida temporária enquanto cresciam até à estatura espiritual, até ao ponto em que podiam lidar com uma estrutura de organização mais sofisticada. Se tivesse sido assim, então o Monte Sinai, o lugar de destino onde o Senhor proclamou a Sua santa lei da qual o evangelho faz parte, teria sido o lugar para fazer alterações, mas nenhuma foi ali feita.

No Monte Sinai, Deus enfrentou pelo menos três classes de pessoas: a multidão mista, os hebreus que eram fracos na fé, aqueles cuja fé era mais forte e os que estavam nos vários graus entre estas classes. Arão, Miriã, Josué e Hur são exemplos da fé mais madura. Mas o imutável Deus proclamou a lei e um sistema de governo a todas estas pessoas. Ele não opera com princípios diferentes para cada classe. De facto, a respeito dos jovens na fé, Ele sabe que a melhor altura para estabelecer as Suas imutáveis verdades é quando o crente é novo na mensagem.

Portanto, no Monte Sinai, Ele continuou sem mudança a ensinar a mesma mensagem da ordem evangélica como sempre havia feito.

Moisés subiu várias vezes ao monte. Essas subidas foram efectuadas sempre com o propósito de receber luz do Senhor para o povo. Algumas vezes foi sozinho, noutras ocasiões com Josué, Arão e os seus dois filhos Nadabe e Abiú e os setenta anciãos. Todavia, todas as vezes que subiu, com outros ou não, só ele entrou na directa presença do Senhor e somente a ele foram dadas mensagens para serem transmitidas ao povo que esperava em baixo.

“Logo depois de se acamparem no Sinai, Moisés foi chamado à montanha a encontrar-se com Deus. Sozinho subiu a íngreme e áspera vereda, e aproximou-se da nuvem que assinalava o lugar da presença de Jeová. Israel ia ser agora tomado em uma relação íntima e peculiar para com o Altíssimo — sendo incorporado como uma igreja e nação sob o governo de Deus. A mensagem dada a Moisés, para o povo, foi:

“Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a Mim; agora pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então sereis Minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a Terra é Minha. E vós sereis um reino sacerdotal e o povo santo.” (Vede Êxodo 19.)

“Moisés voltou ao acampamento, e, tendo convocado os anciãos de Israel, repetiu-lhes a mensagem divina. Sua resposta foi: ‘Tudo o que o Senhor tem falado, faremos.’ Assim entraram em um concerto solene com Deus, comprometendo-se a aceitá-l’O como seu Governador, pelo que se tornavam, em sentido especial, súditos sob Sua autoridade.

“De novo seu chefe subiu a montanha; e o Senhor lhe disse: ‘Eis que Eu virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando Eu contigo, e para que também te creiam eternamente.’ Quando deparavam dificuldades no caminho, estavam dispostos a murmurar contra Moisés e Arão, e acusá-los de tirar as hostes de Israel do Egito para as destruir. O Senhor queria honrar Moisés perante eles, a fim de que pudessem ser levados a confiar em suas instruções.” {PP 213}, *Patriarcas e Profetas*, 309.

Depois disto o Altíssimo pronunciou os solenes requisitos da Sua santa lei, seguidos dos vários pormenores a respeito da observância dessa lei, cujos detalhes foram entregues a Moisés que, por sua vez, devia informar o povo acerca deles.

Então, pouco tempo depois, o Senhor instruiu Moisés para que subisse à montanha na companhia de outros, mas tornou muito claro que apenas Moisés devia ir à presença do Senhor.

“Depois disse a Moisés: ‘Sobe ao Senhor, tu e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e inclinaí-vos de longe.

“E só Moisés se chegará ao Senhor, mas eles não se cheguem; nem o povo suba com ele.” *Êxodo 24:1, 2.*

Em seguida, Moisés subiu com Josué. Mas Josué não foi com ele à presença de Deus. Durante seis dias, Moisés esperou pacientemente antes de estar espiritualmente preparado para ouvir as palavras do Senhor.

“Durante seis dias a nuvem cobriu o monte, como sinal da presença especial de Deus; contudo, não fez revelação alguma de Si, nem comunicação de Sua vontade. Durante este tempo Moisés permaneceu à espera de um chamado à audiência com o Altíssimo. Havia-lhe sido determinado: ‘Sobe a Mim ao monte, e fica lá’; e, se bem que sua paciência e obediência fossem provadas, não se tornou cansado de esperar nem abandonou o posto. Este período de espera foi-lhe um tempo de preparo, de íntimo exame próprio. Mesmo este servo favorecido de Deus não poderia de pronto aproximar-se de Sua presença, e resistir às manifestações de Sua glória. Seis dias deviam ser empregados em dedicar-se a Deus, mediante o exame próprio, meditação e oração, antes de poder estar preparado para comungar directamente com seu Criador.

“No sétimo dia, que era o sábado, Moisés foi chamado para dentro da nuvem. A espessa nuvem abriu-se à vista de todo o Israel, e a glória do Senhor irrompeu semelhante a um fogo devorador. ‘Moisés entrou no meio da nuvem, depois que subiu ao monte: e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites.’ Os quarenta dias de permanência no monte não incluíam os seis dias de preparo. Durante os seis dias Josué esteve com Moisés, e juntos comiam do maná e bebiam do ribeiro que descia do monte. Mas Josué não entrou com Moisés na nuvem. Ficou fora e continuou a comer e a beber diariamente enquanto esperava a volta de Moisés; Moisés, porém, jejuou durante todos os quarenta dias.” {PP 221}, *Patriarcas e Profetas*, 321.

Durante aqueles quarenta dias, e os segundos quarenta que se seguiram pouco depois, tremenda quantidade de luz foi comunicada a Moisés para ser passada por ele ao povo quando voltasse para ele. O resumo do relato daquilo que lhe foi mostrado no monte está preservado em *Êxodo 25-31; 35-40.*

Este é um relato extremamente breve daquilo que foi revelado ao mensageiro do Senhor para o povo. Para obter uma ideia de quão resumido, somente tem que se considerar que o relato escriturístico, que temos na Bíblia, pode ser comodamente lido em meia hora ou menos, atendendo a que levou oitenta dias a ser transmitido a Moisés. Tentai apenas calcular a quantidade de páginas impressas que seriam necessárias para registrar tudo o que foi revelado ao homem de Deus durante quase três meses de concentrada, contínua, inspirada educação na própria presença do Altíssimo que foi o seu Mestre em pessoa durante esse período.

Não aprendeu só os pormenores do desenho do santuário e dos serviços que deviam ser efectuados nesse edifício; também lhe foi ensinado o significado espiritual de tudo o que estava relacionado com o tabernáculo, os sacerdotes que deviam servir ali e as próprias cerimónias. Num incomensurável poder e indescritível beleza, viu a glória do evangelho como o poder vivo do Onnipotente para o salvar do pecado e restaurar a criação perdida à sua perfeição original. A sua alma deve ter sido transportada em reverente solenidade e jubiloso deleite à medida que estas antigas verdades se abriam à sua maravilhada mente.

Nada disto lhe foi dado unicamente para sua edificação e salvação. Tudo o que recebeu foi-lhe transmitido para ser dado ao povo — primeiramente aos judeus, e depois, através deles, a todas as pessoas na Terra até que, no plano de Deus, todos tivessem verdadeiramente aprendido a servir ao Senhor. Moisés foi o mensageiro, o canal de comunicação entre Deus e o homem, o meio divinamente ordenado pelo qual a luz da verdade devia alcançar o povo.

Mas, e este é um ponto bastante vital, o Senhor não revelou aos olhos de Moisés todas as verdades que podem ser aprendidas. Por exemplo, nenhuma revelação lhe foi dada sobre a batalha do Armagedom, a marca da besta, os cento e quarenta e quatro mil e outros temas relacionados com os acontecimentos que deverão suceder-se durante os dias finais do grande conflito.

Pelo contrário, na Sua infinita sabedoria e perfeito conhecimento das suas necessidades, comunicou-lhes através de Moisés aquilo que necessitavam para esse tempo e lugar. Por outras palavras, Ele ensinou-lhes a *Verdade Presente*. Era a sua sagrada responsabilidade limitarem-se a si mesmos às áreas de estudo apresentadas por Deus através do mensageiro. Isso foi mais do que suficiente para os manter totalmente ocupados durante toda a sua vida sem explorarem áreas a que o Senhor não os tinha levado.

Ao mensageiro evidentemente, não é requerido levar pessoalmente a luz a todas as pessoas no mundo. Seria uma tarefa demasiado grande para um homem realizar. Além disso, se esse fosse o plano, privaria aqueles que ouvem e aceitam a verdade de participarem na bênção de ensiná-la a outros.

Na ordem evangélica, há apenas um mensageiro através de quem Ele comunica a verdade presente até que a obra da vida desse mensageiro termine, como foi com Moisés precisamente antes da travessia do Jordão. Durante a obra de mensageiro, a sua responsabilidade era ser mensageiro para os dirigentes. “Todas estas instruções foram cuidadosamente registadas por Moisés, que as comunicou aos chefes do povo.” {PP 245}, *Patriarcas e Profetas*, 355. Eles por sua vez deviam ensinar o povo, que, sob a direcção dos sacerdotes e anciãos deviam ser mensageiros para mundo.

Assim, na estrutura da construção do reino de Deus, há muitos obreiros e muitos mensageiros, mas há apenas um mensageiro principal através de quem o Senhor faz as Suas revelações iniciais da verdade presente. Todos os outros que transmitem a luz devem receber a verdade de Deus através desse único mensageiro. (A situação durante a chuva temporã e a chuva serôdia será discutida mais tarde.)

Observemos agora mais de perto aquilo que Deus fez no Monte Sinai para ver se Ele continuou a construir na Terra o Seu reino como ele é no Céu.

O que verificamos claramente? O que fez Deus em comparação com aquilo que fez no Céu?

Se tivesse sido possível dentro da estrutura dos Seus rectos princípios – o que certamente não teria sido – podia ter dado audiência a uma sucessão de homens devotos e capazes aos quais teria transmitido as verdades que desejava que o povo aprendesse. Um deles podia ser designado para se especializar no ensino do evangelho básico; outro, no significado espiritual da circuncisão que era a assinatura do concerto eterno; outro, no papel dos serviços diários na contínua obra da reforma; e a outro, o significado do serviço anual.

Isto é uma coisa que Ele podia ter feito, mas não fez. Múltiplos mensageiros não fazia parte do procedimento divino de construção do reino, porque Ele havia determinado que houvesse apenas um mensageiro e que todos os outros mensageiros recebessem a luz da Fonte infinita através do escolhido.

Alguns podem argumentar que, se isto fosse verdadeiramente assim, Deus teria mostrado parcialidade, que tinha um filho favorito a quem tinha concedido abundantes privilégios e honras negados a todo o resto. Eles argumentariam que esse era um esquema que podia apenas originar orgulho naquele que era tão abençoado e provocaria inveja em todos os outros.

Estes são os próprios argumentos que Lúcifer levantou quando se rebelou contra a ordem divina no Céu e iniciou o longo, negro registo do sofrimento humano, da destruição e morte. O próprio fruto destas propostas é mais do que suficiente para expor a sua miserável natureza e afastar-nos deles para sempre. Contudo, estranho como pareça ser, tão embebido está o espírito de rebelião na natureza, que há uma poderosa disposição, mesmo entre os cristãos, para perpetuar esta rebelião procurando construir o reino de Deus de outra maneira diferente da Sua.

Tais argumentos põem em dúvida a sabedoria e amor do Criador; eles implicam que Deus está mais interessado em servir os Seus próprios interesses do que em construir um reino de justiça e perfeita paz. Esta acusação é total e unicamente malícia e falsidade. Deus é tão infinitamente amor que nada faz para Si próprio. Tudo o que Ele faz é para os outros e é o melhor que pode ser feito por eles.

O facto é que Deus escolhe um homem através de quem transmite toda a verdade presente para esse tempo. Não chama vários mensageiros, nem mesmo um mensageiro associado. Esse é o simples, irrefutável, inalterável facto do caso. Não temos outra segura ou razoável escolha do que aceitar o facto quer o compreendamos ou não. Ninguém pode negar isso. Quem quer que tente fazê-lo coloca-se a si próprio numa situação impossível.

Pensai nas implicações: Se não foi Deus que planeou tudo, então quem o fez? Teria que ser o ambicioso Moisés. Ele teria que ter determinado que, de qualquer

maneira, teria que influenciar e controlar o Altíssimo para reservar a posição para si somente. Isso significaria que, na sarça ardente, Moisés de algum modo no seu habilidoso esquema, teve sucesso em fazer descer o Altíssimo perante quem faria uma convincente actuação de falsa humildade até ser finalmente instalado na posição que ele sempre tinha desejado.

Teria significado que o testemunho que o Senhor deu a respeito de Moisés de ser o homem mais manso que jamais viveu na Terra era uma monstruosa mentira, uma parte de uma gigantesca conspiração entre Deus e Moisés para injustamente exaltar o último. Significaria que Jeová tinha dado o Seu altíssimo poder para apoiar esta vil farsa na descida das pragas sobre o Egipto, na travessia do Mar Vermelho, nos milagres da provisão e protecção que eles experimentaram em todo o caminho e a especial aprovação dada a Moisés no Monte Sinai.

Significaria que Moisés era tão poderoso que podia realmente controlar o Onnipotente contra a Sua vontade e contrariamente aos Seus princípios. Tal ideia é absurda.

Portanto, se achais o facto verdadeiro difícil de aceitar, considerai a impossibilidade da alternativa.

Foi unicamente Deus sem qualquer referência à “sabedoria” dos anciãos ou julgamento de Moisés, que escolheu o Seu servo, falou e operou através dele com exclusão de todos os outros e guardou-o em segurança na sua posição até à morte.

É verdade que Deus ao dar a Moisés uma posição de tanto privilégio proporcionou-lhe uma oportunidade de se tornar orgulhoso como Lúcifer. Mas este é um perigo que todo o cristão enfrenta não importa quão baixo ou exaltado seja o seu estado.

Justamente tão breve quanto nos tornemos recipientes de algum dom celestial e abençoados com uma posição, o perigo do orgulho aí está, mas não há necessidade para nos rendermos à tentação. “Nenhuma tentação ou prova se permite vir àquele que é incapaz de resistir. Deus nos proveu de tão amplos recursos, que o homem jamais ter-se-ia encontrado na contingência de ser derrotado no conflito com Satanás.” {PP 235}, *Patriarcas e Profetas*, 342.

A vida de Moisés claramente prova esta verdade, porque, sendo durante quarenta anos a única pessoa através de quem o Senhor comunicou as mensagens de vida e luz ao Seu povo, nunca perdeu a sua mansidão, pelo contrário cresceu cada vez mais forte na graça à medida que os anos passaram. Assim pode ser com cada um de nós e não podemos culpar outro que não nós próprios se assim não for.

É também verdade que a inveja pode brotar nos corações e vidas de outros, tal como aconteceu em Lúcifer quando estava diariamente na própria presença do Deus do Universo. Este perigo é tão real que toda a pessoa devia estar em guarda contra ela. Vigiai a sua manifestação em vós mesmos e estejam prontos a afastá-la da vossa vida através do poder salvador da divina graça no momento em que descobris a mais pequena evidência da sua infiltração.

Embora o perigo seja tão constante como real, o tentador não tem o poder para vos forçar a tornar-vos invejosos. Mantende o vosso destino nas mãos de Cristo, não nas mãos do diabo.

Mas porque rezear que aquilo que o Senhor faz seja originador de mal? Aprendei a compreender e crer que, se fizermos uma total e decisiva fuga do mal, devemos prestar muita atenção àquilo que o Senhor faz e depois operar de harmonia com Ele. A nossa parte é obedecer sem hesitação. Devemos desempenhar a nossa parte na construção do reino na Terra como ele é no Céu. Já passou o tempo de tentar fazer as coisas certas do modo errado.

Estou muito impressionado com o facto que não só o próprio Deus opera em rigorosa e completamente previsível obediência aos princípios e procedimentos da ordem evangélica tal como as formulou e estabeleceu, mas aproveitou toda a oportunidade para guiar o Seu povo a ser igualmente tão rigoroso e previsível no seu amor e obediência à divinamente ordenada ordem.

Isto envolveu a Sua declaração de desaprovação a respeito da disposição de acusar Moisés como sendo o único causador de todas as suas dificuldades e exaltação do Seu servo fiel de tal maneira que poderosamente influenciou o povo para olhar e aceitar Moisés na posição onde o Senhor o tinha colocado. Portanto, quando chegaram ao Monte Sinai, o Senhor especificamente anunciou a Moisés que devia ser convincentemente aprovado por Ele na presença do povo, que ele devia saber que o Senhor o tinha apontado para a sua posição e que as palavras que ele lhes dirigia eram as próprias palavras de Deus e tinham tanta autoridade como se o Senhor as tivesse falado ao povo directamente. Por isso está escrito:

“De novo seu chefe subiu a montanha; e o Senhor lhe disse: ‘Eis que Eu virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando Eu contigo, e para que também te creiam eternamente’. Quando deparavam dificuldades no caminho, estavam dispostos a murmurar contra Moisés e Arão, e acusá-los de tirar as hostes de Israel do Egito para as destruir. O Senhor queria honrar Moisés perante eles, a fim de que pudessem ser levados a confiar em suas instruções.” {PP 213}, *Patriarcas e Profetas*, 309.

Não é tragicamente desapontador que Israel fosse tão rápido a esquecer as lições que o Senhor tão paciente e fielmente lhes ensinara. Quando temerosos pelas manifestações da presença pessoal de Deus, o espírito de rebelião que estava neles foi dominado por essa altura, mas as impressões nunca foram duradouras. Tão breve quanto a pressão da tentação veio sobre eles, voltaram aos seus caminhos rebeldes.

Porém, somos nós melhores do que eles? Verifica Deus que precisa ensinar-nos a lição apenas uma vez depois da qual ela nunca mais necessita de ser repetida, ou achamo-nos nós próprios voltando atrás como fizeram os antigos judeus?

“Muitos consideram os israelitas daquele tempo, e admiram-se de sua incredulidade e murmuração, achando que, se tivessem estado em lugar deles, não teriam sido tão ingratos; mas, quando sua fé é provada, mesmo com pequenas aflições, não manifestam maior fé ou paciência do que fez o antigo Israel. Quando levados a situações angustiosas, murmuram contra o meio que Deus escolheu para os purificar. Posto que sejam supridas suas necessidades presentes, muitos não estão dispostos a confiar em Deus para o futuro, e se acham em constante ansiedade, receosos de que a pobreza lhes sobrevenha, e seus filhos venham a sofrer. Alguns estão sempre a ver antecipadamente o mal, ou a aumentar as dificuldades que realmente existem, de modo que seus olhos ficam cegos às muitas bênçãos que lhes

reclamam gratidão. Os obstáculos que encontram em vez de os levar a buscar auxílio de Deus, a única Fonte de força, separam-nos d'Ele, porque despertam inquietação e descontentamento." {PP 205}, *Patriarcas e Profetas*, 297.

Portanto, devemos estabelecer-nos na verdade presente, a ordem evangélica, de tal maneira que não possamos ser movidos.

Capítulo 39

Julho de 1989

No nosso estudo do método pelo qual Deus consistentemente comunicou as Suas mensagens através de um único mensageiro durante a vida dessa pessoa, necessitamos de recordar a nós próprios que isso não é uma questão de favorecermos ou desfavorecermos o procedimento. Teremos que nos preocupar apenas com aquilo que o Senhor ordenou e devemos compreender que somos deixados sem outra escolha senão seguir os Seus caminhos. Podeis reunir todos os argumentos que fordes capazes contra o princípio da comunicação da mensagem através de um único homem, mas bastará apenas um exame da atitude de Deus em relação a estes procedimentos para remover qualquer objecção. Não é o nosso caminho mas o Seu que deve ser seguido na nossa adoração a Ele e serviço para Ele. O Senhor verdadeiramente tentou tornar isto claro ao antigo Israel.

“O propósito de Deus era ensinar ao povo que devem d’Ele aproximar-se com reverência e temor, e da maneira indicada por Ele mesmo. Não pode Ele aceitar uma obediência parcial. Não era bastante que nesta hora solene de culto *quase* tudo tivesse sido conforme Ele determinara. Deus pronunciou uma maldição sobre aqueles que se afastam de Seus mandamentos e não fazem diferença entre as coisas comuns e as coisas santas. Declara pelo profeta: ‘Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal: que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade... Ai dos que são sábios aos seus próprios olhos, e prudentes diante de si mesmos!... Dos que justificam o ímpio por presentes, ao justo negam justiça!... Rejeitaram a lei do Senhor dos exércitos, e desprezaram a Palavra do Santo de Israel.’ Isaías 5:20-24. Ninguém se engane com a crença de que uma parte dos mandamentos de Deus não é essencial, ou que Ele aceitará uma substituição daquilo que exigiu. Disse o profeta Jeremias: ‘Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?’ Lamentações 3:37. Deus não pôs em Sua Palavra ordem alguma a que os homens possam obedecer ou desobedecer à vontade e não sofrer as consequências. Se os homens escolhem qualquer outro caminho que não o da estrita obediência, acharão que ‘o fim dele são os caminhos da morte’. Provérbios 14:12.” {PP 257}, *Patriarcas e Profetas*, 373, 374.

Eu creio que há uma decidida tendência dos homens para prestarem culto à ideia que perfeição de procedimento não é tão importante como a sinceridade de motivos. Para eles, a fiel presença da última compensará mais do que o necessário, qualquer desvio da primeira.

Há uma certa medida de verdade nisto, mas apenas quando a luz sobre uma verdade particular ainda não está brilhando. Quando as trevas naquelas áreas forem dispersas e não há desculpa para não conhecer os procedimentos que o Senhor estabeleceu, então, não importa quão genuínos possam ser os nossos motivos, ou quão sinceros, não é nada menos do que voluntário desdém falhar em executar as

ordens de Deus. A questão é, mesmo apesar dos indivíduos poderem ser preparados para com sucesso se levantarem com os justos na ressurreição, a ignorância dos caminhos de Deus não produzirá aquela eficiência que tornará possível a Deus finalizar a Sua obra através deles.

Nunca houve maior necessidade de saber, compreender e pôr em prática todo o mandamento do Senhor do que agora que estamos entrando no esforço final para conseguir aquilo que nenhuma outra igreja na Terra alcançou — a construção do reino eterno. Há uma única forma pela qual este reino pode ser construído — o caminho de Deus. Doutro modo, todo o sacrifício que possais fazer, mesmo que seja dar a vossa própria vida, combinado com toda a sinceridade e dedicação que façais para a construção, edificareis essa abominável estrutura que é sempre o produto de tentar construir o reino de Deus pela maneira do homem — Babilónia, a Grande, a abominação da desolação, a mãe das prostitutas e a desolação da Terra.

É esta a razão pela qual todo o movimento chamado por Deus para ser o inimigo e destruidor de Babilónia tem acabado tornando-se em Babilónia e o amigo de todos esses babilónicos que alcançam a sua condição acima dela. Têm insistido na construção do reino de Deus pelos métodos do homem. Desse modo, apesar de acreditarem confiantemente que estão destruindo o reino de Babilónia, estão de facto estabelecendo e fortalecendo esse reino.

Todavia, apesar dos movimentos terem consistentemente falhado em trabalhar em harmonia com os planos traçados pelo divino Arquitecto, Deus, com contrastante consistência, tem mantido com impecável perfeição aquilo que revelou serem os procedimentos do Seu reino.

Pessoalmente, tenho sido profundamente impressionado com a forma como o Senhor tem inflexivelmente mantido posição firme em defesa daqueles homens e mulheres apontados por Si para serem os Seus mensageiros e por um lado continuando a transmitir a Sua luz através deles unicamente e quão totalmente, por outro, se colocou contra os que rejeitaram os mensageiros que Ele próprio escolhera. Nunca uma pessoa que o Senhor escolheu para ser Seu mensageiro, com ou sem dom profético, teve que lutar para preservar a sua posição. Tudo o que esses mensageiros tiveram que fazer foi ocuparem-se com a entrega das mensagens que o Senhor lhes deu para transmitirem ao povo, enquanto deixavam o Altíssimo proteger as suas posições até a obra estar feita. Nunca uma só vez o Senhor falhou em fazer isto com muita eficácia.

Uma coisa entre outras é certa. Se rejeitais o princípio de uma mensagem através de um único homem e defendeis a ideia de outros partilharem o papel de mensageiro principal, estais lutando com a vossa débil força contra o infinito poder do Omnipotente. Essa é uma luta que vós nunca podeis ganhar. Pelo contrário, colocar-vos-eis a vós próprios onde estais completamente separados da corrente de luz e verdade e nunca mais caminhareis com o povo de Deus. Sereis vós e não o mensageiro quem perderá a posição. Uma pessoa tem apenas que olhar o passado, para a breve história deste movimento a fim de ver quão verdadeiras são estas palavras.

Voltemos atrás de novo aos quarenta anos em que Moisés foi o mensageiro de Deus. Durante todo esse tempo, Jeová comunicou toda a Sua luz e a revelação daquilo que Israel devia fazer através de Moisés exclusivamente.

A menos que alguém tire uma conclusão errada destes factos, deve ser compreendido que isto não significa que o povo nunca estudou por si próprio, nem que discernimentos da mensagem revelada a Moisés nunca fluíram para ele. O povo necessitava estudar muito profunda, fiel e continuamente aquilo que o Senhor lhe tinha dado através do Seu mensageiro. À medida que o faziam, o Senhor abria os seus olhos para verem novas coisas na mensagem que tinham falhado em compreender da primeira vez que ouviram os ensinamentos. Porém, o que eles não estavam autorizados a fazer era afastarem-se das verdades que lhes eram transmitidas pelo Senhor através de Moisés, enquanto tentavam encontrar a verdade por si próprios indo a Deus directamente em busca de luz. Em adição a isto, também não deviam desenvolver novas mensagens adjuntas a serem ensinadas ao mesmo tempo que as mensagens já dadas por Deus através do Seu mensageiro.

Há relatos de tentativas feitas por alguns para ultrapassarem o mensageiro, ou de outro modo desenvolverem mensagens adjuntas. O resultado tem sido sempre um desastre, embora os envolvidos, em vez de procurarem ver isso por aquilo que realmente é, imaginam que foram libertos de escravidão da luz vinda através de um particular mensageiro e agora têm a liberdade de ir directamente a Deus por si mesmos. Falharam completamente em compreender que no momento em que deixaram no mais pequeno ponto os métodos de Deus para a construção do reino, começaram a construção de Babilónia.

Destes, Satanás foi o primeiro, o maior e o pai de todos aqueles que, desde então, têm sido enganados por estes falsos enganos. Será agora demonstrado pelas Escrituras que todos os rebeldes desde Satanás até hoje, teriam sido salvos da sua sorte se tivessem mantido a fé e operassem segundo os princípios da ordem evangélica e tivessem, portanto, continuado a construir o reino de Deus pelo método de Deus.

O gozo desta protecção da apostasia depende de ser convencido de certos factos e conclusões que devem ser tiradas deles. Em primeiro lugar, aqui estão os factos:

1. Deus é o supremo Governador do Universo que tem feito as leis que governam a operação do Seu reino. Estas leis são de igual validade na Terra e por todo o Universo, como são no Céu.

2. Nenhum ser criado jamais teve, ou terá, alguma coisa a dizer na formação destas leis divinas. Nós devemos aceitar e obedecer-lhes exactamente como o Senhor as decretou.

3. O próprio Deus obedece às Suas leis com impecável perfeição e requer de nós a mesma qualidade de perfeição.

4. A respeito das leis que governam a ordem evangélica, Ele declarou e demonstrou que apenas transmitirá as Suas mensagens através de um único mensageiro com exclusão de todos os outros por tanto tempo quanto o período de serviço desse mensageiro divinamente apontado continue. Então o mesmo sistema continua através do mensageiro seguinte escolhido pelo Altíssimo. No caso de Emanuel, o Eterno Pai especificou que o seu ofício de mensageiro fosse para toda a

eternidade do passado e eternidade do futuro. No caso de Moisés, ele foi desde a sarça ardente até à sua morte. Depois da sua ressurreição, retomou os seus deveres de mensageiro divinamente designado, nesta altura para os moradores do Universo que estavam desejosos de aprender mais acerca do mistério da salvação.

“Nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso desígnio da graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para que ‘os anjos desejam bem atentar’ e será seu estudo através dos séculos sem fim.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Mais tarde nesta série estudaremos a obra de mensageiro que será o ministério dos remidos na nova Terra e cujo papel começou por Moisés quando ele ressuscitou e foi levado para o Céu. A maravilhosa revelação desta obra é dada na identificação e ministério de Melquisedeque.

Isso virá mais tarde, porque, nesta fase é essencial que compreendamos como os factos descritos acima, se aceites e obedecidos, nos defenderão da apostasia.

Se crermos nestes factos por causa de termos absoluta fé na veracidade, integridade, justiça e sabedoria de Deus que lhes deu origem, positivamente saberemos que Ele construirá a Sua igreja transmitindo a luz da verdade através de um mensageiro principal.

Portanto, desde que identifiqueis esse mensageiro, sabereis que será inútil esperar novos mensageiros designados para este período de dever antes dele acabar, cujo acontecimento esperareis pacientemente no Senhor até Ele nomear um substituto.

Além do mais, limitareis o vosso estudo àquelas áreas designadas por Deus através do Seu mensageiro e guardar-vos-eis contra a tentativa de abrir essas áreas mais depressa do que Deus através do Seu mensageiro. Desse modo evitamos correr adiante do Senhor, particularmente quando um novo mensageiro está no processo de revelação. O Senhor na Sua infinita sabedoria sabe o que nós necessitamos estudar a fim de estar preparados para enfrentar as responsabilidades que colocou sobre nós. Ele não preenche essa necessidade parcialmente, mas envia tudo o que é necessário.

Recebendo apenas aquilo que vem através do canal apontado pelo Senhor muito simples e ordenadamente resolve um difícil problema — quais as verdades que devem ser estudadas agora pelo povo de Deus na preparação para a iminente crise? O que deve ser incluído e o que deve ser omitido? O que é essencial agora e o que deve ser deixado para mais tarde nesta vida ou mesmo no Céu?

Estas são questões vitalmente importantes, pois ninguém tem tempo ou energia para estudar toda a verdade que é válida na Bíblia e no Espírito de Profecia. Não há um único homem na Terra que possa dizer por si mesmo o que devia ser estudado e o que deve ser deixado. Unicamente Deus tem a resposta que é: “Estudai tudo o que vos envio através do mensageiro e abandonai tudo o mais não importa quão interessante e atraente possa parecer. Lembrai que Eva pensou que o fruto proibido era o mais atraente à vista e agradável ao paladar.”

É uma questão muito simples quer descansemos verdadeiramente pela fé em Deus, quer creiamos realmente que o Senhor proverá tudo o que necessitamos, nada menos e nada mais, sem necessitar de investigar o que pensamos que podíamos exigir. Assim o verdadeiro cristão pode repousar em perfeita paz todo o tempo.

Pode ser uma grave calamidade para o orgulho de alguns que se encontrem perante a compreensão que não podemos fazer qualquer contribuição para a mensagem ao procurar mensagens adicionais. Mas então, nem o mensageiro o faz. Ele é apenas o canal através do qual o fluxo corre. Nada é procurado por ele ou tem origem em si. Por exemplo, durante quase oitenta dias na presença de Deus, Moisés não fez mais do que ouvir e desse modo compreendeu aquilo que o Senhor desejava que o povo conhecesse, sem ele próprio dar a mais pequena contribuição para a mensagem.

Cristianismo é uma religião revelada que não pode ser conhecida doutro modo. Deus é a Fonte da revelação que passa através do Seu mensageiro Emanuel e em seguida através do mensageiro principal na Terra tal como Moisés que, por seu lado, a transmitia ao povo.

Permiti que resuma agora o ponto principal daquilo que foi apresentado. Em vista do facto que o Senhor comunica a Sua mensagem da verdade presente à igreja unicamente através do Seu canal escolhido e nenhum outro, absoluta e positivamente deve concluir-se que qualquer nova mensagem que chegue até nós de outra maneira que não através do instrumento da Sua escolha, não vem de Deus e não necessitamos dela mais do que necessitamos de um veneno mortal. Semelhantemente, o mensageiro que a traz não é de Deus, é por conseguinte um mensageiro enviado de moto-próprio — uma positiva maldição para a causa. Invariavelmente, quando se permite que a mensagem trazida por essa pessoa se desenvolva, é reconhecida como um erro mortal por aqueles que, na sua lealdade ao Senhor, são guiados e iluminados pelo Espírito Santo.

Quando este princípio for compreendido, aceite e praticado pelo remanescente final, a porta estará seguramente fechada para aqueles que vêm para desgarrar o rebanho, arrastar os discípulos consigo e estabelecer o erro nas nossas mentes. Que abençoado alívio isso provará ser!

Evidentemente, tal como temos aprendido durante o estudo de outros grandes temas como o carácter de Deus, há testemunhos aparentemente problemáticos que parecem repudiar totalmente o princípio que o Senhor se limita a Si próprio a um único mensageiro, apesar disso ser exactamente o que Ele tem feito uma e outra vez.

Um desses testemunhos lê-se como segue: “Deus fez de Sua igreja um conduto de luz, e através dela comunica Seus propósitos e Sua vontade. Ele não dá a ninguém uma experiência independente da igreja. Não dá a ninguém um conhecimento de Sua vontade para a igreja inteira, enquanto a igreja, o corpo de Cristo, é deixada na escuridão.” *Testemunhos para a Igreja* 3:414. Vede *Atos dos Apóstolos*, 163, {AA 90}.

Este testemunho é uma advertência a um homem que havia sido espírita e aparentemente afirmava que estava na posse de luz independente da igreja. A instrução aqui dada não era acerca de ser um mensageiro, mas acerca de ter um espírito de independência, de crer que toda a igreja estava em trevas, enquanto somente ele tinha a verdadeira luz sobre a condição da igreja. Obviamente, o Senhor não deixa a igreja em trevas, enquanto dá as Suas verdades a alguém independente.

O que faz Ele então para corrigir a situação na qual a igreja está a sair do seu caminho? Ele envia um mensageiro escolhido — um Elias, um João Baptista, um Messias — para proclamar a toda a igreja a sua necessidade de renascimento e

reforma. Assim, em vez de operar independentemente da igreja, Ele vem muito perto do Seu povo em amor, ministrando-lhes a Sua verdade através do mensageiro escolhido por Si.

Ele sabe que outros testemunhos se levantarão que poderiam ser interpretados de modo tal que pareceriam anular os princípios discutidos nestes estudos sobre ordem evangélica, mas quando vistos nos seus correctos contextos, não serão problema.

Voltar-nos-emos agora para a triste queda de Lúcifer para ver como a ordem evangélica o salvaria da rebelião e ruína. Como vimos, no Céu, havia apenas um ser através de quem todo o raio de luz, toda a mensagem para instruir, toda a revelação do carácter divino, toda a expressão da vontade da divina era canalizada para os habitantes do Universo através de um único Mensageiro e esse era Emanuel, o Unigénito de Deus. Esse é um facto irrefutável. Isto não quer dizer que Cristo pessoalmente entregasse a mensagem todas as vezes a todos os anjos, embora houvesse ocasiões em que Ele o fizesse. Mas houve também alturas em que Ele usou auxiliares para transmitir a mensagem em vez d'Ele. Este procedimento foi usado no Jardim do Éden quando Cristo enviou os Seus anjos para ensinarem a Adão e Eva e de novo quando enviou os Seus discípulos na obra missionária.

Portanto, qualquer mensagem que não viesse de Deus através de Emanuel, não era de Deus e isso era suficiente, se bem que não fosse a única razão para ser imediatamente recusada.

E isso era o que, sem hesitação, Lúcifer devia ter feito. Ele teria sabido com certeza, especialmente depois do grande concílio no Céu, que estas ideias que palpitavam na sua mente hiperactiva não tinham chegado até ele através do Mensageiro apontado por Deus, o Filho unigénito de Deus. Ora, se ele tivesse aceitado como regra inflexível da sua vida não aceitar o que chegasse até ele sem passar através do canal indicado pelo Senhor, teria rejeitado aquelas ideias e conceitos como erros mortais que eram e teria sido completamente salvo da rebelião e morte eterna.

Porém, na cegueira que ele tinha trazido sobre si próprio por causa de rejeitar a ordem evangélica como regra inflexível da sua vida, acreditou que aceitar unicamente aquilo que vinha através de Emanuel significava a sua submissão a uma restrita, limitada forma de viver na qual lhe era negado o acesso às vastas reservas de conhecimento e seria forçado a aceitar um baixo nível de educação. Ele considerou que estava ameaçado com escravidão intelectual da qual ele como representante libertaria todos os que o seguissem. Ele proclamou que: "Se este príncipe dos anjos pudesse tão-somente alcançar a sua verdadeira elevada posição, grande bem resultaria para todo o exército do Céu; pois era seu objectivo conseguir a liberdade para todos." {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 18.

Agora, sem dúvida, as mentes humanas estão facilmente ameaçadas com o mesmo pensamento. A perspectiva de aceitar apenas a luz que chega através de um determinado canal, é vista como uma imposição sobre elas de uma restrição da liberdade e da negação da investigação de tantos assuntos fascinantes e emocionantes. Isto é especialmente assim quando o instrumento não é um brilhante, sem pecado, anjo imortal, ou melhor ainda, o próprio Filho de Deus, mas é um pobre, fraco, humano, que habita na carne pecaminosa exactamente como qualquer

um. Portanto, é difícil para o povo de Deus fazer disso um hábito inflexível das suas vidas aceitar apenas aquilo que vem através do canal divinamente apontado.

É importante que uma clara distinção seja feita entre a pura mensagem e o imperfeito canal através do qual ela é comunicada. Enquanto é necessário ao mensageiro viver uma vida exemplar, não deve ser esquecido que a pressão da tentação que está sobre ele é muito maior do que a experimentada por aqueles que não têm a mesma responsabilidade sobre si. Embora isto nunca possa ser uma desculpa para o pecado, muitos mensageiros chamados pelo Senhor têm lamentavelmente tropeçado e pecado, mas a mensagem que eles transmitiram passou ilesa a isto nem o Senhor os rejeitou.

Em face destes factos, quando o mensageiro é vencido pela tentação normalmente surgida da incredulidade que é filha do desencorajamento, como devem os crentes relacionar-se com a situação? Não deviam formar a sua própria opinião se ele ou ela deviam ou não ser despedidos. Deviam olhar firmemente e insistentemente para o Senhor procurando ver como Ele está a relacionar-se com a questão. Se Ele continua a enviar a Sua luz através daquele que caiu, então os crentes devem continuar a aceitá-la como vinda de Deus através dele como antes. Devem manter o padrão habitual de receber sempre a luz através do instrumento que Deus está usando para a comunicar a eles.

Mas apesar das aparências fortemente sugerirem que aqueles que definitivamente decidem estabelecer um padrão habitual assim, estão condenados a uma vida de limitada liberdade e atrofiamento dos seus poderes intelectuais, é de facto o oposto. Temos a certeza disto porque a palavra de Deus assim o diz e porque Jesus provou que assim era. "Em todas as coisas, punha Seus desejos em estrita obediência à Sua missão. Glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade do Seu Pai." *A Ciência do Bom Viver*, 19. Ele glorificava Sua vida sujeitando-a em toda as coisas à vontade do Seu Pai.

Cristo, quando esteve na Terra tinha desenvolvido incríveis poderes físicos, mentais e espirituais, um factor muito importante no desenvolvimento dos quais estava a Sua total submissão à forma de construir o reino de Seu Pai. Por outro lado, aqueles que crêem no argumento de Satanás que submissão ao sistema do recebimento que vem apenas através do canal escolhido por Deus é diminuir e lançar em escravidão, demonstra que na verdade é o oposto. O seu jactancioso caminho para a glória, realização intelectual e poder prova não ser mais do que um sonho, nunca uma realidade. Nunca isto foi mais dramática e convincentemente demonstrado do que na altura em que o rapaz de doze anos estava muito acima em conhecimento das mais altamente educadas mentes de Israel.

Podeis então abandonar aqueles receios a que vos apegais que, ao instituídes nas vossas vidas o irrevogável hábito de estudar apenas aquilo que o Senhor envia como verdade presente, estais desse modo sofrendo a privação e insensatez e omitiria o recebimento de mensagens das quais não desejaríeis ser mantidos em ignorância. Pelo contrário, podeis gozar antecipadamente os mais elevados desenvolvimentos de toda a faculdade e poder com o qual o Criador vos dotou. Sereis abençoados com a descoberta que sereis a cabeça e não a cauda, o primeiro e não o último e nada perdereis das verdades necessárias das quais aqueles que não edificam de acordo

com a ordem evangélica se têm separado. Então podeis testificar: “Oh! Quanto amo a ordem divina.”

Em seguida, com ainda mais penetrante antecipação podeis esperar o dia feliz na Terra renovada em que as seguintes palavras serão cumpridas.

“Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objectivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.

“Todos os tesouros do universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes – mundos que fremiram de tristeza ante o espectáculo da desgraça humana, e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma alma resgatada. Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade. Em todas as coisas, desde a mínima até à maior, está escrito o nome do Criador, e em todas se manifestam as riquezas de Seu poder.

“E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o carácter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

“E ouvi a toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.’ Apocalipse 5:13.

“O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D’Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.” *O Grande Conflito*, 674, 675.

Não há nada naquelas palavras para indicar que a construção do Seu reino resultará de serdes atrofiados e limitados, mas pelo contrário, sob a tutela divina encontrareis ilimitadas oportunidades para os mais elevados desenvolvimentos de

todos os poderes dos vossos seres. Mas somente herdarão tal alegria e deleite os que vivem segundo os princípios da ordem evangélica tanto agora como através de toda a eternidade.

Capítulo 40

Julho de 1989

Vimos agora que, se Lúcifer inabalavelmente se tivesse entregue ao recebimento apenas daquilo que era canalizado para ele através do Mensageiro divinamente apontado, Emanuel; se ele firmemente se tivesse dedicado à edificação do reino segundo os princípios e procedimentos de Deus; e se tivesse o padrão da sua vida de acordo com a ordem evangélica; teria sido completamente protegido de cair na transgressão e a Terra teria sido salva dos horrores que tem passado.

É agora altura de considerar como, se Adão e Eva tivessem feito o que Lúcifer devia ter feito, também eles teriam sido poupados da perda que sofreram e não se tornariam o meio através do qual a Terra foi marcada pela ruína. Vamos agora rever a sua história à luz específica da sua traição à ordem evangélica e ao seu fracasso na construção do reino de Deus na Terra como ele é no Céu.

No que diz respeito a Deus, os princípios estavam a ser aplicados na Terra no Jardim do Éden eram os mesmos que se mantinham no Céu. Deus era a Fonte infinita e Emanuel era o único Mensageiro principal e os anjos eram os seus ajudantes, os mensageiros secundários. Para Adão e Eva, assim como para todos os outros seres inteligentes no Universo, todo o raio de luz que vinha do Pai fluía através do Unigénito Filho de Deus. Tudo o que vinha através d'Ele era preciosa luz necessária e podia ser aceite com confiança por causa da sua absoluta segurança e integridade. Assim como sabiam que a verdade estava a chegar a eles através do Mensageiro apontado por Deus, deviam saber que podiam confiar absolutamente que era luz e verdade que lhes chegava através deste Agente, enquanto todo o pensamento, conceito, ideia, sugestão, ou mensagem que lhes chegasse por qualquer outro meio, podia ser apenas trevas e erro.

Era uma organização maravilhosamente simples que oferecia total segurança aos primeiros habitantes desta Terra e a todos os que viriam depois deles. Tudo o que eles tinham que fazer era trabalhar de acordo com este sistema.

Para assegurar que não havia qualquer elemento deficiente na divina provisão para a sua segurança e desenvolvimento, foram pessoalmente apresentados ao seu Mensageiro, Emanuel, com quem mantinham comunhão "...sem nenhum véu obscurecedor de permeio." {PP 22}, *Patriarcas e Profetas*, 34. Foram-lhes também apresentados os anjos que, como colaboradores de Emanuel, deviam ensinar ao santo par as coisas que deviam aprender de Deus através do Seu Mensageiro, o Unigénito de Deus. Maravilhosos eram os campos de estudo que Ele abria à sua admirada contemplação quer o fizesse pessoal e directamente ou através dos Seus ajudantes.

"O santo par não eram apenas filhos sob o cuidado paternal de Deus, mas estudantes a receberem instrução do Criador todo-sabedoria. Eram visitados pelos

anjos, e concedia-se-lhes comunhão com seu Criador, sem nenhum véu obscurecedor de permeio. Estavam cheios de vigor comunicado pela árvore da vida, e sua capacidade intelectual era apenas pouco menor do que a dos anjos. Os mistérios do universo visível – ‘maravilhas d’Aquele que é perfeito nos conhecimentos’ (Jó 37:16) – conferiam-lhes uma fonte inesgotável de instrução e deleite. As leis e operações da Natureza, que têm incitado o estudo dos homens durante seis mil anos, estavam-lhes abertas à mente pelo infinito Construtor e Mantenedor de tudo. Entretinham conversa com a folha, com a flor e a árvore, aprendendo de cada uma os segredos de sua vida. Com cada criatura vivente, desde o poderoso leviatã que folga entre as águas, até o minúsculo insecto que flutua no raio solar, era Adão familiar. Havia dado a cada um o seu nome, e conhecia a natureza e hábitos de todos. A glória de Deus nos Céus, os mundos inumeráveis em suas ordenadas revoluções, ‘o equilíbrio das grossas nuvens’, (Jó 37:16), os mistérios da luz e do som, do dia e da noite, tudo estava patente ao estudo de nossos primeiros pais. Em cada folha na floresta, ou pedra nas montanhas, em cada estrela brilhante, na terra, no ar, e no céu, estava escrito o nome de Deus. A ordem e harmonia da criação falavam-lhes de sabedoria e poder infinitos. Estavam sempre a descobrir alguma atracção que lhes enchia o coração de mais profundo amor, e provocava novas expressões de gratidão.

“Enquanto permanecessem fiéis à lei divina, sua capacidade para saber, gozar e amar, aumentaria continuamente. Estariam constantemente a adquirir novos tesouros de saber, a descobrir novas fontes de felicidade, e a obter concepções cada vez mais claras do incomensurável, infalível amor de Deus.” {PP 22}, *Patriarcas e Profetas*, 34, 35.

Portanto, eles conheciam pessoalmente o Mensageiro divinamente apontado, sem que tivessem alguma desculpa para falharem em reconhecê-lo ou aos Seus auxiliares escolhidos quando os visitassem. Isto significa que mais do que suficiente provisão havia sido feita a fim de possibilitar aos nossos primeiros pais a distinção entre o canal de comunicação de Deus e qualquer impostor que pudesse apresentar-se ao santo par para chamar a atenção e apoio deles.

Mas havia outro mensageiro a circular que fez grandes apelos por si próprio, enquanto com habilidade e maliciosamente escondia o facto que as suas propostas levavam à destruição. Em amor e misericórdia, Emanuel enviou os Seus anjos para declararem a Adão e Eva o verdadeiro carácter do falsificador, a triste história da sua queda, a natureza das suas tentações, o lugar onde aquelas tentações seriam levadas contra eles – a árvore da ciência do bem e do mal – e do horrível efeito da sua mensagem tanto para eles como para a sua posteridade.

“Nossos primeiros pais não foram deixados sem avisos do perigo que os ameaçava. Mensageiros celestiais expuseram-lhes a história da queda de Satanás, e seus tramas para sua destruição, explicando mais completamente a natureza do governo divino, que o príncipe do mal estava procurando transtornar. Foi pela desobediência às justas ordens de Deus que Satanás e seu exército caíram. Quão importante, pois, que Adão e Eva honrassem aquela lei pela qual somente é possível manter-se a ordem e a equidade.” {PP 24}, *Patriarcas e Profetas*, 44.

“Os anjos os advertiram a que estivessem de sobreaviso contra os ardis de Satanás; pois seus esforços para os enredar seriam incansáveis. Enquanto fossem

obedientes a Deus, o maligno não lhes poderia fazer mal; pois sendo necessário, todos os anjos do Céu seriam enviados em seu auxílio. Se com firmeza repelisses suas primeiras insinuações, estariam tão livres de perigo como os mensageiros celestiais. Se, porém, cedessem uma vez à tentação, sua natureza se tornaria tão depravada que não teriam em si poder nem disposição para resistir a Satanás.” {PP 25}, *Patriarcas e Profetas*, 45.

Dar a advertência era mais do que necessário, porque a adesão aos princípios da ordem evangélica era tudo o que era requerido para os salvar do enganador. Era assim que isto teria operado para sua total protecção de Satanás:

De Emanuel, o único Mensageiro verdadeiro, tinha vindo a instrução para Eva não se afastar do lado do seu marido. Esta indicação foi-lhe levada pelos anjos que estavam agindo por ordem do Mensageiro. Portanto, a ordem tinha tanta autoridade como se fosse o Próprio Deus a comunicá-la pessoalmente e devia ser implicitamente obedecida.

“Os anjos tinham advertido Eva de que tivesse o cuidado de não se afastar do esposo enquanto se ocupavam com seu trabalho diário no jardim; junto dele estaria em menor perigo de tentação, do que se estivesse sozinha. Mas, absorta em sua aprazível ocupação, inconscientemente se desviou de seu lado. Percebendo que estava só, sentiu uma apreensão de perigo, mas afugentou seus temores, concluindo que ela possuía sabedoria e força suficientes para discernir o mal e resistir-lhe. Esquecida do aviso do anjo, logo se achou a contemplar, com um misto de curiosidade e admiração, a árvore proibida. O fruto era muito belo, e ela perguntava a si mesma porque seria que Deus os privara do mesmo.” {PP 25}, *Patriarcas e Profetas*, 46.

Para ser um meio eficaz de protecção e o procedimento pelo qual o reino deve ser construído, as instruções de Deus dadas através de Emanuel devem ser obedecidas sem duvidar ou hesitar. Qualquer desobediência ou mesmo aprovação da parte de um ou de outro, é introduzir uma ordem diferente daquela que foi estabelecida pela divina autoridade e destruirá o reino em vez de o construir.

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu carácter, expressão do amor e sabedoria divinos. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade de todos os seres, de todas as coisas animadas e inanimadas, com a lei do Criador. Deus determinou leis não somente para o governo dos seres vivos, mas para todas as operações da Natureza. Tudo se encontra sob leis fixas, que não podem ser desrespeitadas. Todavia, ao mesmo tempo em que tudo na Natureza é governado por leis naturais, o homem unicamente, dentre todos os que habitam na Terra, é responsável perante a lei moral. Ao homem, a obra coroadora da criação, Deus deu o poder de compreender o que Ele requer, a justiça e beneficência de Sua lei, e as santas reivindicações da mesma para com ele; e do homem se exige inabalável obediência.” {PP 25}, *Patriarcas e Profetas*, 44, 45.

Assim então, se Eva tivesse vivido pelo princípio da ordem evangélica de estrita obediência às mensagens do Mensageiro, em vez de se referir à sua própria “sabedoria”, devia ter procurado imediatamente o seu marido logo que compreendeu que já não estava junto dele e dessa maneira teria permanecido em terreno seguro. No momento em que agiu na base das mensagens vindas de si

própria, tornou-se ela própria o mensageiro no lugar de Emanuel que era fazer-se a si própria Deus no lugar de Deus. Nesse momento, deixou de construir o reino de Deus na Terra como ele era no Céu e começou a edificação de Babilónia, “morada de demónios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda ave imunda aborrecível”; “a mãe das prostituições e abominações da Terra.” *Apocalipse* 18:2; 17:5.

Uma vez em frente da árvore, Eva foi confrontada com o outro mensageiro, o enviado por moto-próprio e que maldição para a causa ele provou ser. Agora, o que devia Eva ter feito imediatamente a fim de garantir a si mesma a imediata e total protecção, porque, mesmo apesar de nunca dever aproximar-se da árvore, podia ainda escapar incólume?

Ela podia ter recordado os princípios da ordem divina e em seguida procedido de harmonia com eles fugindo do lugar perigoso. Então, enquanto fugia desse terrível lugar sem esperar ouvir uma única proposta deste outro mensageiro, devia ter dito, tanto a si como ao diabo: “A ordem evangélica não mudou. Há ainda apenas um Mensageiro enviado pelo Senhor; somente Um que é o canal de luz e verdade, unicamente Um a quem devo ouvir e este não é Ele, nem um dos Seus auxiliares. Todos os outros me trazem uma mensagem de trevas e morte e eu não ficarei aqui para manchar e obscurecer a minha mente com sofismas mortais.”

Se ela tivesse feito isto, Satanás não tinha esperança de a seduzir. Teria regressado para junto do seu marido, ilesa da experiência, deixando a serpente numa terrível fúria de desapontamento e derrota. Tratemos com ele hoje da mesma maneira.

É altura de nos emanciparmos da ideia de que devemos estar familiarizados com o que está a ser ensinado pelas várias vozes que estão à nossa volta, certos de que não estamos em ignorância de qualquer verdade que possa estar em circulação. Tal como Eva, temos a tendência para nos sentirmos confiantes de que possuímos “sabedoria e força suficientes para discernir o mal e resistir-lhe”. {PP 25}, *Patriarcas e Profetas*, 46.

Tenho ouvido a apresentação desta filosofia pelos dirigentes da Igreja Adventista. Enquanto admitem sinceramente que os modernos escritores Protestantes produzem livros em que “verdade e erro” estão misturados, exprimem a confiança que podem detectar e rejeitar o último e receber as bênçãos espirituais contidas na primeira.

O tempo tem provado que a sua confiança foi colocada em lugar errado como foi a de Eva. Ele tem revelado que aqueles que defendiam a ideia que podiam com segurança estudar as obras de autores religiosos membros de igrejas que abertamente rejeitaram a mensagem do terceiro anjo, eles próprios rejeitaram a mensagem do terceiro anjo em verdade e não estão entre os que têm aceitado estas vivas verdades.

Tal como Eva foi aconselhada a não se afastar do lado de Adão, assim temos nós sido advertidos que “As igrejas denominacionais caídas são Babilónia”. *Testemunhos para Ministros*, 61. Somos aconselhados como ela, a “Sair do meio deles, e apartar-nos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei. E Eu serei para vós Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso.” *2 Coríntios* 6:17, 18.

Como podemos então possivelmente esperar encontrar a verdade não misturada com o veneno mortal do erro nos ensinamentos daqueles a quem o Senhor identifica

como Babilônia, o inimigo mortal de Deus e do Seu povo! Se cometermos o espantoso erro de não atender aos princípios da ordem evangélica e procurarmos luz nestes falsos mensageiros, podemos estar certos de que caminharemos em trevas e nos uniremos aos edificadores de Babilônia em vez de tomarmos parte na construção do reino de Deus como ele é construído no Céu.

Muitos, senão todos vós direis que não tendes nas vossas estantes livros de autores babilônicos sobre temas espirituais, nem os abristes pelas razões aqui enunciadas. Isso é ótimo no ponto em que isto vos leva a rejeitar os mensageiros que não estão qualificados nos princípios e procedimentos da ordem evangélica. Mas, antes de repousarmos satisfeitos de que somos totalmente obedientes a estes ideais, olhemos o assunto com mais pormenor.

Todos os que têm estudado estas lições deviam estar agora convencidos de que o Senhor transmite a Sua luz apenas através daqueles mensageiros escolhidos por Ele para esta tarefa. Portanto, não há necessidade investigar todos os ensinadores que vêm com uma mensagem. Tudo o que necessita ser feito é saber qual deles o Senhor escolheu para transmitir a Sua luz e não prestar atenção aos restantes. Simplesmente determinar a resposta à pergunta: “Quem é que Deus apontou para ser o mensageiro hoje e quem foi o Seu mensageiro no passado?”

Por exemplo, o Senhor informou-nos através da Sua serva, irmã White, que os pastores Waggoner e Jones foram os Seus mensageiros chamados para proclamar a preciosíssima mensagem da justificação pela fé. A irmã White aparentemente não participou do papel de mensageira desta luz especial para este tempo, mas foi nomeada para a obra de aprovar a mensagem dos mensageiros.

(Há muito boas razões para ter havdo dois mensageiros nesta altura em vez do único habitual. Pelo mesmo motivo, houve pelo menos doze mensageiros principais durante o período da chuva temporã e as indicações são que haverão ainda mais durante a chuva serôdia. As razões para isto serão discutidas na altura própria. Entretanto, esperai e confiai.)

Apesar do facto que somente estes dois homens tinham a vital mensagem presente e foram encarregados por Deus para a ensinar perante as consecutivas sessões da Conferência Geral começada em 1888 e continuarem durante alguns anos depois disso, a maior parte do tempo foi dado a outros oradores que não tinham a aprovação divina para transmitir mensagens como os pastores Waggoner e Jones. Portanto, para estar conforme a ordem evangélica, o que devia ter sido feito naquelas reuniões?

Na base da comunicação feita pelo Senhor, confirmada pelas inegáveis evidências em defesa, a assembleia de delegados e seus dirigentes deviam ter aceitado aqueles homens completamente e sem qualquer dúvida ou questão com a única mensagem presente.

Então deviam ter-lhes dedicado todo o tempo destinado a estudos bíblicos, enquanto todas as pessoas que assistiram às conferências deviam em humildade e oração entregar-se ao recebimento da luz de Deus através daqueles dois homens.

Em seguida, quando cada um estivesse bem conhecedor da maravilhosa luz e a tivesse como sua viva experiência pessoal pelo seu intenso estudo com oração, devia sair para o seu campo de trabalho individual como mensageiros auxiliares ou

ajudantes do mensageiro principal, para repetir ao povo aquilo que o Senhor Ihes havia revelado através do Seu mensageiro. Ninguém devia alguma vez pensar em estudar com a ideia que o Senhor Ihe daria uma mensagem adicional.

Quão diferente seria a história escrita acerca do período de 1888 se os princípios da ordem evangélica tivessem sido correctamente compreendidos, totalmente aceites e com fidelidade praticados naquele tempo decisivo! Nós com certeza não estaríamos neste mundo pecaminoso.

Limitar-nos a nós próprios àquilo que o Senhor envia através do Seu mensageiro não significa que devemos abandonar o Espírito de Profecia e a Bíblia, enquanto lemos apenas aqueles livros nos quais estão publicados os verdadeiros escritos do mensageiro. Fazer isso seria adoptar uma posição fanática, extremista e sem proveito.

O que isso realmente significa é que devemos permanecer dentro dos assuntos aos quais o Senhor, através do mensageiro, dirigiu a nossa atenção. Em primeiro lugar, devemos estudar a própria mensagem como ela vem através do mensageiro até que realmente a conheçamos e cheios de esperança possamos ensiná-la àqueles que nunca a ouviram. Se isto for feito, será verificado que o divino Mestre, o Espírito Santo, vos dará maravilhosas incursões adicionais na mensagem à medida que vos guia através das Escrituras.

Por exemplo, ambos os pastores Waggoner e Jones ensinaram, entre outras coisas, que Cristo, que era verdadeiramente Deus, veio a esta Terra na caída, pecaminosa, mortal carne e sangue. Essa é a mensagem no assunto que o Senhor Ihes enviou através deles. Mas eles não esgotaram este maravilhoso tema.

Todavia, o que quer que façamos, nunca devemos estudar com a ideia que Deus nos dará outra mensagem diferente a acrescentar às mensagens do mensageiro principal.

Nem é necessário estudar apenas o mensageiro contemporâneo, porque há uma linha de mensageiros autenticados cujas mensagens podem ser estudadas com segurança e proveito. Eu penso naquelas que os reformadores Protestantes transmitiram, cuja obra como mensageiros foi aprovada pelo Senhor através do Espírito de Profecia.

“Os valdenses, João Wiclef, Huss e Jerónimo, Martinho Lutero e Zuínglio, Cranmer, Latimer e Knox, os huguenotes, João e Carlos Wesley, e uma hoste de outros, contribuíram para o fundamento com material que permanecerá por toda a eternidade.” {AA 333}, *Atos dos Apóstolos*, 598.

Deve ser dado o devido desconto por terem vivido numa era de grande treva espiritual de modo que eles não podiam ver tudo o que vemos hoje, mas aquilo que o Senhor enviou através deles era a verdade e aqueles que aceitaram a verdade enviada através deles, encontraram a salvação.

A eles podem ser acrescentados William Miller, Charles Fitch, Samuel Snow, Hiram Edson, Ellen White, e os pastores Waggoner e Jones.

Não estou dizendo que precisamos voltar a todos os mensageiros do passado. Fazei isso apenas se o Senhor vos indicar.

Na determinação de quais as mensagens que devemos estudar, a orientação do princípio da ordem evangélica é limitar-nos àqueles mensageiros que foram

especificamente chamados por Deus, deram a sua mensagem por Ele e foram enviados sob Sua ordem a iluminar o povo. Procurai homens que assim construíram o reino na Terra como ele é construído no Céu.

Operando assim de acordo com os princípios e procedimentos da ordem evangélica, edificaremos o reino de Deus de harmonia com o Senhor. Nessa altura e não antes, a chuva serôdia cairá.

Capítulo 41

Agosto de 1989

No capítulo anterior, olhámos para a protecção dada no refúgio em ouvir apenas os mensageiros autenticados por Deus e seus ajudantes divinamente designados e pela limitação de nós próprios àquelas áreas de estudo apresentadas por Deus através do Seu mensageiro.

Alguns podem pôr isto em causa como uma infracção às suas liberdades, sentindo que deviam ter total liberdade para estudar tudo quanto desejam sem que lhes seja imposta qualquer restrição.

Todos devem recordar que é o professor, não o estudante, que determina o que será incluído no programa de estudo. Pode ser acrescentado ao argumento que pelo menos o estudante pode escolher os cursos que fará, mesmo que não tenha nada a dizer sobre o seu conteúdo.

Mas uma vez mais isto não é assim, pois ele é obrigado a escolher os cursos que se adaptarão à sua profissão. Por exemplo, no caso de uma pessoa que deseja praticar a arquitectura, os professores declaram com efeito, “sim, nós ensinamos-te a ser um arquitecto. Para te preparar para isso, nós os professores, designámos um curso que te qualificará para essa obra. Definimos os assuntos que tens de estudar, os trabalhos práticos que farás e os trabalhos escritos a fazer. O curso é tão intensivo que, durante os próximos cinco anos ou mais não terás tempo e energia para dedicar a outra coisa fora do programa de estudo que te foi determinado.”

Do mesmo modo, “Deus é o Mestre do Seu povo”. *Testemunhos para Ministros*, 478. Quando decidimos aprender a ser cristãos, Ele oferece-nos apenas certos cursos, aqueles que nos qualificarão para ser Seus instrumentos para vitoriosamente travar a batalha final e em seguida encontrarmos os nossos lugares reservados no Céu. A determinação do programa de estudo não é da nossa responsabilidade. Deus já fez isso e manda essas lições através do mensageiro que escolheu quando e onde Ele acha melhor. É a nossa responsabilidade receber aqueles estudos e verdadeiramente concentrar todos os poderes ao nosso alcance na mais profunda aprendizagem destas verdades.

A nossa escolha está limitada à aceitação de Deus como Mestre, e, aceitar na ordem em que Ele dá, os cursos em que determinou preparar-nos para desempenharmos a parte que nos foi atribuída no grande conflito e preencher o nosso lugar no Céu.

Se verificarmos que há em nós um sentimento de rebelião contra este tipo de organização, isso ajudar-nos-á a ver a nossa necessidade de obter a vitória sobre este problema, se recordarmos a nós próprios que é o Senhor que criou a ordem evangélica, não o mensageiro através de quem Ele enviou a mensagem que a explica. Portanto, é contra o Altíssimo que nós estaríamos em rebelião.

Lembraí-vos também de que, quando o Altíssimo convocou aquela grande reunião no Céu com o propósito de "... apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha com todos os seres criados", {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16, Lúcifer se rebelou contra a declaração de Deus de que ele apenas podia receber luz através de Emanuel. Ele queixou-se de que a "liberdade ilimitada que até ali tinham gozado" tinha chegado ao fim e que agora tinham limitações e proibições.

"A exaltação do Filho de Deus à igualdade com o Pai, foi representada como sendo uma injustiça a Lúcifer, o qual, pretendia-se, tinha também direito à reverência e à honra. Se este príncipe dos anjos pudesse tão-somente alcançar a sua verdadeira e elevada posição, grande bem resultaria para todo o exército do Céu; pois era seu objectivo conseguir liberdade para todos. Agora, porém, tinha chegado o seu fim; pois lhes havia sido designado um governador absoluto, e todos deveriam prestar homenagem à sua autoridade. Tais foram os erros subtis que por meio dos ardis de Lúcifer estavam a propagar-se rapidamente nas cortes celestiais.

"Não tinha havido mudança alguma na posição ou autoridade de Cristo. A inveja e falsa representação de Lúcifer, bem como sua pretensão à igualdade com Cristo, tornaram necessária uma declaração a respeito da verdadeira posição do Filho de Deus; mas esta havia sido a mesma desde o princípio. Muitos dos anjos, contudo, ficaram cegos pelos enganos de Lúcifer." {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 18.

Semelhantemente nestas apresentações da ordem evangélica, nada está a ser alterado. Pelo contrário, somente está a ser dado um testemunho da ordem divina como ela tem sido desde o princípio. Sejam os então cuidadosos para não levantar acusação de que está agora a ser introduzida uma restrição às nossas liberdades pessoais, porque não há mais verdade nesta acusação do que houve quando Lúcifer a levantou no Céu há muito tempo.

O que está a ser feito aqui é a apresentação muito cuidadosa e responsável da ordem evangélica, a qual procuro apresentar exactamente como Deus a formulou, mantendo sempre em mente que isto é a declaração dos princípios e procedimentos pelos quais o reino de Deus é construído no Céu, e unicamente pelos quais ele pode ser construído nesta Terra. Se recusarmos aceitar estes princípios, nada mais há para nós senão abraçar os caminhos de Babilónia, os procedimentos pelos quais o reino de Deus seria destruído. Portanto, nós precisamos de conhecer profundamente e converter-nos à ordem divina para assegurar que o reino do Senhor seja construído e prevaleça eternamente.

O princípio contido na ordem evangélica de recusar ouvir mesmo aqueles mensageiros que não têm as credenciais divinas, é fortemente defendido nas ordens de Deus para os Seus filhos. Considerai o capítulo em *Primeiros Escritos*, 123-125, com o título "Falsos Pastores". Um falso pastor é um falso mensageiro, um descendente espiritual daquele que esperou Eva no ponto fatal do Jardim. Esses tais devem ser tratados como Eva se devia relacionar com a astuta serpente resolvida a seduzi-la.

Os primeiros três parágrafos do capítulo descrevem o carácter destes mensageiros sem escrúpulos que afirmam ter uma mensagem e a natureza má do caminho que seguiram. Em seguida nos últimos três parágrafos, é-nos claramente dito como nos relacionarmos com eles. Aqui estão os últimos três parágrafos. Considerai-os bem e implicitamente obedeci aos conselhos ali contidos.

“Os diferentes grupos de professos crentes do advento têm cada um deles um pouco de verdade, mas Deus deu todas essas verdades aos Seus filhos que estão sendo preparados para o dia de Deus. Ele tem dado verdades que nenhum desses agrupamentos conhece, nem entenderão. Coisas que para eles são seladas, o Senhor abriu aos que verão e estarão prontos a compreender. Se Deus tem alguma nova luz a comunicar, Ele permitirá que Seus escolhidos e amados a compreendam, sem que precisem ter suas mentes iluminadas pelo ouvir os que estão em trevas e erro.

“Foi-me mostrada a necessidade dos que crêem estarmos tendo a última mensagem de misericórdia, de se separarem dos que estão diariamente absorvendo novos erros. Vi que nem jovens nem velhos devem assistir a suas reuniões; pois é errado assim encorajá-los enquanto ensinam o erro que é veneno mortal para a alma e doutrinas que são mandamentos de homens. A influência de tais reuniões não é boa. Se Deus nos libertou de tais trevas e erros, devemos ficar firmes na liberdade com que ele nos tornou livres e regozijar na verdade. Deus Se desagrada de nós quando assistimos ao erro sem a isso ser obrigados; pois a menos que Ele nos envie a essas reuniões onde o erro é inculcado ao povo pelo poder da vontade, Ele não nos guardará. Os anjos cessam seu vigilante cuidado sobre nós, e somos deixados aos açoites do inimigo, deixados a ser entenebrecidos e debilitados por ele e pelo poder dos seus anjos maus; e a luz ao nosso redor fica contaminada com as trevas.

“Vi que não temos tempo para desperdiçar em ouvir fábulas. Nossa mente não deve ser assim desviada, mas deve ocupar-se com a verdade presente e em buscar sabedoria que nos permita alcançar mais completo conhecimento de nossa posição, a fim de com mansidão podermos apresentar nas Escrituras a razão da nossa esperança. Enquanto falsas doutrinas e perigosos erros são impingidos à mente, esta não pode estar posta na verdade que deve capacitar e preparar a casa de Israel para estar em pé no dia do Senhor.” *Primeiros Escritos*, 124, 125.

Os conselhos, advertências e promessas contidos neste testemunho são muito claros e estão em harmonia com os princípios e procedimentos da ordem evangélica. O testemunho abre com o reconhecimento de que cada um dos outros grupos tem um pouco de verdade, um facto bem conhecido dos filhos de Deus, pois estamos bem cientes que todas as várias religiões, sejam elas cristãs ou não, contêm alguma verdade. Mesmo a professa igreja cristã Católica Romana ensina algumas das maravilhosas verdades, e, verbalmente pelo menos, defende certos padrões morais muito elevados.

Alguns concluem a partir disto que é prudente procurar estas verdades e reuni-las de onde quer que elas possam ser encontradas para estarem seguros que não deixam nenhuma para trás. Estou certo de que aqueles que apresentam esta lógica, não estão cientes da terrível acusação levantada contra Deus, pois eles estão acusando-O de inadequadamente lhes revelar a Sua verdade de tal maneira que são forçados a obtê-la um pouco aqui, um pouco ali. Estou com certeza muito grato porque o Deus a quem servimos poder fazer e faz muito melhor do que isso.

O restante da primeira frase do parágrafo em consideração garante-nos que Ele o faz. Somos felizes por nos ser dada a certeza que todas as verdades que os outros individualmente têm são colectivamente possuídas por aquela igreja que tem sido chamada a sair de Babilónia e que está sendo preparada para o dia de Deus que está

chegando. Estas pessoas felizes e muito abençoadas não necessitam de sair a procurar a verdade entre quaisquer outros movimentos, pois elas têm toda a luz que já pode ser encontrada. Um bônus adicional é acrescido no facto que as comunicações que Deus nos faz são dadas sem mistura de erro.

Mas, melhor ainda, Ele revelou à Sua igreja verdades que nenhum dos outros conhece ou seriam capazes de entender. Mais ainda, se e quando Ele tiver nova luz a comunicar, fá-lo-á ao Seu povo directamente, assim removendo qualquer necessidade para este ouvir quaisquer outros mensageiros senão aqueles que Ele enviou.

Tendo assim feito completa provisão para o iluminar, qual é a atitude de Deus para com o Seu povo quando este procura entre os outros vários movimentos? Diz Ele: “Apesar de Eu tão plenamente ter feito provisão para ti, de modo que nada há a ganhar em procurares verdade noutro lado, não me importo se o fizeres?”

Podeis imaginar Deus exprimindo tais ideias a Eva no Éden? Longe disso, pois Ele compreende muito melhor do que nós o perigo mortal em ouvir quaisquer outros mensageiros à parte daqueles que Ele envia. A Sua ordem é estar separados, não assistir a quaisquer outras reuniões e ficar firmes na liberdade em que Ele juntamente nos colocou. Deus não Se agrada de nós quando ouvimos o erro. Ele não nos protegerá, pois os anjos cessam de vigiar por nós e somos deixados aos açoitados do inimigo, deixados a ser entenebrecidos e debilitados por Satanás. Somos advertidos que não temos tempo a perder ouvindo os falsos mensageiros.

Temos a tendência para pensar no falso pastor como sendo aquele que está ensinando erros claros, mas necessitamos compreender que esta prova é mais profunda do que isso. Por exemplo, sempre que um falso ensinador se levanta entre nós, afirmará ser um verdadeiro pastor. Nos primeiros tempos da sua actividade, professa uma total concordância com a mensagem que o Senhor enviou e reconhece o mensageiro através de quem ela foi comunicada. Assim ele parece ser um verdadeiro mensageiro enviado pelo Senhor para complementar a mensagem já dada e para corrigir certos “erros” que ele afirma estarem a ser apresentados na mensagem.

Contudo, aquilo que ele é em breve se manifestará, pois temos a promessa que o mesmo Espírito Santo que elege o verdadeiro mensageiro, ao mesmo tempo informa a igreja do que fez. A.T. Jones exprime esta confortante verdade para nós nestas palavras:

“Devia ser repetido, de modo a não ser esquecido, que toda a responsabilidade na igreja é o directo dom de Deus por Jesus Cristo através do Espírito Santo.

“E os membros da igreja, pelo Espírito Santo deverão ser capazes de reconhecer o dom concedido ao indivíduo e de acordo com isso reconhecer esse indivíduo no lugar e obra na igreja para a qual o dom o preparou. Atos 13:2-4; 6:3-5.” *Lessons from the Reformation*, 109.

Há um número de testes que devem ser aplicados para confirmar ou negar a mensagem de qualquer que se levante proclamando uma mensagem entre nós, mas a apresentação e explicação destes pertence a uma parte posterior destes estudos.

Por agora, damos ênfase a quão importante é que nos limitemos a nós mesmos às mensagens vindas do Senhor através do mensageiro que Ele apontou. Aqueles que

compreendem e operam segundo os princípios envolvidos encontrarão perfeita protecção das tentações do diabo para desviar e serão mais do que vitoriosos na batalha contra o mal.

Isto introduz o pensamento de que todo o desvio para o pecado tem sido devido ao desrespeito pelos princípios da ordem evangélica. Esta é apenas outra forma de dizer: “Todo o fracasso da parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” {PP 485}, *Patriarcas e Profetas*, 704, porque ninguém pode viver por estes princípios da ordem evangélica a menos que o faça pela fé em Deus, nos Seus mensageiros e no sistema.

Em forma de confirmação, consideremos um ou dois exemplos disto, o primeiro dos quais será a trágica catástrofe de Cades-Barneia, onde, para resumir nalgumas palavras o que aconteceu, foi um caso de repetidamente ignorar o mensageiro do Senhor, enquanto se actuava segundo mensagens que vinham de dentro de si próprios. Isto foi um claro desrespeito pela ordem evangélica na qual o princípio da comunicação divina através de um mensageiro é uma parte tão essencial do sistema. Aquelas pessoas, ao substituírem a obediência às comunicações divinas por si próprias como guias, tornaram-se a si mesmas mensageiras, que é apenas fazerem-se elas próprias Deus, no lugar de Deus.

Quando chegaram a Cades-Barneia, o Senhor comunicou-lhes as Suas instruções através do Seu mensageiro, Moisés, tal como havia consistentemente feito desde que colocou Moisés na sua posição. A mensagem foi: “Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: sobe, possui-a como te falou o senhor Deus de teus pais; não temas, e não te assustes.” *Deuteronomio* 1:21.

Estas foram palavras a eles dirigidas depois de uma eminente e bem-sucedida jornada desde o Egipto que os trouxe mesmo às portas da Terra Prometida. Agora estavam prestes a entrar na posse da sua herança, mas apenas o fariam se avançassem em estrita obediência aos princípios e procedimentos da ordem evangélica. Para fazer isto era necessário que conhecessem quem era o mensageiro do Senhor, qual a mensagem que tinha vindo de Jeová *através* desse mensageiro para eles e estarem completamente persuadidos de que não deviam procurar outro mensageiro que não o apontado por Deus quer ele lhes falasse directamente, ou através dos seus auxiliares. Se fossem cuidadosos em assegurar que estes passos estavam a ser seguidos, teriam garantida a total protecção da apostasia e o completo sucesso na invasão de Canaã.

Não havia problema em saber quem era o mensageiro divinamente apontado, porque o Senhor tinha repetidamente declarado isto nos termos mais claros. Moisés era o mensageiro de Deus. Não havia necessidade de pôr em dúvida as suas credenciais, pois era muito claramente evidente que Jeová não lhe tinha retirado a sua missão. Ele foi claramente a voz de Deus para o povo e permaneceria assim até pouco antes da sua morte.

A certeza do conhecimento que Moisés era o mensageiro tornou muito simples identificar positivamente a mensagem de Deus que se aplicava ao seu tempo e situação. Tendo chegado ao lugar onde necessitavam de mais instruções para onde ir e o que fazer, foram avisados por Deus através do Seu mensageiro, Moisés, que deviam prosseguir imediatamente para a posse real da terra prometida. Tivessem

eles feito isso, teriam agido de acordo com os princípios e procedimentos da ordem evangélica e teriam sido absolutamente protegidos contra o fracasso e derrota.

Todavia, na presença do mensageiro e em face da mensagem que veio através dele, voltaram-se para outra mensagem de uma fonte totalmente diferente, um procedimento da sua parte que estava completamente fora da ordem evangélica e que traria terríveis consequências.

A aceitação desta outra mensagem por todos eles está relatada nestas palavras: “Então todos vós vos chegastes a Mim e dissestes: ‘Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a terra, e nos dêem resposta, por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir.’” *Deuteronomio* 1:22.

É importante que nós verdadeiramente compreendamos que aquilo que eles fizeram foi uma grave rejeição da ordem evangélica, que nunca construiriam o reino de Deus nem qualquer parte dele. Tal como, no Jardim do Éden, Eva deu ouvidos a uma voz que não foi mandada por Deus para transmitir mensagens d’Ele ao Seu povo, assim os israelitas em Cades-Barneia voltaram a sua atenção para uma voz que não tinha a sagrada missão de transmitir mensagens da Sua parte.

A mensagem que se afirmou em Cades-Barneia veio do povo. “... foi proposto *pelo povo* que fossem enviados espias a fim de examinarem o país.” {PP 279}, *Patriarcas e Profetas*, 405. Tão seguramente como uma mensagem emanou deles e eles a aceitaram e agiram de acordo com essa mensagem, então exactamente assim se fizeram a si próprios mensageiros quer pudessem ver isso ou não.

Existirão aqueles que virão até nós com uma mensagem supostamente vinda do Senhor, mas que afirmam não ser mensageiros. Portanto, é importante que cada crente compreenda a base na qual alguém é identificado como mensageiro. Uma vez que isso seja determinado, então, se for provado ser um mensageiro, então segue-se a necessidade de identificar a fonte da sua mensagem. Nós devemos saber se ela vem do Senhor ou de Satanás, se é para a igreja ou para outro.

Se somos levados a pensar que um certo indivíduo vem até nós como um mensageiro, mas nega que ele ou ela é um mensageiro, não aceitemos esta negação por um instante, mas olhemos mais adiante, mas sem espírito de crítica ou julgador.

Se verificais que a pessoa em causa está escrevendo estudos e viajando entre os crentes no movimento, então tende a certeza de que ele ou ela é um mensageiro, não importa o que esse possa “humildemente” afirmar ou negar acerca de si mesmo. Muitas vezes começará o seu ministério calmamente fazendo circular as suas cartas e literatura seguida de visitas pessoais. Algumas vezes, nem sequer escreve. Pelo contrário, visita alguns crentes, particularmente em períodos de reunião, enquanto afirma que apenas procura comunhão e oportunidade para partilhar aquilo que o Senhor lhe tem dado. Não vos deixeis enganar. Mesmo se estas pessoas não estejam realmente cientes daquilo que estão fazendo, são ainda mensageiras e devem enfrentar o teste para determinar se são enviadas pelo Senhor ou não.

Em Cades-Barneia, os israelitas não só se fizeram a si próprios mensageiros, mas fizeram ainda pior, ao procederem assim, substituíram Deus e os Seus mensageiros por si próprios. A mensagem que veio deles próprios tornou-se o seu guia, enquanto a mensagem que unicamente devia ter sido a sua instrução, foi completamente ignorada e esquecida. Eles foram ainda mais além do ponto em que se tornaram a si

mesmos deuses juntamente com Deus, pois deram preeminência a si próprios acima de Deus.

Deste modo substituíram os caminhos do Altíssimo pelos de Babilónia. Nas suas vidas, tinham abandonado os procedimentos de construção do reino de Deus, para estabelecerem em seu lugar os princípios pelos quais Babilónia declaradamente constrói o reino do Senhor. Não havia esperança para continuarem com a construção do reino divino sob estas circunstâncias, pois tinham-se desqualificado a si próprios para esta obra.

Se tivessem aderido estritamente aos princípios da ordem evangélica, o passo seguinte teria sido limpar Canaã da presença dos pagãos pela sua conversão ou expulsão da terra. Mas isso tornou-se impossível e Deus foi deixado sem opção senão mandá-los de volta para o deserto até que todos tivessem perecido. À luz da sua miserável sorte, ninguém considere que a ordem evangélica é um assunto de pouca importância. Pelo contrário, cada um entenda que necessita compreender profundamente os princípios envolvidos e nunca permita qualquer abrandamento nessa vigilância que é necessária para detectar e rejeitar a subtil introdução dos caminhos de Babilónia.

É evidente que os filhos de Israel não compreenderam a verdadeira natureza dos seus actos, não percebendo que estavam a pôr de lado a ordem evangélica e não sabiam que estavam a desqualificar-se para qualquer posterior participação na construção do reino de Deus. Aos seus olhos, as suas acções eram altamente recomendáveis. Não estavam eles ansiosos por possuir a terra no cumprimento da vontade de Deus? Não estavam eles fazendo uma proposta para um “prudente” exame da terra antes de levar a cabo a invasão do território inimigo? Não eram eles os verdadeiros filhos de Deus, o Seu povo especial?

Se o seu irreflectido desrespeito pela ordem evangélica lhes tivesse sido apontado, podiam ter respondido com genuíno protesto: “O que significa todo este apelo para operar estritamente por estas regras e procedimentos complicados? O nosso zelo, dedicação, entusiasmo e fé são tão vigorosos, sinceros e honestos, que compensam de sobra qualquer fracasso em viver pela ordem evangélica! Deus olha para o nosso coração, não para as nossas acções e ter os motivos certos é o que importa para Ele.”

Que todo aquele que assim procure justificar a sua falta a respeito pela ordem evangélica, olhe outra vez para o que aconteceu em Cades-Barneia. De uma tal cuidadosa, suplicante inspecção compreenderá que Deus não desculpa o desrespeito pela ordem evangélica, nem construirá Ele o Seu reino por qualquer outro senão pelos correctos procedimentos. Isto não é assim por causa de qualquer decreto arbitrário da Sua parte, mas porque não há outra alternativa satisfatória.

Mais uma impressionante lição a aprender de Cades-Barneia é a solene responsabilidade que repousa sobre o mensageiro para instruir o povo nos princípios e operações da ordem evangélica. É o seu dever solene declarar a mensagem vinda do Céu independentemente se ela é o que os membros estão preparados para ouvir ou não e não importa quanto eles possam impugnar os seus motivos acusando-o de proteger a sua posição.

Quando olhamos para o modo como Deus operou para explicar a posição de Emanuel, podemos saber o que esperar na Terra. Deus deu a Emanuel a autoridade e

o dever de explicar a posição de Emanuel. E Lúcifer, o pai de todos os falsos juízos e pensamentos, apresentou Emanuel como se estivesse a proteger-se a si próprio. Ele sentiu-se ameaçado, rejeitou a forma como Deus explicou o assunto. Que ninguém se decida pelo pensamento errado e tenha a sua sorte.

A respeito do dever dos mensageiros de Deus falarem apenas aquilo que Ele lhes ordena e indicar ao povo que olhe aquilo que Deus tem feito, já vimos como Pedro falou no grande concílio de Jerusalém, onde dirigiu a atenção dos delegados para o que o Senhor havia feito ao dar o Espírito Santo aos crentes do mundo gentio. Se o Senhor não havia feito distinção entre judeus e gentios, como podiam eles fazê-lo! Argumentou ele.

As suas palavras bem escolhidas pelas quais chamou a atenção daqueles homens para observarem a ordem evangélica, serviu para inverter a direcção que o concílio seguia e salvou o movimento da antecipação da apostasia. Foi um grande momento na história da igreja.

Mas Moisés pareceu ter perdido o seu momento de oportunidade. Quando o povo lhe apresentou a sua mensagem às portas da terra prometida, ele ficou satisfeito em receber uma mensagem que não vinha de Deus. Olhando atrás para o acontecimento a partir da proximidade do fim da sua vida terrestre, ele descreveu a sua reacção como se segue:

“Pareceu-me pois bem este negócio; de sorte que de vós tomei doze homens, de cada tribo um homem.” *Deuterónimo* 1:23.

A última coisa que podia ter acontecido ao mensageiro de Deus era ficar satisfeito com este completo afastamento da ordem evangélica. A mensagem e as acções para as quais ela apontava não traziam as credenciais divinas, pois não vinha da Fonte Infinita, nem vinha através do canal escolhido através do qual somente toda a mensagem de Deus podia vir. A questão da ordem evangélica é que qualquer mensagem que não viesse através de Moisés devia ser considerada falsa.

Neste ponto, o significado da expressão de satisfação de Moisés sobre a proposta do povo para enviar espias, não deve ser passada por alto. O que Moisés disse em aprovação do plano não veio *de Deus através dele*, mas apenas *dele*. Assim, o mensageiro de Deus nunca pode ser considerado infalível, pois ele pode falar por si mesmo sem se referir a Deus como fez Moisés, o poderoso homem que tinha falado com Deus face a face.

É obviamente essencial que os crentes em Jesus sejam capazes de saber o que vem *de Deus através* do mensageiro e o que vem apenas *do* último se este for o caso. Eles saberão, se provarem com cuidado os ensinamentos pelas Escrituras. Moisés nunca devia ter ficado satisfeito com o plano, nem o povo devia ter sido influenciado por esta satisfação aprovadora. Se eles tivessem usado as instruções anteriores do Altíssimo para provar o plano e a aprovação de Moisés, teriam verificado que ambos eram falsos.

Respostas como a que se segue deviam ter sido comuns entre o povo quando a ideia lhes foi proposta. “Parece ser um plano maravilhoso, mas vem ele do Senhor através do mensageiro ordenado por Deus, Moisés?”

“Não, nós temos uma mensagem diferente que vem através dele pela qual somos instruídos a prosseguir com a invasão imediatamente. Não havia menção naquelas instruções para se enviarem primeiramente espias.”

“Então”, deviam ter chegado à imediata, positiva, e resoluta resposta, “se ela não vem pela ordem divina, isto é, de Deus através do canal ordenado, não temos absolutamente nada a ver com o plano”.

Essa é a resposta que Eva devia ter dado no Jardim e que a teria salvo, bem como a família humana dos indescritíveis sofrimentos que, em consequência, lhes tem sobrevivendo.

Pensai precisamente que abençoados resultados o antigo Israel teria obtido se essa tivesse sido a sua firme atitude no passado em Cades!

Ser-lhes pedido que pusessem a sua fé num mensageiro humano era uma séria prova para a sua fé. Aconteceu naquela altura e ainda acontece hoje.

Todavia o testemunho da história clara e convincentemente testifica que, de cada vez que o povo do Senhor obedeceu às Suas mensagens que lhes foram transmitidas através dos Seus mensageiros escolhidos, eles e a igreja prosperaram. Mas, em toda a ocasião em que os filhos de Deus deram atenção à voz de qualquer outro mensageiro que não aquele que possuía as credenciais divinas, enfrentaram desastre e derrota, incrível prejuízo e longos atrasos no progressivo avanço da obra.

Estes factos são por si mesmos evidentes de modo que podem ser facilmente confirmados por todo aquele que faça uma investigação da história bíblica. Eu encorajaria todos a proceder a esse estudo pois, quanto melhor conheçamos e compreendamos os acontecimentos do passado, melhor nos estabeleceremos nos princípios que nos protegerão de cometermos os mesmos erros de julgamento terríveis. Nunca deve ser esquecido que “Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido.” *Vida e Ensinos*, 203.

Portanto, nós necessitamos de recordar continuamente todas as histórias da Bíblia, de modo que a maneira como o Senhor guiou o Seu povo no passado não seja esquecida. Estamos tão prontos a esquecer estas próprias coisas, quanto a natureza humana está tão pronta a afirmar-se a si própria em seu lugar. Notai de novo, quão facilmente os israelitas em Cades puseram de lado a mensagem do Senhor indicando que procedessem à invasão imediata e substituíram o conselho divino com a mensagem vinda de si próprios.

Desejo e oro para que todo aquele que estude a ordem evangélica receba o poder do Espírito Santo para ver o perigo em que está diariamente e monte uma perpétua guarda contra ser guiado falsamente. O perigo está mortalmente e para sempre presente. Não há um instante em que possamos permitir descontrair e sentir que estamos seguros. Quando virmos que os homens mais poderosos como Moisés e Elias podiam falhar e de facto falharam com gravidade nesta área, compreenderemos alguma coisa acerca do elevado padrão de vigilância que devemos manter se quisermos manter-nos firmes sem falhar.

Alguns podem procurar abrigo no facto que Deus perdoa aqueles que erram e tropeçam tal como Ele perdoou a Moisés e Elias, os quais já estão no Céu, mas, ninguém passe por alto o facto que de todas as vezes que caímos em pecado, embora

sejamos livremente perdoados, não escaparemos ilesos à penalidade da nossa transgressão.

Por favor recordai que somos a geração a quem a oportunidade veio para termos sucesso onde todos os restantes têm falhado. Portanto, devemos vencer onde eles falharam, não podemos conceder a repetição dos seus erros. Nada menos do que a perfeição de procedimentos e comportamento satisfará as necessidades da ocasião – a finalização da obra. Levantemo-nos para a total consagração na edificação do reino de Deus na Terra como ele é no Céu. Que a ordem evangélica seja total e completamente estabelecida e implementada.

Capítulo 42

Agosto de 1989

Durante quarenta dias, os israelitas esperaram pelo regresso dos doze que tinham sido enviados a espiar a terra, confiantes de que tinham feito o que estava certo e seguros de que, em consequência, em breve herdariam a sua prometida riqueza.

Porém, sob com que ilusão esperavam aquilo que seria um acontecimento muito feliz, mas que, sob as correntes circunstâncias, apenas podia ser um enorme desapontamento como de facto se provou ser.

Os simples factos da história são conhecidos de todos nós. Quando os espias regressaram, primeiro falaram em brilhantes termos da fertilidade, produtividade e de quão desejável era a terra mas, a isto acrescentaram o relato do poderoso físico, natureza beligerante e aptidão para a guerra dos seus defensores. Eles acabariam por declarar a todo o povo que escutava: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.”

“E infamaram a terra que tinham espiado, perante os filhos de Israel, dizendo: ‘A terra pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que consome seus moradores; e todo o povo que vimos no meio dela são homens de grande estatura.

“Também vimos ali gigantes, filhos de Enaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, assim também éramos aos seus olhos.”
Números 13:31-33.

Com isso o povo enfureceu-se no seu desapontamento e abertamente acusou Deus de os ter trazido a este lugar a fim de os matar, às suas mulheres e aos seus filhos. Em seguida pediram um guia que os levasse com sucesso de volta ao Egipto e apesar das palavras de fé e encorajamento de Josué e Calebe, prepararam-se para os apedrejar. Teriam cometido estes terríveis homicídios se não fosse a directa intervenção do Senhor.

Pela terrível impiedade, tinham-se colocado onde não tinham a protecção da imediata destruição e Deus estava quase a deixá-los como é evidenciado pela Sua declaração a Moisés: “E disse o Senhor a Moisés: ‘Até quando Me provocará este povo? E até quando me não crerão por todos os sinais que fiz no meio deles?

“Com pestilência o ferirei, e o rejeitarei; e farei de ti povo maior e mais forte do que este.” *Números 14:11, 12.*

Moisés poderosamente intercedeu pelo povo em resposta ao que o Senhor foi capaz de manter a Sua protecção sobre eles, mesmo apesar de ser agora impossível entrarem na Terra Prometida.

O incrivelmente trágico estado a que desceram era apenas o resultado natural de terem rejeitado a divina ordem evangélica.

Tracemos o desenvolvimento do problema do ponto de vista em que eles propuseram enviar espias para descobrir o que estava à sua frente até que, quarenta dias mais tarde, estavam dando largas a absurda incredulidade.

Quando chegaram a Cades-Barneia, o Senhor simplesmente disse, “sobe, e possui-a [a terra]”. Fé nessa palavra, n’Aquele que a enviou e naquele através de quem ela foi transmitida, requeria imediata, inquestionável obediência e a total rejeição de qualquer outra sugestão ou proposta. Necessitavam de avançar pela fé do mesmo modo como fizeram na travessia do Mar Vermelho onde ninguém propôs quaisquer outras ideias ou planos nascidos dentro de si próprio ou qualquer outra fonte. Considerai de novo o seu acto de fé ao descerem até junto da água mesmo apesar de não haver caminho aberto senão quando entraram no mar.

“Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. Hebreus 11:29. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés.” {PP 201}, *Patriarcas e Profetas*, 294.

Que ninguém perca a verdade que foi revelada até este ponto.

No Mar Vermelho, “mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés”.

Em Cades-Barneia, mostraram que *não* creram na palavra de Deus dita por Moisés. Sem dúvida, que pensaram que acreditavam, pois não protestaram contra o facto que em breve possuiriam a Terra Prometida, mas, conforme tantas vezes antes e depois, não compreenderam o que é verdadeira fé. Verdadeira fé é manifesta na inquestionável obediência como a que tinham exercido no Mar Vermelho. Verdadeira fé, do único tipo que o Senhor pode aceitar, não admite quaisquer outras propostas. No exercício da verdadeira fé, não há qualquer traço de invenção humana.

Quando Israel chegou a Cades-Barneia, enfrentou uma tentação muito subtil que não foi capaz de reconhecer como tentação. Logo que a palavra de Deus lhes foi transmitida por Moisés, encararam uma palavra alternativa, aquela que vinha de dentro de si mesmos.

Aquilo que fez parecer a sua palavra interior tão inofensiva por um lado e atraente por outro, é que era a expressão do mesmo dedicado propósito como o que residia na mensagem transmitida por Deus através de Moisés — nomeadamente acerca da Terra Prometida. Eles deixaram-se levar pela ilusão que, como o resultado final a ser alcançado era a vontade de Deus em ambos os casos, os procedimentos deviam ser igualmente justos e aceitáveis tanto para Deus como para si mesmos.

Mas isto positivamente não é assim. Na ordem evangélica, o sistema divino para a construção do reino, os fins não justificam os meios. O reino de Deus apenas pode ser construído pelos métodos de Deus e por nenhum outro. No Mar Vermelho, “O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho.” {PP 201}, *Patriarcas e Profetas*, 294.

Em Cades-Barneia, ficaram para trás e o Senhor nunca lhes abriu o caminho para a Terra Prometida. Durante os quarenta anos que se seguiram, todos eles pereceram no deserto.

É uma regra de vida que nós agiremos segundo as directivas em que a nossa fé está colocada. Portanto, quando Israel avançou com o plano de enviar doze espias a Canaã, mostrou que a sua fé estava em si próprio e não em Deus. Eles tentariam construir o reino à sua maneira.

Excepto para aqueles homens que possuíam verdadeira fé, Calebe e Josué, todos os representantes das tribos que foram inspeccionar a terra estavam cheios de fé em si mesmos, não em Deus. Portanto, não tinham outra escolha senão avaliar o inimigo por si mesmos. Pelo padrão normal de medida, correctamente viram que não tinham esperança de tomarem a terra. Os seus inimigos eram gigantes; eles eram insignificantes em comparação.

Foi a mesma situação que Israel enfrentou mais tarde quando Golias pediu um campeão que lutasse com ele. O rei Saul era a pessoa que mais provavelmente iria lutar com o gigante, mas, quando ele se mediu com o poderoso filisteu, afastou da sua mente qualquer pensamento de levar a cabo uma missão tão audaz.

Havia alguns bravos guerreiros no exército de Saul, homens para quem Israel bem podia olhar a fim de acabar com o humilhante desafio dos seus inimigos, mas cada um destes não podia fazer melhor do que comparar o gigante consigo mesmo. Olharam para a altura dele comparando-a com a sua. Viram a medida da sua espada, o comprimento e peso da sua terrível lança e o poder dos seus músculos. Não tinham dúvida acerca da rapidez dos seus movimentos e da exactidão do arremesso mortal da sua lança. Eles sabiam absolutamente que qualquer confrontação com este homem resultaria tão decididamente a seu favor que não tinham esperança de sair vitoriosos.

Quando David chegou, não cometeu o erro de comparar o filisteu consigo, mas em vez disso, atribuiu o orgulhoso desafio contra o Altíssimo Senhor. À luz dessa comparação, quão pequeno e fraco o inimigo apareceu e com que confiança a fé inspirou o pastor de que podia ir lutar com ele. Embora tivesse apenas uma funda e cinco pedras pequenas, foi preciso só um quinto deste potencial para abater o poderoso.

Mas, tal como Saul, os espias quando atravessavam a terra prometida, continuamente se comparavam com os poderosos que viviam na terra. Não havia outra forma em que o podiam ter feito depois de se terem afastado do caminho da fé em Cades, pois aquele que perde a fé em Deus e nos Seus caminhos fica apenas com fé em si próprio. Foi isso que aconteceu aos espias e ao povo que os enviou.

Por conseguinte, quando eles usaram unicamente o padrão de medida que lhes restava agora, isto é, eles próprios, tinham razão quando, sob estas condições, concluíram que o inimigo era poderoso demais para eles. Falaram a verdade quando disseram: "... Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós....

"Também vimos ali gigantes (os descendentes de Anaque eram filhos de gigantes); e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, assim também éramos aos seus olhos." *Números 13:31, 33.*

Há unicamente uma condição em que o povo de Deus é mais forte do que o inimigo e que é quando ele faz de Deus a sua confiança. Isto é uma verdade com a qual devemos estar familiarizados, porque o conhecimento dela salvar-nos-á de muitas derrotas, enquanto claramente explica as derrotas que temos experimentado. Em lado algum é esta verdade melhor expressa do que nestas palavras:

“E o acto de Moisés também era significativo, mostrando que Deus tinha o seu destino em Suas mãos; enquanto n’Ele depositassem confiança, por eles combateria e lhes subjugaria os inimigos; mas, quando se deixassem de apegar a Ele, e confiassem em sua própria força, seriam mesmo mais fracos do que os que não tinham conhecimento de Deus, e seus inimigos prevaleceriam contra eles.” {PP 209}, *Patriarcas e Profetas*, 304, 305.

Este é um pensamento muito solene especialmente agora que compreendemos quão facilmente podemos transferir a nossa confiança de Deus para nós próprios, enquanto permanecemos confiantes de que não há mudança; ao passo que continuamos seguros que estamos confiando completamente em Sua palavra. O modo como Israel respondeu à palavra de Deus através do Seu mensageiro escolhido, Moisés, no Mar Vermelho, é uma clara ilustração daquilo que significa fazer de Deus a nossa confiança. Estudai essa história uma e outra vez até que os princípios da ordem evangélica ali revelados e os seus procedimentos ali aplicados, se tornem o estabelecido caminho da vossa vida.

Por outro lado, aquilo que Israel fez em Cades-Barneia devia também ser sujeito ao nosso profundo e examinador estudo de modo que vejamos com grande clareza quão subtil, enganadora e poderosa é a tentação de transferir a fé do Altíssimo para nós próprios, de modo que já não cooperemos com o Senhor na construção do Seu reino na Terra como ele é no Céu.

Quando os israelitas em Cades-Barneia enfrentaram os directos resultados de abandonarem a ordem evangélica ao negligenciarem receber a mensagem do Senhor através do Seu delegado mensageiro, deviam ter compreendido que algo estava errado, que eles tinham saído da linha de alguma maneira. Deviam ter reconhecido o facto de que precisavam parar exactamente onde estavam, descobrir onde se tinham afastado do Senhor e entregarem-se nas ternas mãos do seu Salvador a fim de serem modificados em espírito, atitude e procedimento, ao lugar em que podiam de novo cooperar com o Senhor na construção do Seu reino.

Mas eles não estavam interessados sequer em ver a necessidade de serem transformados. A sua fé estava em si próprios, não em Deus. Portanto, consideraram-se a si mesmos, não em erro, mas sendo enganados. Do seu ponto de vista, era Deus e os Seus mensageiros que precisavam mudar. Como uma expressão do seu total descontentamento com a ordem divina, determinaram pública e oficialmente rejeitar o mensageiro de Deus e escolherem eles mesmos um.

“E diziam uns aos outros; ‘Levantemos um capitão, e voltemos ao Egipto.’” *Números 14:4*.

Havia agora homicídio voluntário nos seus corações e estavam quase a executar Calebe e Josué quando o Senhor interveio. Foi então pronunciada a terrível sentença pela qual todos foram condenados a morrer no deserto. Os dez espias infiéis

pereceram imediatamente, o restante seguiu-se na sua vez sem ficarem sobreviventes.

“Os dez espias infiéis, feridos por determinação divina pela praga, pereceram diante dos olhos de todo o Israel; e em sua sorte o povo leu sua própria condenação.” {PP 282}, *Patriarcas e Profetas*, 409.

A evidência de que eles tinham incorrido na clara desaprovação divina por causa do seu espírito e comportamento fez com que acalmassem consideravelmente. Quando isto fosse alcançado, o Senhor podia restabelecer a ordem no ponto em que podia falar outra vez ao povo através do Seu mensageiro, mas não no ponto em que eles obedeceriam implicitamente às instruções dadas desse modo.

Todavia, aparentemente eles arrependeram-se, porque choraram a sua sorte e confessaram mesmo que tinham pecado. “E falou Moisés estas palavras a todos os filhos de Israel; então o povo se contristou muito.

“E levantaram-se pela manhã de madrugada, e subiram ao cume do monte, dizendo: ‘Eis-nos aqui, e subiremos ao lugar que o Senhor tem dito; porquanto havemos pecado.’” *Números 14:39, 40*.

Houve uma altura em que havia uma ordem para subir e possuir a terra, mas essa mensagem foi cancelada. Portanto, obedecer a ela agora não era repor a ordem evangélica, mas era pelo contrário colocá-la de lado. Se eles tivessem verdadeiro arrependimento, teriam sinceramente confessado o seu grave pecado, humildemente procurado o perdão do Senhor e ter-se-iam consagrado de todo o coração à obediência a toda a mensagem que Jeová lhes enviasse através do Seu mensageiro. Teriam sido muito cuidadosos desde então na rejeição de qualquer mensagem que viesse de dentro deles.

Na Sua grande misericórdia, o Senhor, através de Moisés, disse-lhes claramente que a expedição não seria bem-sucedida, mas pela sua insistência em seguir a sua própria mensagem, saíram para enfrentar o inimigo. Assim mostraram construir o reino de Deus à sua maneira, mesmo apesar disso não poder ser feito.

Capítulo 43

Setembro de 1989

Temos estado a considerar os idênticos procedimentos usados por Deus para estabelecer o Seu reino no Céu e na Terra. No Céu, Emanuel era o mensageiro, enquanto na Terra, durante o tempo que lhe foi determinado, Moisés ocupou a mesma posição, mas sujeito a Cristo.

Contudo, há duas conclusões aparentemente lógicas que nunca devem ser tiradas destes factos. A primeira é o pensamento de que Moisés tomou o lugar de Emanuel transferindo Deus a Sua posição para Moisés.

Nada podia estar mais longe da verdade, porque não houve absolutamente qualquer mudança na posição de Cristo. Ele permaneceu tal como permanecerá sempre, o Mensageiro do Altíssimo. Nenhum homem, incluindo Moisés podia aproximar-se do Altíssimo, ou receber qualquer coisa d'Ele, excepto através de Cristo.

Aquilo que o supremo Governador fez ao designar Moisés para a sua posição e obra, não transferiu a posição de Emanuel para um mensageiro humano terrestre, mas fez uma extensão repetindo na Terra aquilo que tinha organizado no Céu. Esta duplicação não quer dizer que Moisés podia receber as suas mensagens directamente do Pai tal como Cristo fazia, mas sempre do Pai *através e só através de* Cristo, o Filho unigénito do Pai. Assim, o Pai enviava a Sua luz ao homem através de Cristo que, por sua vez, a canalizava unicamente através de Moisés para o povo desde a altura em que Moisés tinha oitenta anos até à sua morte. Em Josué, o princípio de operação continuou.

O ponto importante é que fazer um reino na Terra como ele é no Céu, não são dois reinos mas apenas um. Todo o princípio de governo, todo o procedimento operacional e todo o relacionamento que liga o Rei dos reis aos Seus súbditos é comum em ambos os domínios.

Portanto, aqueles que alcançaram um padrão de comportamento totalmente aceitável a Deus no reino da Terra, verificarão que estão completamente preparados para habitar perfeitamente como cidadãos do reino no Céu quando na devida altura ali chegarem. Aquele que nesta Terra tem aprendido a receber as mensagens do Céu através do homem que Deus escolheu, não experimentará dificuldades em se adaptar à estrutura divina no Céu onde será chamado a receber as comunicações de Deus da mesma maneira. Não se encontrará em rebelião contra a ordem divina como fez Lúcifer.

“Quando por meio de Jesus, entramos no repouso, o Céu começa aqui.” {DTN 230}, *O Desejado de Todas as Nações*, 315.

Mas aí daquele que não pode suportar ir a Deus através do canal divinamente apontado. Aquele que recusa amar a ordem evangélica, não terá lugar com a igreja na Terra nem no Céu, mas com Satanás, o arqui-rebelde.

Por esta total rejeição da ordem evangélica, Satanás é o grande dispersador mas, através do final estabelecimento da ordem evangélica, Deus reúne de novo todas as coisas numa maravilhosa unidade, que produz a indizível feliz comunhão que é a bênção do Céu.

Espero que seja compreendido que não estamos a alargar a ordem evangélica ao ponto em que vamos através do mensageiro para obter perdão dos pecados, ou ir a ele para aprender qual é o nosso dever individual. Havia uma clara distinção no acampamento de Israel entre o papel de Moisés como mensageiro e a obra dos sacerdotes no tratamento com o problema do pecado, mesmo apesar das especificações para o ministério terem sido transmitidas através de Moisés. Uma vez que a luz lhe tivesse sido transmitida e ele a tivesse comunicado a sua responsabilidade estava cumprida, pois não era o movimento de um homem em que um homem faz tudo. Nunca, por exemplo, vedes Moisés ministrando no santuário fazendo expiação pelos pecados.

Nem Deus deu a Moisés ou aos sacerdotes o conhecimento de onde e cada pessoa no campo devia trabalhar para o Senhor, excepto quando ela devia ser uma íntima e directa ajudante e em seguida, normalmente apenas quando chegava a altura dessa pessoa começar a obra.

Deste modo, se um israelita necessitasse de compreender melhor a mensagem do Senhor, ouvia Moisés; se necessitasse da purificação do pecado, ia a Cristo, não através de Moisés, mas através dos sacerdotes no santuário; e se se tornasse verdadeiramente necessário saber onde devia trabalhar para o Senhor, então perguntava à sua Cabeça divina através dos princípios do repouso do sábado.

Assim permanece até hoje. Se procurais conhecer a verdade presente, então estudai aquilo que o Senhor envia através do Seu mensageiro; se necessitais de expiação pelo pecado, então, desde que tenhais aprendido o poder da confissão aceitável transmitido pelo mensageiro, ide por vós mesmos ao Salvador directamente em busca desta bênção; e se precisais de saber onde deveis trabalhar para o Senhor, então não pergunteis ao mensageiro, pois certamente isso não lhe foi dito. Neste caso deveis vós mesmos perguntar à Cabeça tal como vos foi ensinado na mensagem do repouso do sábado.

A outra conclusão que nunca deve ser tirada é que quando vos refiro a posição e obra de Moisés, como ilustração dos princípios e procedimentos da ordem evangélica, estou por inferência exaltando o actual mensageiro numa igualdade de poder, desenvolvimento de carácter, proximidade com Deus, integridade, força de fé, poder moral, etc., com o poderoso homem de fé, Moisés.

Permiti-me que gentilmente vos advirta em termos inequívocos que se essa é a impressão que obtendes, não compreendestes a questão, se não inteiramente, pelo menos quase toda.

O que eu tenho estado a apresentar-vos até aqui é o princípio de operação da ordem divina onde o Pai comunica a Sua luz através do Seu mensageiro escolhido. Os mensageiros diferem uns dos outros, tanto que não há dois que sejam semelhantes em todos os aspectos, mas os princípios que formam a sua obra para Deus são comuns a todos eles.

Há por exemplo uma vasta diferença entre a poderosa estatura espiritual de Moisés que, em duas ocasiões, passou literalmente oitenta dias na própria presença de Cristo, o Deus Altíssimo e desceu da montanha com a face tão brilhante que o povo não podia olhar para ele; e o mensageiro actual. Ninguém devia ter a mínima dificuldade em ver isto.

Moisés foi provavelmente o mensageiro mais poderoso que Deus jamais usou para construir o reino na Terra como ele é no Céu. Contemplai a incrível humildade e semelhança de espírito com Deus, amando o espírito de sacrifício que manifestou quando em duas ocasiões recusou aceitar a paternidade de uma grande nação para substituir Israel quando um grave erro o desqualificou mesmo para a vida e que havia sido uma provocatória prova para o grande homem de Deus.

A primeira ocasião foi a do bezerro de ouro quando "... Disse mais o Senhor a Moisés; 'tenho visto a este povo, e eis que é povo obstinado.

"Agora pois deixa-Me que o Meu furor se acenda contra eles, e os consuma; e Eu farei de ti uma grande nação.'" *Êxodo* 32:9, 10.

Moisés imediatamente começou a interceder por Israel embora a intercessão por eles significasse continuar carregado com esta multidão volátil, desobediente, ingrata, sem fé, incrédula, perigosa e exasperante que parecia mostrar continuamente uma determinação de levar Moisés ao desespero em vez de o encorajar.

Que diferente teria sido a história se todos compreendessem, cressem e fielmente vivessem segundo os princípios da ordem evangélica. Se ao menos tivessem respeitado Moisés como mensageiro de Deus, nunca teria havido recurso à murmuração, luta e derramamento de sangue que manchou as suas jornadas. Pensai apenas quão diferentes e melhores as coisas teriam sido.

Ver-se livre deles era já em si uma tentação para não impedir que o Senhor permitisse que a praga os matasse, mas havia ainda a proposta de Moisés substituir Abraão, Isaque e Jacó, como cabeça da família através da qual o Senhor realizaria a obra da redenção. Então, em vez de serem chamados, "Os filhos de Israel", o povo de Deus seria conhecido como "Os filhos de Moisés". Para um homem que amasse a causa de Deus tão decidida e ardentemente como Moisés, dificilmente podia ser imaginada uma honra mais elevada do que esta, contudo, no seu imenso amor para com Israel, nunca por um momento permitiu que qualquer consideração pessoal tivesse a mínima influência.

Pelo contrário, ele intercedeu por eles com um divino amor e importunação que somente alguns começaram a compreender.

"Porém Moisés suplicou ao Senhor seu Deus, e disse: 'ó Senhor, porque se acende o Teu furor contra este Teu povo, que Tu tiraste da terra do Egipto com grande força e com forte mão?

"Porque não-de falar os egípcios, dizendo: "Para mal os tirou, para matá-los nos montes, e para destruí-los da face da terra?" Torna-Te da ira do Teu furor, e arrepende-Te deste mal contra o Teu povo.

"Lembra-Te de Abraão, de Isaque, e de Israel, os teus servos, aos quais por Ti mesmo tens jurado, e lhes disseste: "Multiplicarei a vossa semente como as estrelas

dos céus, e darei à vossa semente toda esta terra, de que tenho dito, para que a possuam por herança eternamente.””” Êxodo 32:11-13.

O drama foi repetido depois de terem chegado a Cades-Barneia, a história está registada em *Números* 14:11-25. Outra vez, Deus falou em termos de deixar os israelitas à sua bem merecida sorte e uma vez mais Moisés intercedeu em favor deles com todo o ardor, intensidade e importunação que havia manifestado no primeiro encontro.

Isto prova que a primeira intercessão não tinha sido um amor impulsivo respondendo à situação, mas havia sido uma manifestação da presença nele de duradouro, imutável amor que tinha a sua fonte no coração do Infinito.

Se tivesse sido um movimento impulsivo da sua parte, teria mudado de ideias entretanto, pois, durante o período entre as duas ameaças sobre Israel, ele tinha sofrido muito por causa da perversidade e vil ingratidão, que o tentava a arrepende-se da sua decisão na primeira ocasião.

Os seres humanos fortemente motivados pelo amor e simpatia farão frequentemente grandes sacrifícios por outra pessoa, desde que estejam confiantes que obterão uma resposta satisfatória da parte daquele por quem pagam o preço. Quando a esperada apreciação é substituída pela ingratidão e vergonhoso comportamento, o benfeitor que é motivado por amor inferior ao puro amor de Deus, descobrirá que declara que nunca mais defende essa pessoa outra vez.

Mas Moisés estava carregado do amor divino, esse poderoso princípio que ama independentemente de como o beneficiário desse amor responde. Foi por esta razão que ele reagiu da segunda vez exactamente como havia feito da primeira. Aquilo que aconteceu entretanto não fez qualquer diferença.

Há ainda tanto que podia ser escrito acerca do ilustre carácter de Moisés, o mensageiro de Deus, mas isto é suficiente para confirmar o ponto que na comparação de mensageiros não há dois iguais, todavia, quando se trata dos princípios pelos quais devem operar, não há diferença.

Um argumento que alguém pode levantar contra os princípios de um único homem para comunicar a mensagem é baseado nas sábias palavras do rei Salomão que disse:

“Não havendo sábia direcção, o povo cai;

“Mas na multidão de conselheiros há segurança.” *Provérbios* 11:14.

Muito certamente na multidão de conselheiros há segurança, mas isto não significa que o mesmo é verdade acerca duma multidão de mensageiros. Um conselheiro e um mensageiro têm dois papéis diferentes, podendo ambos estarem ou não investidos na mesma pessoa. Por exemplo, Jetro, o sogro de Moisés, foi sem dúvida um conselheiro, não um mensageiro, enquanto Moisés foi um mensageiro e conselheiro.

Se a Escritura deve ser compreendida como significando que na multidão de mensageiros também há segurança, porque vai o Senhor contra a Sua própria palavra empregando tão frequentemente apenas um mensageiro em vez de usar uma multidão deles? Deus não opera de modo contrário à Sua própria palavra pela qual nos pede que vivamos. Portanto, o Seu próprio exemplo nos ensina que a lei que declara que numa multidão de conselheiros há segurança, não é dizer que ao

mesmo tempo que numa multidão de *mensageiros* há segurança. Que a distinção entre estas duas posições seja claramente mantida em mente.

Para compreender isto melhor, necessita ser dada consideração ao papel do mensageiro. Precisa ser visto que ele não é mais do que um porta-voz de Deus, um transmissor do Altíssimo, um canal, ou um condutor. Nada tem origem nele, nem está ele autorizado a modificar, editar, alargar, ou em qualquer sentido alterar aquilo que o Senhor lhe deu para transmitir ao povo. As instruções de Jeová a Jeremias tornou isto muito claro quando o jovem foi comissionado para ser mensageiro do Altíssimo:

“Não digas: ‘Eu sou uma criança;’ porque aonde quer que Eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás.” *Jeremias 1:7*.

As divinamente estipuladas especificações para o ministério de Jeremias não era especial para ele, mas são as mesmas para todos os mensageiros chamados pelo Altíssimo. Eles deverão ir onde e a quem o Senhor os envia e deverão repetir apenas aquilo que o Senhor lhes dá para dizer. Lede o livro de *Jeremias* e verificareis que em todo ele a mensagem tem como prefácio estas palavras: “Assim diz o Senhor.” Nunca uma única vez ledes, “Assim diz Jeremias”.

Verificareis a mesma verdade em relação a todos os profetas. Eles foram apenas onde o Senhor os enviou para declarar aquilo que o Senhor lhes revelou. Esta regra encontra uma excepcionalmente reforçada aplicação na experiência de Balaão. Houve uma altura em que esta história me confundia, pois eu pensava que Deus tinha tomado arbitrariamente o controlo do profeta apostatado, forçando-o a abençoar Israel contra a sua vontade uma vez que ele tinha vindo para os amaldiçoar. Porém, agora compreendo aquilo que realmente se passou.

O que aconteceu foi que Balaão, que havia sido um profeta do Altíssimo, compreendeu os princípios que operam na transmissão da mensagem e o facto que apenas Deus tem o poder para pronunciar uma maldição que seja eficaz.

Portanto, Balaão sabia que devia ir a Balaque como mensageiro do Senhor dependente do Altíssimo que o usaria como instrumento através de quem a maldição devia ser dirigida contra Israel. De acordo com isto, Balaão procurou a participação do Senhor no plano para destruir Israel, mas Jeová recusou enviar Balaão como Seu servo, assim Balaão despediu os mensageiros do rei sem os acompanhar.

Todavia, o rei não aceitou a recusa de Balaão ao seu pedido de ajuda e por isso enviou uma segunda delegação para convidar o avaro profeta apostatado que ainda compreendia que apenas podia ser bem-sucedido na maldição sobre Israel se fosse como mensageiro do Senhor. A sua única esperança estava em ser capaz de persuadir o Altíssimo a mudar de ideia, mas isto era esperar o impossível. Se ao menos Balaão compreendesse e vivesse pelo princípio que nenhum homem deve tentar mudar Deus ou a Sua palavra, em verdade ter-se-ia salvo de muitas dificuldades.

Quando Balaão por fim foi ter com Balaque, foi como mensageiro de Deus. Era assim que ele queria que fosse e disse a Balaque que apenas podia falar o que Deus lhe dissesse, mas o problema dele estava no facto de que os mensageiros de Deus não podem escolher o que dizer em nome do Senhor. Eles só podem dizer as palavras

que o Senhor escolheu dar-lhes — não as suas próprias palavras, a menos que se rebelassem.

Assim, sob estas condições, quando Balaão abriu a sua boca para falar, esperando que o Senhor falasse através dele como Seu mensageiro, o Senhor aceitou o convite e falou através dele aquilo que escolheu revelar e não o que Balaão queria. Não havia aqui compulsão, nem havia necessidade disso. O corrupto profeta tinha olhado para Deus esperando que Ele falasse através dele e fê-lo, avisando-o antecipadamente que bênçãos e não maldições seriam pronunciadas sobre Israel.

Bem nos podemos maravilhar que o Senhor afinal pudesse falar através de tal homem, mas Ele certamente fê-lo duma forma muito notável. As gloriosas verdades proferidas por Deus através de Balaão eram maravilhosas revelações do maravilhoso propósito da graça de Deus a serem realizadas através da igreja. Elas chegaram até nós carregadas de consolo dador de vida, esperança e inspiração.

É digno de consideração que o Senhor pudesse e realmente transmitisse uma tão pura e maravilhosa verdade através de um profeta apostatado, então não temos razão para nos preocuparmos sobre a exactidão e confiança da luz que Ele envia através dos Seus fiéis mensageiros, homens e mulheres que, embora possam ter pecado mesmo com gravidade, nunca apostataram da verdade.

Mas notai com cuidado que apenas se pode confiar naquilo que vem de Deus *através* do mensageiro. Deve suspeitar-se de tudo o que ele diz *vindo* de si próprio. Esta é uma razão pela qual os crentes devem estudar a mensagem por si mesmos como fizeram os mais nobres de Bereia para ver se os ensinamentos tinham de facto vindo de Deus *através* do canal designado e não meramente *dele* próprio.

A experiência de Balaão dá ênfase à importante verdade que as mensagens que vêm através daqueles que Ele usa como Seus mensageiros têm a sua fonte inteira e unicamente no Omnisciente. O homem não faz quaisquer contribuições para a acumulação de conhecimento. Devemos recebê-lo todo como uma revelação da mente do Infinito, “Em Quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”. *Colossenses 2:3*.

“O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto e vasto poder investigativo, homens cujas palavras têm estimulado o pensamento e revelado extensos campos ao saber; tais homens têm sido honrados como guias e benfeitores do género humano; há, porém, Alguém que Se acha acima deles. Podemos delinear a série dos ensinadores do mundo, no passado, até ao ponto a que atingem os registos da História; a luz, porém, existiu antes deles. Assim como a Lua e as estrelas do nosso sistema planetário resplandecem pela luz reflectida do Sol, assim também os grandes pensadores do mundo, tanto quanto são verdadeiros os seus ensinamentos, reflectem os raios do Sol da justiça. Cada raio de pensamento, cada lampejo do intelecto, procede da Luz do mundo.” *Educação*, 13, 14.

Capítulo 44

Setembro de 1989

Quando o Senhor instituiu o evangelho como o meio pelo qual o Seu reino devia ser construído tanto no Céu como na Terra, o facto que toda a luz, verdade e conhecimento vinham do Infinito, tinha uma parte de princípios e procedimentos de operação. Isso significa que nem o mensageiro através de quem a luz era revelada, nem o povo a quem essa verdade era manifestada, formaram as regras da ordem evangélica. Somente Deus é o legislador e todas as leis justas e rectas formadas pelos homens são apenas as leis de Deus como elas se revelam nos homens. Assim foi quando Israel estava construindo como Deus pretendia que fosse.

A imposição de leis de comportamento opressoras e injustas não é inspirada por Deus. Os homens que as fazem desejam explorar os seus semelhantes para seu próprio benefício.

“O governo de Israel era administrado em nome e pela autoridade de Deus. O trabalho de Moisés, o dos setenta anciãos, dos príncipes e juizes, era simplesmente pôr em execução as leis *que Deus dera*; não tinham eles autoridade para legislar para a nação. Esta foi, e continuou a ser a condição da existência de Israel como nação. De tempos em tempos homens inspirados por Deus eram enviados para instruírem o povo, e guiá-lo na execução das leis.” {PP 444}, *Patriarcas e Profetas*, 645.

Os princípios tinham tanta força nos dias de Moisés como no tempo de Samuel e de todos os outros mensageiros, tal como é provado na construção do santuário no deserto. O guia terrestre de Israel era um homem de estatura espiritual e intelectual gigante, com a capacidade de penetrar profundamente nos mistérios divinos que lhe tinham sido revelados, contudo, ele não teve qualquer permissão para participar no mais pequeno grau no desenho do santuário – o edifício e seus serviços onde os caminhos de Deus são revelados.

As inequívocas instruções para ele foram: “Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.” *Hebreus* 8:5. Vede também *Êxodo* 25:40.

“Quando Moisés estava para construir o santuário para lugar da habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era muito zeloso em fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis estavam ao seu lado para realizarem as suas sugestões. No entanto, não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo que lhe fora mostrado. Deus chamou-o ao monte e revelou-lhe as coisas celestiais. O Senhor cobria-o com a Sua glória, a fim de que pudesse ver o modelo, e segundo ele foram feitas todas as coisas.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 215, 216.

Quando os trabalhadores dedicavam força, habilidade e tempo à obra, tinham que perguntar continuamente ao mensageiro quais eram os planos e especificações. Em resposta, nunca uma só vez Moisés lhes disse: “Eu decidi que fosse assim e assim,

desta ou daquela maneira.” Tudo o que ele podia dizer era: “O Senhor declarou-me que esta é a forma como deve ser feito.” Ele não podia acrescentar nada, nem tirar o que quer que fosse. Não tinha que haver quaisquer modificações. Tudo tinha que ser feito exactamente como Deus determinou e de nenhuma outra forma que não essa.

Quando este princípio de operação for visto como o único meio pelo qual o Senhor constrói o Seu reino, a imensidade do orgulho de Babilónia e a profundidade da sua apostasia torna-se visível.

Uma vez que ela é a contrafacção da verdade, devemos esperar encontrar que ela tem um mensageiro que dá a entender que está entre Deus e o povo, nomeadamente, o Papa de Roma. Porém, em vez de ser exclusivamente a voz de Deus para o povo, afirmam que ele tem poder para modificar a palavra de Deus de acordo com aquilo que ele pensa que ela devia ser. Aqui está essa afirmação por escrito:

“O papa é como se fosse Deus na Terra, o único governador dos fiéis em Cristo, o maior rei de todos os reis, tendo plenitude de poder, a quem foi confiado pelo todo-poderoso Deus o governo do reino terrestre e do celestial.

“O papa tem tão grande autoridade e poder que pode modificar, explicar, ou interpretar a própria lei divina.” Ferraris, *Prompta Bibliotheca*, Volume 6:27, 29. Veneza, 1772.

Este é um verdadeiro testemunho da posição e autoridade atribuída ao papa de Roma pelo sistema papal. Sabemos que isto é o que eles crêem por causa de usarem este ensinamento a fim de justificar a imposição da observância do domingo em todos os seus domínios. Um exemplo típico disto pode ler-se com se segue:

“O sábado dos judeus, ou dia do repouso, era o sétimo dia, mantido sagrado porque Deus na criação repousou no sétimo dia e por causa de desejarem assim comemorar a sua libertação do Egipto. A igreja, usando o poder que o nosso Deus lhe deu, alterou a observância do sábado para a observância do domingo, a fim de comemorar a ressurreição do nosso Senhor no domingo de Páscoa e a descida do Espírito Santo no domingo de Pentecostes. Há evidência no Novo Testamento (Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2) que os apóstolos começaram a observar o domingo como um dia de adoração assim como o sábado; mas os apóstolos não fizeram qualquer lei sobre este assunto e a completa transferência do sábado para o domingo foi um processo gradual, sob a autoridade da igreja. Os cristãos que crêem na Bíblia e somente na Bíblia devem ter alguma dificuldade em explicar porque mantêm o domingo santificado e não o sábado.” *The Catechism Simply Explained* por Canon Cafferata, página 84, publicado em Londres, Inglaterra, por Burns Oates & Washbourne Ltd., Publicadores da Holy See. Edição revista, 1954.

Como é óbvio, devemos esperar que Babilónia espalhe confusão ao proferir estes testemunhos que negam a sua verdadeira posição e faça parecer que tem e pratica a verdade. Aqui está um exemplo da sua política de confusão:

“O papa não tem autoridade para inventar uma nova doutrina. Ele não é o autor da revelação, mas apenas o seu intérprete e comentador. Ele não tem mais autoridade para quebrar a lei divina ou distorcer um jota das Escrituras do que vós ou eu; a sua função é transmitir inalterado o depósito da verdade divina a todas as gerações de homens.” *The Faith of Millions*, por John A. O'Brien, página 111, edição de 1974, publicada por Our Sunday Visitor, Inc., Huntington, Indiana, U.S.A.

Assim com notável exactidão, o papado tem proclamado o papel e as limitações num mensageiro divino tal como o papa afirma ser, mas, uma coisa é conhecer e proclamar a verdade; outra praticá-la. Mantende em mente que conhecer os princípios de construção do reino e professar ser-lhes leal, fazendo realmente o oposto, é gritante inexcusável hipocrisia.

Se estas especificações acerca do que o mensageiro papal pode fazer ou não, fossem de facto a verdadeira posição do papado, então nunca teria afirmado ter mudado o mandamento do sábado. Em vez de ter “mantido inalterado o depósito da verdade divina a todas as gerações de homens”, tem feito o oposto, deixando-nos sem dúvidas quanto aos seus testemunhos conflituosos que devemos observar como sendo a expressão da sua verdadeira posição.

À medida que considerei a hipocrisia do papado, tornei-me mais consciente do terrível perigo de cair na mesma armadilha. Muitos em Babilónia são muito sinceros, mas estão decididamente enganados pelo sistema. Vejo como nunca antes, a vital necessidade de compreender claramente os princípios e procedimentos da ordem evangélica e estritamente obedecer-lhes à letra. Recordai sempre que é Deus quem faz as regras, não o homem, mesmo que ele seja um mensageiro. Tudo o que o mensageiro deve fazer é comunicar a luz que o Senhor lhe deu para transmitir ao povo.

Isto raramente é fácil, pois a mensagem a ser proclamada não prepara o caminho para a popularidade, mas ameaça de perseguição, rejeição e mesmo martírio. Jonas percebeu que a mensagem que lhe foi dada para proclamar aos ninivitas era a última coisa que eles desejavam ouvir, assim fugiu para Espanha, que era o mais longe que uma pessoa naqueles dias podia afastar-se de Nínive. Mas o Senhor interceptou o seu plano cuidadosamente elaborado, e, pela segunda vez o enviou a Nínive.

Todos nós necessitamos de compreender quão séria e responsável é a questão de ser mensageiro do Senhor. Não se deve brincar com a vontade do Senhor. Quando Ele revela a Sua verdade ao Seu servo, exige que ela seja transmitida ao povo exactamente como Ele a deu sem ser aumentada ou diminuída, quer os ouvintes respondam positivamente ou doutra maneira. É portanto, muito importante que aqueles a quem a mensagem é enviada percarn de vista o instrumento humano e se concentrem no facto de que a mensagem é do Altíssimo.

Mantende sempre em mente que deve ser feita uma distinção entre a mensagem de origem e qualidade divina e o defeituoso instrumento humano pelo qual ela é transmitida ao povo. Temos a tendência de esperar que os mensageiros de Deus sejam fisicamente fortes, gozem de perfeita saúde, sejam muito atraentes e quase imunes à tentação do pecado. Tal como o nobre que veio de Cafarnaum a Caná a fim de pedir cura para o seu filho, mas cuja fé, “Ao ver apenas um homem simplesmente vestido, coberto de pó e exausto da viagem, vacilou”, {DTN 129}, *O Desejado de Todas as Nações*, 202, também nós temos a tendência para ficar desanimados e mesmo afastar-nos por causa do aspecto exterior e mesmo devido ao comportamento do mensageiro.

A vida de Cristo adverte-nos contra o perigo de cometer erros trágicos, pois Ele veio sem o que podíamos considerar como sendo a vantagem da atracção física. De facto Ele era fisicamente pouco atraente, em parte, devido à incessante perseguição

sofrida durante a meninice, juventude e início da varonilidade e como resultado das devastadoras experiências que O levaram perto da morte no monte da tentação. Prevendo isto, o Senhor através de Isaías profetizou acerca d'Ele:

“Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do Senhor?

“Porque foi subindo como renovo perante Ele, e como raiz duma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos, para que O desejássemos.

“Era desprezado; e o mais indigno entre os homens; homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos d'Ele caso algum.” *Isaías 53:1-3.*

Deus esperava que olhassem para além do aspecto exterior do Salvador, até verem a incomparável atracção da beleza viva existente na mensagem que Ele levava Consigo. Aqueles que fizeram isto e depois permaneceram fiéis desde então àquilo que viram obtiveram vida, ao passo que aqueles que tentaram comparar a aparência exterior de Cristo com as suas preconcebidas expectativas sobre Ele lhes confiscou o seu lugar no Céu.

Como Mensageiro de Deus, Cristo tinha que operar pelos mesmos princípios e trabalhar contra os mesmos obstáculos como qualquer outro mensageiro que tenha sido chamado por Deus. Portanto, Ele é o Exemplo perfeito para todos os mensageiros, não importa quão bem ou mal sejam recebidos. Para alguns dos porta-vozes do Senhor a tarefa é mais difícil do que para outros e um de quem bastante se exigiu foi a jovem Ellen Harmon.

Pensai precisamente acerca da sua situação, as condições sob as quais ela teve que operar e o tipo de mensagens que ela teve que transmitir quando começou o seu ministério. Foi uma missão bastante dura. No primeiro caso, ela era apenas uma jovem de dezassete anos quando lhe foi dada a primeira visão, num tempo em que as mulheres estavam longe de ser livres. Décadas se passaram ainda até que as mulheres ganhassem o direito de voto. Numa época como essa, para uma mulher jovem estar perante adultos, onde se incluíam homens de poderoso intelecto e entregar a mensagem indicada pelo Altíssimo, era uma dantesca tarefa. Alguns chamar-lhe-iam aterradora.

Acrescentai a isso o estado da sua saúde, timidez natural e desfiguração por ter sido atingida por aquela pedra e tendes um conjunto de condições sob as quais ninguém queria ser mensageiro. É preciso um elevado nível de coragem para ultrapassar grandes obstáculos quando na posse de boa saúde e bom preparo físico, mas é muito difícil encontrar essa fortaleza de espírito quando se é doente e fisicamente fraco.

Mas isto não é tudo o que ela venceu a fim de ser uma fiel mensageira. Tendo sofrido muito fisicamente por causa de ter sido atingida com aquela pedra na face, tendo passado através do trauma emocional de ser rejeitada pelos seus anteriores irmãos e irmãs da Igreja Metodista, tendo passado pelo inexprimível desapontamento quando Cristo não veio como era esperado e tendo conhecido a dor do ridículo e desdém acrescido às suas frustradas esperanças, ela achou extremamente difícil levar qualquer mensagem a pessoas a quem causaria

sofrimento. Em consequência, começou a abrandar as mensagens de modo a reduzir o elemento de sofrimento àqueles a quem as mensagens eram dirigidas.

Mas o Senhor, de maneira muito convincente, em breve lhe mostrou quão fiel ela teria que ser na transmissão das mensagens exactamente como o Senhor as deu, sem adicionar ou retirar alguma coisa, não importava quão probante a tarefa pudesse ser. Ele mostrou-lhe como viu a sua atitude e acções e quais as terríveis consequências. Foi uma revelação assustadora da qual ela saiu com a lição verdadeiramente aprendida. Aqui está o seu relato daquilo que teve lugar. À medida que o ledes, lembrai que foi uma jovem fraca e doente entre os dezassete e os dezanove anos que disse estas palavras:

“Era-me muito penoso relatar aos que erravam o que, concernente a eles, me havia sido mostrado. Causava-me grande angústia ver outros perturbados ou entristecidos. E, sendo obrigada a declarar as mensagens, queria muitas vezes abrandá-las e fazê-las parecer tão favoráveis às pessoas quanto eu podia, e então ficava a sós e chorava em agonia de espírito. Eu olhava àqueles que pareciam ter apenas sua própria alma para cuidar, e achava que, se estivesse em sua situação, não murmuraria. Era-me penoso relatar os testemunhos claros e incisivos a mim apresentados por Deus. Ansiosamente aguardava o resultado; e, se as pessoas reprovadas se rebelavam contra a reprovação, e mais tarde se opunham à verdade, eu me perguntava: Terei eu apresentado a mensagem exactamente como devia? E então me oprimia a alma uma angústia tal que muitas vezes achava que a morte seria um bem-vindo mensageiro e a sepultura um suave lugar de descanso.

“Não compreendia que assim inquirindo e duvidando eu era infiel, e não enxergava o perigo e o pecado de tal procedimento, até que, em visão fui levada à presença de Jesus. Ele me olhou com o semblante carregado, e desviou de mim o rosto. Não é possível descrever o terror e a agonia que então senti. Prostrei-me sobre o rosto diante d’Ele, mas não tinha ânimo para proferir uma palavra. Oh, quanto eu desejava ocultar-me e subtrair-me àquela terrível expressão sombria! Pude compreender então até certo ponto quais serão os sentimentos dos perdidos, quando clamarem às montanhas e às rochas; ‘Caí sobre nós, e escondi-nos da face d’Aquele que está assentado no trono, e da ira do Cordeiro’. Apocalipse 6:16.

“Imediatamente um anjo me mandou levantar, e o quadro que meus olhos viram dificilmente poderá ser descrito. Diante de mim havia uma multidão de cabelos desgrenhados e vestes despedaçadas, e cujo rosto era a própria expressão do desespero e terror. Achearam-se a mim, e roçaram suas vestes nas minhas. Quando olhei às minhas vestes, vi que estavam manchadas de sangue. De novo caí como morta aos pés do meu anjo assistente. Não podia alegar uma desculpa, e desejava estar fora daquele santo lugar.” *Vida e Ensinos*, 77, 78.

Alguém podia ser tentado a sentir que Deus nesta situação era um senhor severo, que exigia demais de uma jovem fraca e delicada, que estava sendo chamada para suportar muito mais do que um homem forte podia enfrentar, mas nós conhecemos bem o Seu carácter para crer nisso.

Foi muita bondade da parte de Deus revelar-lhe o pecado tal como Ele o via. Bom seria para todos nós se pudéssemos ver os nossos pecados como Ele os vê, especialmente se essa visão nos levasse tão rapidamente ao mesmo arrependimento.

Também deve ser compreendido que qualquer obra que o Senhor nos dê é demasiado grande para qualquer ser humano realizar sozinho, seja ele a fraca Ellen Harmon, ou o poderoso Elias. A obra de Deus pode ser feita unicamente pela força que está n'Ele e é mais do que adequada para os mais fracos como para os mais fortes. Portanto, a fraqueza física de Ellen foi irrelevante. Era o poder de Deus que importava.

Contudo, a sua experiência é aqui introduzida para demonstrar quão pesadamente a responsabilidade recai sobre o mensageiro de declarar nada mais do que a mensagem que o Senhor lhe deu independentemente de como é recebida por aqueles a quem é enviada.

“O Senhor dá ao povo uma verdade especial quando este se encontra em situação difícil. Quem ousa recusar-se a publicá-la? Ele ordena a Seus servos que apresentem o último convite de misericórdia ao mundo. Eles não podem permanecer silenciosos, a não ser com perigo da sua alma.” *O Grande Conflito*, 489.

Capítulo 45

Setembro de 1989

Até agora, vimos alguma coisa da fidelidade com que o Senhor espera que nós trabalhemos segundo os princípios da ordem evangélica e podemos estar certos de que, à medida que continuamos com o nosso estudo pessoal deste tema, seremos cada vez mais impressionados com a natureza vital deste assunto e da necessidade da sua total e rápida implementação.

Se aquilo que tenho apresentado é realmente a verdade, devemos esperar encontrar o Altíssimo verdadeiramente defendendo o mensageiro que escolheu, especialmente quando os seus inimigos estão atacando os princípios e procedimentos da ordem evangélica. Para esse assunto, todo o ataque aos fiéis mensageiros de Deus é um ataque à ordem evangélica.

Devo dizer que tenho estado profundamente impressionado com a absoluta lealdade de Jeová e inequívoco apoio àqueles que têm sido apontados por Ele para a posição de mensageiros. Onde quer que o assunto da ordem evangélica seja desafiado, Ele não toma uma posição comprometedora, não deixa para os Seus servos defenderem-se a si mesmos e não dá aos que lançam o mais pequeno ataque ao sistema uma sombra de apoio. Pelo contrário, Ele classifica de rebeldes os Seus inimigos e retira deles toda a Sua protecção. Assim abandonados, os que rejeitaram a verdade algumas vezes perecem rapidamente como nos casos de Coré, Datã e Abiram, ou quase como Miriam e Arão. Em tempos mais recentes, separaram-se do movimento, no qual invariavelmente perderam a sua firmeza na verdade que anteriormente abraçaram e caminharam cada vez mais em densas trevas.

Quanto mais se estuda aquelas confrontações acerca do assunto da ordem evangélica que estão relatadas nos escritos sagrados, mais se compreende que os rebeldes não estão realmente em guerra com o mensageiro, mas com o próprio Deus. Contudo, olham para si mesmos como sendo totalmente leais a Deus e Sua verdade, mesmo apesar de serem de facto os seus piores inimigos. Trabalham sob o poder de um fatal engano tão forte e todo convincente que são incapazes de compreender a verdadeira natureza da sua rebelião, ou de discernir as advertências assinaladas pelas vidas desperdiçadas daqueles que anteriormente desafiaram a ordem divina e falharam.

Tal como sabemos todos, o primeiro desses desafios foi o início da rebelião de Lúcifer contra o mensageiro divinamente designado, Emanuel. Esta é uma história que todos estudámos pelo menos uma vez no passado, mas que necessita ser examinada frequentemente sob diferentes pontos de vista. Agora precisamente, concentrar-nos-emos na atitude do Pai e posição mantida por Ele quando a crise se desenrolou. Ao fazermos isto veremos rapidamente que o Altíssimo defendia totalmente a posição e obra de Emanuel e estava completamente contra as reivindicações de Lúcifer.

O aparecimento dessa ambição não santificada em Lúcifer que levou ao desenvolvimento da rebelião foi um assunto gradual que se afirmou nele tão imperceptivelmente como o crescimento de uma planta. “Pouco a pouco Lúcifer veio a condescender com o desejo de exaltação própria.” {PP 9}, *Patriarcas e Profetas*, 15.

Exaltação própria é uma das manifestações do orgulho, a qual leva os que sucumbem a esta tentação a desligarem-se da sua posição enquanto cobiçam as posições mais elevadas ocupadas por outros, até não haver lugares mais elevados, o ambicioso exclui todos. Nenhum homem sobre esta Terra alcançou alguma vez tal objectivo. Com excepção daqueles que estão verdadeiramente em Cristo, todos têm lutado por isso quer o compreendam ou não, pois é a natureza do pecado. Os resultados são variados. Alguns vêem as suas esperanças desfeitas logo no início por outros que, mais fortes do que eles os têm usado como degraus da escada para o seu sucesso. Alguns tornam-se a cabeça de grandes empresas de negócios, outros ditadores de toda a nação, enquanto o objectivo comum de todos é dominar o mundo inteiro.

Todavia, Deus no Seu infinito amor e ilimitada sabedoria, nunca designou que um homem dominasse todos os outros. Ele determinou uma posição a cada um na qual pode dar a melhor contribuição possível para bênção de todos os seres criados dentro da sua esfera de influência. Não é a intenção de Deus que cada pessoa esteja para sempre limitada a um nível de realização fixo, porque todo o reino de Deus cresce eternamente. Constantemente, todo o súbdito do reino divino deve alcançar novas alturas de realização e excelência. Ninguém no Céu terá motivo para aborrecimento e frustração.

Será assim que a ordem divina efectuará a exaltação de todos os seres inteligentes e satisfará a necessidade divinamente transmitida de estar sempre avançando até aos mais elevados níveis que podem ser imaginados e ainda para além disso. Se assim é, o que havia de tão errado para Lúcifer “condescender com o desejo de exaltação própria”? Porque estava o Altíssimo tão totalmente contra as suas aspirações nisto, quando ele aparentemente não estava a fazer nada mais do que exercer as suas inclinações dadas por Deus? Por que motivo o Altíssimo tão diligentemente protegeu a posição do Seu Unigénito Filho contra as reivindicações de Lúcifer?

Não era, como Lúcifer impiamente afirmava, um exemplo de favoritismo, concessão de tratamento preferencial a Emanuel à custa de Lúcifer. Nem havia alguma coisa errada na resposta à motivação divinamente incutida de alcançar níveis de excelência mais elevados, desde que não houvesse desvio das leis divinas que eram perfeitamente desenhadas para assegurar o ilimitado progresso de Lúcifer e todos os outros seres criados.

Mas o que Lúcifer queria era uma perversão do plano divino brotado do descontentamento da posição que lhe foi atribuída. Este era por seu lado o mau resultado da transferência de Deus para si próprio de todo o crédito daquilo que ele era — o mais poderoso, mais talentoso, mais bem educado, mais belo dos seres criados e o ocupante da mais elevada posição acessível a qualquer outro que não o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

“Se bem que toda a sua glória proviesse de Deus, este poderoso anjo veio a considerá-la como pertencente a si próprio. Não contente com sua posição, embora

fosse mais honrado do que a hoste celestial, arriscou-se a cobiçar a homenagem devida unicamente ao Criador. Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e fidelidade de todos os seres criados, consistiu o seu esforço em obter para si o serviço e lealdade deles. E, cobiçando a glória que o infinito Pai conferira a Seu Filho, este príncipe dos anjos aspirou ao poder que era a prerrogativa de Cristo apenas." {PP 9}, *Patriarcas e Profetas*, 15.

Agora havia duas posições em que Lúcifer estava envolvido – uma a que o Rei dos reis lhe tinha dado mas com a qual ele não mais estava contente e a outra a que ele aspirava e onde pensava que estaria satisfeito mas que era impossível ocupar por duas razões válidas. A primeira, a posição estava adequadamente e com competência ocupada e em segundo lugar, não tinha as qualificações essenciais para desempenhar a posição.

Importante para o sucesso da ordem evangélica é que cada crente saiba a posição que o Senhor lhe atribuiu e esteja totalmente satisfeito nesse lugar e desejoso de permanecer nele para a eternidade se essa for a vontade de Deus para ele. Todos podem fazer um infinito avanço e permanecer para sempre no lugar que lhe foi destinado.

Não há de facto legítima e justa alternativa. Deus não nos dá a escolha da posição, mas designa o lugar em qualquer ponto de tempo em que apenas um O pode servir melhor. Assim foi com Lúcifer, e, quando ele já não estava preparado para servir o Senhor na posição que lhe fora designada, Deus não lhe ofereceu uma segunda escolha. Ele tinha que estar completamente feliz e gratamente contente por preencher o lugar adequado para si, ou não havia qualquer outro para si.

Quando Lúcifer recusou submeter-se à ordem evangélica, o único resultado possível foi o recurso ao engano e aparecimento da violência. Não admira que o Altíssimo que viu exactamente quais seriam os não santificados frutos, se opusesse tão completamente aos argumentos do rebelde e tão totalmente apoiasse Emanuel.

Capítulo 46

Outubro de 1989

No capítulo anterior começámos o estudo do poder da não comprometedora inflexibilidade de Deus perante qualquer esforço que alguém faça para modificar os Seus princípios e procedimentos de construção do reino no menor grau. Vimos que a Sua firmeza não era acima de tudo motivada pela defesa de uma pessoa, apesar dessa Pessoa ser o Seu próprio Filho unigénito, mas porque Ele não podia mudar a estrutura do Seu reino sem o destruir. Não era uma questão de parcialidade familiar ou favoritismo que levou o eterno Pai a dotar o Seu Filho com ilimitado apoio, enquanto rejeitava totalmente as reivindicações de Lúcifer. Em vez disso, foi o Seu claro conhecimento de que não há alternativa satisfatória à Sua forma de construção do reino.

Entretanto, todas as outras opções têm sido tentadas no campo experimental desta Terra e para aqueles que têm olhos para ver o verdadeiro resultado da causa para o efeito, cada uma delas se revelou destruidora de si própria, enquanto aqueles que não são espiritualmente iluminados continuam a alimentar a ideia que os homens ainda construirão um império mundial eterno. Porém, apesar da sua orgulhosa jactância, afirmações confiantes e seguras predições, Satanás nunca estabeleceu um reino rival com a capacidade para dar vida eterna, incessante felicidade e liberdade do medo e necessidade a todos os seus súbditos, embora tenha tido ampla oportunidade para o fazer. Pelo contrário, o tempo está provando diariamente mais e mais que o abandono da ordem evangélica é a fonte de toda a tristeza, conflito, sofrimento e privação que pode e não pode ser imaginada. À luz destes desenvolvimentos, Deus é mais do que capaz de justificar a Sua firme inflexibilidade contra quaisquer modificações aos princípios e procedimentos da ordem evangélica.

Alguém poderia pensar que sempre que surgir um confronto sobre os procedimentos de construção do reino de Deus, as questões serão muito directas e claras, mas, pelo menos na maioria das vezes, nunca é. Há uma razão muito importante para isso, uma das quais todo cristão deve estar ciente e entender completamente.

Isso deve-se ao facto de Satanás crer totalmente que está realmente a trabalhar para construir a sua versão daquilo que, no seu julgamento, o reino de Deus devia ser, embora isto nunca venha a acontecer. Ele sabe perfeitamente que nunca sobreviveria se Deus não ocupasse continuamente a Sua posição como Fonte infinita, a ocupação dessa posição nunca esteve em causa. Portanto, na sua mente, embora de facto não seja assim, Satanás está dedicado à preservação do reino, mas reestruturado para acomodar as suas egoístas ambições pessoais. Assim, ele luta para construir o reino de Deus à sua maneira. Ele não descansará satisfeito enquanto não forçar Deus a implementar as alterações em que insiste. Felizmente, nunca conseguirá alcançar a sua não santificada ambição, porque Jeová não pode

submeter-Se no mínimo às exigências do inimigo. Portanto, a questão não é se o reino de Deus será construído ou não, mas *como*.

Este facto é desconhecido de muitos, pois geralmente acredita-se que Satanás está dedicado à construção de um império totalmente independente para si próprio de cuja base de operações deseja destruir o domínio de Deus, ficando ele desse modo na posição de indisputada cabeça do Universo.

O único resultado possível da implementação bem-sucedida dos procedimentos de construção do reino por Satanás, apenas podia ser a completa destruição do reino, mas ele não quer que isto aconteça, porque também significaria a sua própria destruição. Assim, enquanto por um lado não desiste das suas medidas destruidoras, a natureza mentirosa do pecado enganou-o crendo que o Paraíso governado de acordo com as suas políticas poderiam proporcionar perfeita bem-aventurança para todos — eternamente. Portanto, ele dedica-se à construção de um lugar para si no reino de Deus.

Há abundante evidência nas Escrituras revelando quais são os objectivos do demónio e como ele pretende alcançá-los. Estes devem ser claramente compreendidos pelo povo de Deus de modo que teremos uma exacta compreensão de quais serão as questões.

Em primeiro lugar, há este testemunho: “Ele [Satanás] declara que não pode submeter-se às ordens de Cristo, *obedecerá unicamente às ordens de Deus*. Os anjos bons choraram ao ouvir as palavras de Satanás, e ao ver como ele desprezava seguir as orientações de Cristo, o seu exaltado e amado Comandante.

“O Pai decide o caso de Satanás e declara que ele deve ser expulso do Céu por causa da sua rebelião e que todos aqueles que a ele se uniram na sua rebelião deviam ser expulsos com ele. Houve Então guerra no Céu. Cristo e os Seus anjos lutaram contra Satanás e os seus anjos. *Porque eles estavam determinados a permanecer no Céu com toda a sua rebelião*. Mas eles não prevaleceram. Cristo e os anjos leais triunfaram, e expulsaram Satanás e os seus rebeldes simpatizantes do Céu.” *S.D.A. Bible Commentary 7:973; Spiritual Gifts 3:38*.

Notai cuidadosamente as palavras: “Ele [Satanás] declara que não pode submeter-se às ordens de Cristo, *obedecerá unicamente às ordens de Deus*.”

Esta, evidentemente, é uma proposição impossível, porque ninguém, nem mesmo o anjo mais brilhante, como Lúcifer, pode obedecer a Deus recusando ao mesmo tempo submeter-se às ordens de Cristo. Obediência a Deus envolve o reconhecimento do Mensageiro, Cristo e a total submissão à estrutura do reino que absolutamente nada podia vir de Deus, a Fonte, excepto através de Cristo, a plena Ligação. Portanto, a fim de obedecer a Deus, Lúcifer tinha que se submeter a Cristo.

Neste momento, não estamos tão preocupados com o que poderia ou não ser feito por Satanás, como estamos com o que ele pensava que podia, e propôs que faria. Ele não pensou em deixar o Céu ou o reino, mas em mudar a estrutura. Ele declarou que obedeceria a Deus, mas exigia que Emanuel fosse deposto e que Lúcifer pudesse aproximar-se directamente do Todo-Poderoso sem ter que passar pelo Mensageiro.

Por esta altura do nosso estudo devia ser evidente que o Pai Eterno não faz nada senão através de um mensageiro. Esta era a lei para a construção do reino no início,

pois foi através de Cristo que Ele criou todas as coisas no Céu e na Terra, como está escrito:

“Havendo Deus antigamente falado... a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho. A quem constituiu herdeiro de tudo, *por quem* fez também o mundo.” *Hebreus* 1:1, 2.

“No princípio era o verbo, e o Verbo era Deus.

“Ele estava no princípio com Deus.

“Todas as coisas foram feitas *por Ele*, sem Ele nada do que foi feito se fez.” *João* 1:1-3.

“Foi Cristo que estendeu os céus, e lançou os fundamentos da Terra. Foi Sua mão que suspendeu os mundos no espaço e deu forma às flores do campo. ‘Ele converteu o mar em terra firme.’ ‘Seu é o mar, e Ele o fez.’ Salmos 65:6; 95:5. Foi Ele quem encheu a Terra de beleza, e de cânticos o ar. E sobre todas as coisas na terra, no ar e no firmamento, escreveu a mensagem do amor do Pai.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 18.

Muitas Escrituras podiam ser procuradas e citadas para confirmar que Deus derramou o dom da criação através do Seu Mensageiro. Isto é, Ele não fez a Sua obra criadora directamente mas sempre através do canal que Ele pessoalmente designou. Assim a estrutura do reino foi colocada em operação exactamente no princípio da criação, não como uma medida temporária, mas como um padrão eterno.

Foi pela recusa daquela estrutura que as trevas do maligno se espalharam na Terra. Isto impôs sobre Deus a responsabilidade de reconstruir o reino oferecendo a salvação aos perdidos. Para realizar isto, Ele não abandonou os procedimentos que tinha estabelecido no início da criação. Fazer isto significaria expulsar o Seu Mensageiro e fazer a obra Ele próprio directamente.

Mas é através de Cristo que o pecador pode obter salvação e sem Ele no lugar onde Deus O colocou, ninguém podia ser salvo.

Quando Deus constrói novos movimentos na Terra, fá-lo através de um mensageiro como Moisés, Esdras e Neemias.

Quando alarga o movimento, opera através de um mensageiro, como fez com Josué e Samuel.

Quando necessita de advertir o Seu povo, é sempre através do Seu mensageiro como nos ministérios de Jeremias e Isaías.

Quando deseja enviar luz aos Seus filhos, uma vez mais é através do Seu mensageiro, tal como Waggoner e Jones. “Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones.” *Testemunhos para Ministros*, 91.

Quando fez preparativos para a vinda do Messias, também o fez através de um mensageiro, designadamente João Baptista. “Eis” disse Ele, “que Eu envio o Meu mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim.” *Malaquias* 3:1 [ACF].

Todo o julgamento será levado a cabo através de um Mensageiro, tal como será a criação de um novo Céu e de uma nova Terra.

Assim Deus nada faz tanto no Céu como na Terra que não seja através do Seu mensageiro escolhido. Este procedimento constante da Sua parte é a revelação da Sua absoluta fidelidade à ordem evangélica e o Seu reconhecimento de uma única

forma de construção do reino. Ele convincentemente demonstrou que não se desviará deste princípio nem pela grossura de um cabelo e tornou isso bastante claro que aqueles que recusam juntar-se a Ele em amor e fidelidade para implementar o Seu caminho não têm parte com Ele na execução da Sua vontade na Terra como ela é no Céu. Por outras palavras, rejeitar a ordem evangélica, é desligar-se da salvação.

Isto foi o que diabo fez exactamente. Ele rejeitou a ordem evangélica e assim garantiu o seu próprio afastamento do Pai eterno para sempre, embora o fizesse sem compreender quão grave era a sua acção. No seu plano revisto para reestruturar a ordem do Céu, o diabo planeou que o Pai permanecesse onde estava como supremo governador do Universo e aquele a quem Lúcifer obedeceria como diz a Escritura: "Ele [Satanás] declara... obedecerá unicamente às ordens de Deus."

Permiti que saliente outra vez que há uma diferença entre o que Lúcifer pensou que podia fazer e o que completamente pretendia fazer e que estava realmente fazendo. Nós sofreremos confusão se esta distinção não for mantida em mente. Por uma razão e propósito muito importante estamos a estudar o que Lúcifer planeou fazer em obediência a Deus.

Agora mesmo estamos a estabelecer o ponto em que Lúcifer, na sua própria mente, intencionalmente determinou não destruir o reino, mas reestruturá-lo. Se ele estivesse determinado a destruir a criação de Deus, nunca teria declarado a sua intenção de obedecer a Deus unicamente e nunca teria resistido à expulsão das cortes celestiais, mas com alegria tê-lo-ia deixado a fim de iniciar outro reino sem Deus. Mas quando o Altíssimo sentenciou a sua expulsão e a dos seus seguidores lutou com todas as suas forças para permanecer no Céu. "Houve então guerra no Céu. Cristo e os Seus anjos lutaram contra Satanás e os seus anjos. *Porque eles estavam determinados a permanecer no Céu com toda a sua rebelião.*" S.D.A. Bible Commentary 7:973. *Spiritual Gifts* 3:38.

Podia ser argumentado que, apesar de nas fases iniciais da sua rebelião Satanás estar preparado para obedecer a Deus unicamente, uma vez expulso do Céu sabia que nunca mais podia regressar, desenvolveu a firme determinação de destruir totalmente o reino e renunciar à sua disposição para obedecer a Deus.

Contudo, isto não é verdade. Nem o assunto do grande conflito, nem os planeados objectivos de Satanás mudaram alguma vez. Notai a confirmação disto no seguinte testemunho: "Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus. Foi para realizar isto que entrou em rebelião contra o Criador; e, posto que fosse expulso do Céu, continuou a *mesma* luta na Terra." *O Grande Conflito*, 581.

Como é que Lúcifer procedeu para continuar a sua tentativa de subverter a lei de Deus quando o grande conflito começou? Qual foi o assunto — o ponto de contestação? Foi um argumento sobre qual devia ser o dia da semana para o repouso? Ou qual devia ser a dieta dos anjos? Ou a perpetuidade do casamento?

Não foi qualquer destas coisas directa e obviamente. O assunto em causa foi a submissão a Cristo como Mensageiro de Deus para toda a criação. Lúcifer chegou ao ponto em que não podia suportar aproximar-se de Deus nem receber todas as coisas d'Ele através de Cristo. Assim, tentou pôr de lado a lei de Deus lutando para depor o Mensageiro, Emanuel, divinamente apontado e lutando por aquilo que pensava ter

sido seu por direito — o sistema pelo qual ele podia aproximar-se de Deus directamente por si próprio sem usar o Canal determinado pelo Senhor.

«Foi exactamente assim que ele procedeu para pôr de lado a lei de Deus no início da luta, “e, posto que fosse expulso do Céu, continuou a *mesma* luta na Terra.” *O Grande Conflito*, 581.

É a *mesma* luta destinada a alcançar os *mesmos* objectivos que o diabo continua hoje. Isto é facilmente confirmado ouvindo as suas vozes no presente mundo mau. Onde estão e quais são essas vozes hoje? Elas encontram-se em todo o lado, procedendo das bocas de todo o incrédulo no mundo, mas muito especificamente das caídas, denominacionais, assim chamadas igrejas cristãs que temos identificado como o Rei do Norte.

Estas são organizações religiosas dedicadas à construção do reino de Deus — à maneira do homem, separadas das forças materialistas e ateístas da Terra que estão determinadas a construir o reino do homem — à maneira do homem. À parte destes dois, resta apenas um outro — que ilustra o grupo dos que estão entregues à construção do reino de Deus na Terra como ele é construído no Céu.

Destes três, aquele que expressa as melhores ambições de Satanás é o Rei do Norte, que é em primeiro lugar Satanás e em segundo sentido, as igrejas denominacionais caídas doutro modo chamadas como Babilónia como está escrito: “As igrejas denominacionais caídas são Babilónia.” *Testemunhos para Ministros*, 61.

Satanás usa o ateísmo apenas por conveniência, algo a que ele recorre quando o Rei do Norte está tão enfraquecido que será pouco prático usar nesse momento. Um exemplo disto foi o aparecimento do ateísmo no tempo da revolução francesa. “Em muitas das nações da Europa os poderes que governaram na Igreja e no Estado foram durante séculos dirigidos por Satanás, por intermédio do papado. Aqui, porém, se faz referência a uma nova manifestação do poder satânico. *O Grande Conflito*, 266.

Qual é então a diferença entre este novo poder e as políticas do papado que ele substituiu? Enquanto os papistas professavam reverência pela Bíblia, o ateísmo “... desencadeou contra Deus e Sua santa Palavra uma guerra”. *O Grande Conflito*, 271.

Um exame da história da Bíblia mostra apenas duas vezes em que Satanás operou através de um ateísmo que chegou ao domínio supremo do mundo. A primeira foi nos dias de Moisés e o segundo começou com a Revolução Francesa. O resto da história tem sido dominada pelas forças babilónicas, que será a força que Satanás usará na demonstração final, porque essa é a voz que melhor expressa as suas políticas e ambições não santificadas.

Tomai qualquer uma das igrejas que constituem Babilónia e verificareis que em nenhuma há contestação quanto à soberania de Deus o Pai. Ele é universalmente reconhecido nestas organizações religiosas como o único a quem a aliança é devida. Ele é visto como o Onnipotente, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Ninguém nestas igrejas expressa qualquer teologia que, nas suas mentes, tenha por objectivo remover Deus o Pai do Seu legítimo lugar. Todos estão dedicados à construção do reino de Deus na Terra e cada um crê realmente que terá sucesso no final. Todos

declaram que obedecerão a Deus quando, na realidade, todos os dias transgridem a lei e ensinam os outros a fazerem o mesmo.

O REI DO NORTE DOMINA A HISTÓRIA									
Porque ele serve melhor os propósitos de Satanás									
Egipto nos Dias de Moisés	Cananeus nos Dias de Josué	Assíria	Babilónia	Medo Pérsia	Grécia	Roma	Papado	Ateísmo em França	Exército final
Rei do SUL	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do NORTE	Rei do SUL	Rei do NORTE

O REI DO NORTE procura construir o reino de Deus – à maneira do homem;
O REI DO SUL procura construir o reino do homem – à maneira do homem;
O POVO DE DEUS constrói o reino de Deus – pela adesão aos princípios da ordem evangélica.

DIAGRAMA MOSTRANDO QUÃO MAIS FREQUENTEMENTE O REI DO NORTE GOVERNA O MUNDO DO QUE O REI DO SUL

Mas eles não tomam a sua posição a respeito da autoridade de Deus, nem tomam o compromisso de obedecer, excepto como uma expressão do seu senhor, o diabo. Portanto, tão seguramente como reconhecem a intocável autoridade do Pai e a solene promessa de Lhe obedecerem, assim faz Satanás. Ele continua dizendo: “... que obedecerá unicamente às ordens de Deus.”

E com certeza como os filhos de Satanás, que são a expressão da sua mente, pensamento e acção, se dedicam à construção do reino de Deus, assim o diabo tem feito o mesmo antes deles.

Porém, de modo a não ser mal compreendido quando digo estas coisas, permiti que vos recorde de novo que estamos considerando aquilo que o diabo pensa que está fazendo, não o que ele está realmente fazendo. É claro que na realidade ele não está determinado a obedecer ao Pai, nem está verdadeiramente construindo o reino de Deus. Pelo contrário, ele está determinado a destruí-lo. Embora completamente responsável pela sua própria triste condição, ele não é nada menos do que o produto da sua própria natureza enganadora.

Todavia, para regressar ao que ele supõe estar fazendo e ao que deseja fazer, é claro que está determinado a forçar Deus a reconhecer que ele e os que o seguem têm direito a um legítimo lugar no Universo. Ele está constantemente lutando para alcançar isto e chegará próximo no fim do conflito quando: “Armar as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso, mas virá o seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel 11:45.*

Esta é uma profecia do Rei do Norte, que na realidade é Satanás, fazendo o seu decidido esforço final para se instalar nesse lugar no reino que considera ser legitimamente seu. Para compreender isto, olhemos para o simbolismo usado na profecia. O “monte santo e glorioso” não pode ser outro senão o reino de Deus. Conclui-se isto pelo bem conhecido facto que um monte na profecia bíblica simboliza um reino. O reino de Babilónia, por exemplo, é representado como um monte destruidor. “Eis-me aqui contra ti [Babilónia], ó monte destruidor, diz o Senhor, que destróis toda a terra; e estenderei a Minha mão contra ti, e Te revolverei das rochas, e farei de ti um monte de incêndio.” *Jeremias 51:25*.

Na profecia de *Daniel 2*, “a pedra que feriu a estátua, se fez um grande monte, e encheu toda a terra”. Versículo 35.

Quando chegou a altura do profeta explicar este monte ao rei, declarou que ele era um símbolo do reino de Deus. Disse ele: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do Céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçar-se-á e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre.

“De maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há-de ser depois disto; e certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.” *Daniel 2:44, 45*.

O monte ou reino referido em *Daniel 11:45* é o monte santo e glorioso. Apenas um reino corresponde a esta descrição – o reino do Altíssimo Deus. É entre esse glorioso, santo reino e o mar grande que o Rei do Norte colocará o seu trono, o trono do seu poder.

O que representa o mar grande? Em profecia bíblica tanto em *Daniel* como em *Apocalipse*, águas simbolizam os povos da terra como está escrito: “as águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas.” *Apocalipse 17:15*.

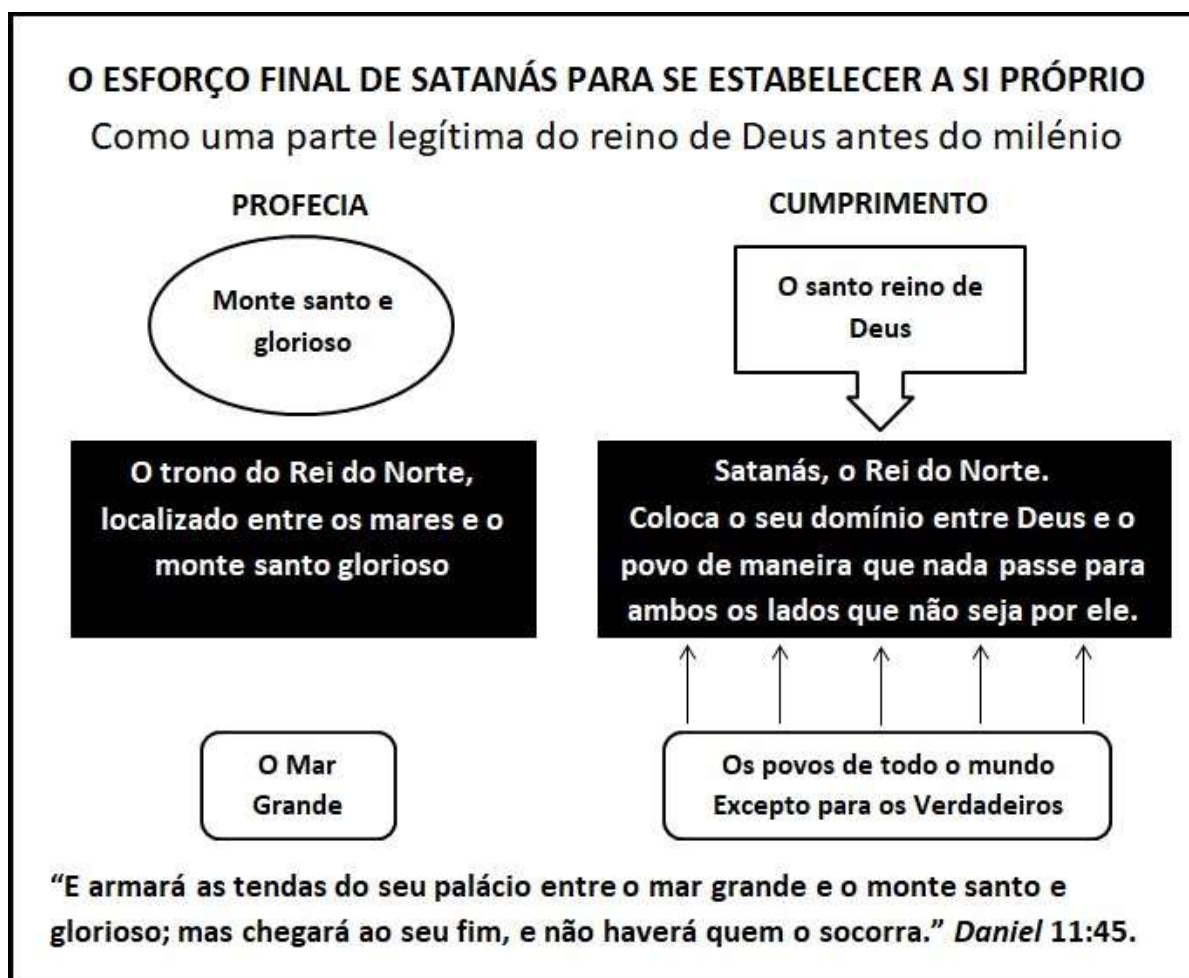
Esta é a razão pela qual as quatro bestas, o leão, o urso, o leopardo e o dragão, são vistas subindo de tempestuosas águas agitadas. Como podia ser melhor ilustrado o aparecimento dos quatro grandes poderes Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma, do meio dos devastadores povos guerreiros da Terra!

Por conseguinte, identificámos o monte santo e glorioso como sendo o reino santo e os mares como sendo o povo de todo o mundo que será reunido pelos três espíritos imundos para lutar no grande dia de Deus – Armagedom.

Neste cenário, o diabo estrategicamente coloca o seu trono, a sua realeza, o seu poder e a sua autoridade entre os povos de todo o mundo e o Deus do Céu e da Terra. Situado desta maneira, ele pretende que desde esse tempo em diante, nenhum dos povos possa ter acesso a Deus, nem Deus acesso ao povo senão através dele. Nenhum lugar é deixado para Cristo, o Mensageiro escolhido por Deus.

Em lado algum há uma melhor revelação daquilo que o diabo pretende alcançar. Aqui é mostrado que ele não deseja dismantelar o reino, apesar do único resultado possível ser este, se tivesse sucesso em estabelecer as suas políticas. Mas ele não é cego ao ponto de não poder ver o fatal e inevitável resultado das suas propostas.

Assim, na sua mente enganada, deseja que o reino subsista e ele seja uma parte da sua estrutura. Continua a acreditar que a proposta por ele avançada antes de ser expulso do Paraíso, nomeadamente que as leis divinas eram demasiado restritas. Ele afirmou que a sua aplicação negava aos anjos a perfeita liberdade que ele declarou ser sua por direito e que eles gozariam se as suas políticas fossem instituídas. Ele afirmou no início e para sempre desde então que: “Se este príncipe dos anjos pudesse tão-somente alcançar a sua verdadeira elevada posição, grande bem resultaria para todo o exército do Céu; pois era seu objectivo conseguir a liberdade para todos.” {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 18.



A “sua verdadeira elevada posição” à qual procurou ser exaltado, era dentro do reino, não fora dele. Uma vez nessa posição, estava determinado a reestruturar o governo divino de acordo com as suas ideias, crendo completamente que o Céu seria um lugar muito mais feliz se elas fossem a ordem estabelecida no Paraíso.

Devia ser claro agora que o diabo não planeia destruir o reino, mas reestruturá-lo especialmente na área da ordem evangélica. Para este fim está trabalhando com infatigável zelo, desesperada determinação e incansável perseverança para conquistar todo o mundo para o seu lado e, exceptuando aqueles poucos que se manterão fiéis a Jeová sem receio, será bem-sucedido, porque “adoraram-na todos os

que habitam sobre a Terra, esse cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo". *Apocalipse* 13:8. Então, com ele como cabeça desta multidão de seguidores, colocará o seu próprio lugar entre Deus e o povo, tudo pronto para exigir a sua elevação à "verdadeira, elevada posição" e à implantação da sua estrutura de construção do reino.

Tão convincente será a apresentação de Satanás a respeito de si próprio como um dedicado edificador do reino, quando de facto é um destruidor, que quase todos os habitantes da Terra serão totalmente convencidos de que as suas ideias construirão neles uma vida melhor. Apenas aqueles que desenvolveram a mais profunda capacidade para não serem enganados pelas afirmações de Satanás estarão seguros.

Mas Jeová não será embaraçado por este aparente cumprimento, porque, no mesmo momento em que Satanás parece ter alcançado os objectivos que perseguiu durante tanto tempo ardentemente, todo o seu apoio ruirá exactamente como um castelo construído na areia se desfaz quando atingido por uma súbita inundação. Repentinamente, todas as pessoas comandadas por ele o abandonarão. "Mas virá o seu fim, e não haverá quem o socorra." *Daniel* 11:45.

Por isso, Satanás não está intencionalmente trabalhando para destruir o reino, mas para obter um lugar legítimo no governo divino. Essa é a sua reivindicação, mesmo apesar do efeito real da sua obra ser para destruir o reino de Deus se os seus métodos fossem admitidos no Paraíso.

Agora levanta-se a questão: por que é tão importante compreendermos a natureza do que Satanás afirma fazer em contraste com o que ele está fazendo na realidade? Porquê este ênfase no facto de que Satanás não deseja que o reino seja destruído, mas está lutando para que tenha uma eterna, activa e legítima parte nele?

Isto é exposto aqui em pormenor a fim de compreendermos a verdadeira natureza dos assuntos envolvidos e assim evitemos ser enganados pelo nosso astuto inimigo. Devemos tornar-nos muito cientes de que como Satanás, podemos estar trabalhando de alma e coração com maravilhosa, abnegada dedicação para construir o reino de Deus, quando de facto, por causa de não estamos a construir o reino na Terra como ele é no Céu, estamos a destruí-lo.

É um erro trágico comum supor que, por causa de termos dedicado as nossas vidas à construção do reino de Deus e estarmos activamente envolvidos naquilo que supomos ser esta obra e estamos a fazer tudo o que podemos para realizar esta missão, somos desse modo distinguidos do resto do mundo incrédulo, que assume que não se dedica à construção do reino, mas à sua destruição. Porém, e por favor não falheis em compreender este assunto, se estes forem os pontos de identificação pelos quais nos contentamos a nós mesmos pela nossa obra ser de Deus e para Ele, está errado, porque isso não mostra qualquer distinção entre nós e mundo religioso apostatado.

Alguns deles são muito activos na promoção do reino. É o elemento principal da sua mensagem quando se apressam de porta em porta com as suas alegres novas. Ainda mais zelosos do que os verdadeiros seguidores de Cristo dedicam as suas vidas à construção do reino de Deus e estão activamente envolvidos no que supõem ser esta obra e estão fazendo tudo o que podem para alcançar este objectivo.

Não é suficiente ser dedicado, professar ser edificador do reino, porque o próprio Satanás é um desses. O teste deve ser muito mais profundo do que isso, porque, em adição, é importante que seja construído na Terra como é no Céu. É quando examinamos *como* ele é construído, que podemos saber se estamos a construir como Deus ou com o diabo; se estamos construindo ou destruindo; se a ordem evangélica está ou não sendo observada.

Na nossa aplicação do teste pelo qual verificamos se um professo edificador do reino, seja ele ou outra pessoa ou nós próprios, é verdadeiramente um edificador e não um destruidor, não devemos permitir a nós próprios ser indevidamente influenciados por caras amigas, zelo pela causa, ou manifesto amor pela obra. Uma pessoa pode ter todas estas coisas e ainda assim ser um destruidor como Paulo descobriu para tristeza sua.

Considerai como foi isto. Os homens que foram dirigentes na primeira igreja da história da igreja Cristã vieram de um movimento com uma forte educação judaica, onde o reino de Deus não era com certeza construído na Terra como é no Céu. A ordem evangélica não era conhecida entre os intensamente religiosos sacerdotes e povo. Mesmo apesar de serem dirigidos a Jesus, o Mensageiro, tanto pela profecia como pela poderosa pregação de João Baptista, o povo escolhido rejeitou o seu Messias e assim rejeitou a ordem evangélica.

Procedendo assim, fizeram exactamente como Lúcifer havia feito quando iniciou a grande rebelião. Eles quebraram a estrutura do governo divino e separaram-se a si próprios da luz e da vida. Recusaram deste modo reconhecer ou aceitar Cristo como o Canal, o Mensageiro, ou a Ligação e assim, em virtude de Deus comunicar a Sua luz apenas através do Seu Mensageiro, eles não podiam receber as revelações do Céu. Nunca deve ser esquecido que o Altíssimo dá divina, salvadora luz apenas através do canal que Ele escolheu. É uma posição para a qual não podemos apontar alguém, porque só Deus tem esse direito. Ele faz a escolha, informa-nos quem enviou para ser o Seu mensageiro e em seguida espera que recebamos a luz através do Seu instrumento.

Essa é a estrutura pela qual a verdadeira igreja sempre pode ser identificada, embora este não seja o único teste que o Senhor oferece para este propósito. Para estabelecer este ponto, apliquemos o teste às igrejas conhecidas como Babilónia espiritual, doutro modo conhecidas como anticristo. Estas igrejas não têm um mensageiro qualificado e portanto não têm a estrutura necessária.

Com que base podemos nós fazer esta confiante afirmação?

É absolutamente verdade que nenhum homem na Terra pode ser um mensageiro do Altíssimo, a menos que Cristo seja primeiramente o Mensageiro para ele. Isto é assim porque nenhum homem pode receber a luz excepto vinda do Pai *através* de Jesus Cristo, o Mensageiro do Concerto.

Mas para Cristo ser o Mensageiro para o Seu povo, deve ser verdadeira e completamente Deus, e, ao mesmo tempo, verdadeira e totalmente homem. Com o Seu braço divino, Ele tem que fazer todo o caminho até Deus, enquanto com o Seu braço humano, tem que abraçar a humanidade.

E Cristo adequadamente possui aquelas qualificações pelas quais é capaz de completar a estrutura do reino divino como está escrito:

“Jesus foi em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. Tinha fome, e sede, e sono. Era Deus em carne. Ele compartilhou da sorte do homem; não obstante, foi o imaculado Filho de Deus. Seu carácter deve ser o nosso. Diz o Senhor dos que n’Ele crêem: ‘N’Eles habitarei, e entre eles andarei: e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo.’ 2 Coríntios 6:16.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter connosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito em semelhança da carne do pecado’ (Romanos 8:3), viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós. Manda-nos que pela fé n’Ele, atinjamos à glória do carácter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como ‘é perfeito vosso Pai que está nos Céus.’” {DTN 214}, *O Desejado de Todas as Nações*, 330, 331.

Para um estudo mais alargado da natureza de Cristo, Suas qualificações para ser o Mensageiro, estudaí *O Destino de um Movimento* disponível na Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado. Este livro fornece evidências bem documentadas para mostrar que as igrejas ou negam que Cristo foi verdadeiramente homem, ou que era verdadeiramente Deus. Não importa qual o fim da escada que é removido — o topo que é a Sua divindade, ou a base que é a Sua humanidade — o resultado é o mesmo: Cristo é privado das Suas qualificações para ser o Mensageiro.

Isto significa que Jeová seria incapaz de levantar um Moisés, um Josué, ou um João Baptista, porque nenhum destes homens seria capaz de receber luz da Fonte através de um Mensageiro que não percorria todo o caminho até Deus, ou se o fizesse, falhava em alcançá-los onde eles estavam. Portanto, qualquer igreja que nega que Cristo veio em carne pecaminosa, não pode construir de acordo com a divina estrutura. Por conseguinte, não importa qual seja a sua profissão, o seu ministério é de morte e destruição e é importante que sejamos capazes de ver este facto. Embora creiam que estão construindo o reino, estão de facto a destruí-lo.

Essa também era a situação dos incrédulos judeus a quem o divino Mensageiro foi enviado. Apesar de verem a Sua humanidade, não podiam ver a Sua divindade, assim nada podiam receber através d’Ele e portanto não podiam estruturar a sua igreja segundo a ordem divina.

Foi dessas trevas que vieram os dirigentes da primeira igreja cristã. Estes homens tinham muitas qualidades destinadas a conduzir os seus irmãos para concluir que estavam a edificar o reino, quando, na verdade, estavam activamente a destruí-lo. Considerai a impressionante lista de indicações apontando que eles eram verdadeiros edificadores do reino e preparai-vos então para ver que não eram. Isto devia servir para realmente impressionar as nossas mentes a partilharem a necessidade de cada um de nós compreender como aplicar com sucesso o teste da ordem evangélica.

Aqueles homens tinham sido poderosamente movidos pelo ministério do Espírito Santo no poder da chuva temporã e apesar da ameaça da perseguição e perda de todas as coisas incluindo a sua própria vida, separaram-se da igreja dos judeus e

abertamente identificaram-se com a igreja cristã. Está escrito que eles relacionaram-se com a obra como a "... causa que amavam...", e estavam "desejosos de salvaguardar os melhores interesses da igreja cristã..." {AA 223}, *Atos dos Apóstolos*, 400.

Certamente esses homens eram construtores de reinos da ordem certa! Obviamente eles acreditavam que a Igreja Cristã era aquela por meio da qual o Senhor edificaria o Seu reino, ainda que por mais surpreendente que seja, esses líderes não abandonaram os procedimentos de construção do reino que deveriam ter deixado para sempre no judaísmo. Alguém poderia pensar que a brilhante luz do Espírito Santo no Pentecostes e desde então, os libertaria de tentarem construir o reino de outra maneira senão a do Céu, mas não o fez.

Em Seu terno amor por eles, no grande concílio de Jerusalém, cuja história está registada em Atos 15, o Soberano do Universo abriu-lhes os olhos para verem como estavam errados e o quanto precisavam mudar para a ordem apropriada do evangelho. Eles arrependeram-se genuinamente do seu rumo errado, mas apenas por um tempo, após o qual voltaram aos seus velhos hábitos. Eles negaram a ordem evangélica e terríveis seriam as consequências.

Este infeliz desenvolvimento na história da Igreja Cristã é examinado em pormenor em *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, Capítulos Dez e Onze. Ali, é revelado que o terrível resultado deste regresso foi a perda prematura de Paulo, o levantamento do obstáculo ao desenvolvimento do mistério da iniquidade, a imposição das terríveis perseguições que, por vezes, quase obliterou a igreja de Deus e completamente desrespeitou a ordem evangélica.

Uma vez que esses dirigentes tão reverenciados reverteram os princípios da verdadeira ordem evangélica, revelados e aceites no primeiro concílio, eles se colocaram em oposição ao mensageiro designado por Deus. Eles foram tão longe a ponto de determinar "Se Paulo conformasse seus métodos a certa orientação por eles advogada, reconheceriam sua obra e a sustentariam; de outra sorte não mais a veriam com favor nem lhe concederiam a manutenção." {AA 224}, *Atos dos Apóstolos*, 401.

Essas atitudes da sua parte colocou-os em activa cooperação com o diabo e em directa oposição aos princípios pelos quais Paulo operava, contudo, surpreendentemente, quando Paulo chegou a Jerusalém pela última vez, declarou que: "os irmãos nos receberam de muito boa vontade." *Atos* 21:17.

Quão desmobilizador isto foi, pois é mais fácil resistir a um inimigo que aberta e manifestamente revela a sua verdadeira atitude de oposição à vossa posição pessoal. Vê-los contentes por verem Paulo é difícil de explicar, mas isso indica que firmemente criam que estavam no movimento certo, tal como aconteceu com Lúcifer, todavia, como ele, estavam convencidos de que necessitava de ser reestruturado de modo a ficar em harmonia com as suas ideias. Tão exactamente estes altamente respeitados dirigentes reviveram o caminho seguido por Satanás na rebelião original, que eram a própria presença do mistério da iniquidade na igreja. O seu encontro com Paulo que foi especialmente comissionado pelo Senhor para proclamar o mistério de Deus, foi uma directa confrontação entre a luz e as trevas.

Isso já era mau, mas aquilo que tornou o problema ainda mais grave, foi o facto que nenhum deles, incluindo Paulo, foi capaz de avaliar o problema com precisão. Paulo não os viu como eles eram — destruidores. Se o tivesse feito, então nunca os teria respeitado o suficiente para pôr em prática as suas sugestões. Por seu lado, eles falharam em vê-lo por aquilo que era — o mensageiro de Deus. Se tivessem visto, nunca lhe teriam dito que compromettesse os seus princípios.

Se os verdadeiramente dedicados, cheios de Espírito apóstolos, juntamente com aqueles dirigentes de alto nível, falharam em discernir claramente o verdadeiro carácter das duas partes que se defrontavam, então quão difícil deve ter sido para o membro comum da igreja.

Existe hoje o mesmo perigo, em face do que devemos ter a capacidade de positivamente identificar aqueles professos construtores do reino que, na verdadeira igreja e fora dela, são na realidade, destruidores, daqueles que estão inteligente e sinceramente dedicados à construção do reino, *à maneira de Deus*.

Isto exigirá da nossa parte, um profundo e exacto conhecimento da ordem evangélica e a determinação para medir todo o esforço para construção do reino por este padrão. Ainda não aconteceu na história humana haver uma igreja que tenha alcançado estes importantes requisitos, por que razão o reino ainda não foi construído e estamos ainda amarrados a este presente mundo mau.

Mas uma vez mais, é dada a oportunidade de nos tornarmos hábeis nesta obra de identificar e pôr em prática a verdadeira ordem evangélica ao povo de Deus e nós somos esses.

Desta vez temos que chegar ao fim.

Capítulo 47

Novembro de 1989

A revelação da luz de Deus na ordem evangélica coloca sobre o Seu povo a solene responsabilidade de reformar os seus princípios e procedimentos no modo como têm construído o reino até eles se tornarem uma perfeita harmonia com a verdade revelada. Isto apela para que se faça uma profunda obra efectuando as verdadeiras mudanças. Tem que se romper com os velhos padrões de hábitos de modo que os caminhos do Senhor possam ser instituídos no seu lugar.

Por termos tanta tendência para continuar ligados aos padrões de hábitos há tanto tempo estabelecidos, contra os quais não é fácil impor a vontade pessoal, é necessário uma iluminada e determinada dedicação para levar a vida à harmonia com a vontade do Omnipotente. Há também o problema da colisão com aqueles que estão mais inclinados para ficarem satisfeitos com uma profissão de devoção ao serviço de Deus, em vez de renderem um verdadeiro serviço. Acerca desta classe Jeová avisou o profeta Ezequiel nestas palavras: “Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto às paredes e nas portas das casas; e fala um com o outro, cada um a seu irmão, dizendo; ‘Vinde, peço-vos, e ouvi qual seja a palavra que procede do Senhor.’

“E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como Meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.

“E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.

“Mas, quando vier isto (eis que está para vir), então saberão que houve no meio deles um profeta.” *Ezequiel 30:30-33.*

“Uma coisa é considerar a Bíblia como um livro de boa instrução moral, a que se deva atender tanto quanto seja compatível com o espírito do tempo e nossa posição no mundo; outra coisa é considerá-la como realmente é: a palavra do Deus vivo, palavra que é a nossa vida, que deve modelar nossas acções, palavras e pensamentos. Ter a Palavra de Deus na conta de qualquer coisa inferior a isto, é rejeitá-la. E esta rejeição por parte dos que professam crer nela, é a causa preeminente do cepticismo e incredulidade entre os jovens.” *Educação, 260.*

Um argumento subtil que suporta a ideia de que nenhuma mudança real é necessária, é que, antes de vir a luz e sejam exigidas mudanças, gozamos a orientação e bênção de Jeová. Por causa destes factos é feito o raciocínio que a continuação do mesmo padrão de comportamento que Deus abençoou no passado, ainda nos trará as Suas bênçãos hoje. Sendo assim, o subtil argumento do inimigo continua: Que necessidade há para nos apressarmos urgentemente para drásticas mudanças quando não há evidência visível que isto preservará as bênçãos já recebidas, e, em adição, abrirá as portas do Céu para derramar maiores bênçãos?

Estas linhas de pensamento têm origem apenas naqueles que não compreendem ou, por razões egoístas, escolhem ignorar o princípio que o Onnipotente permite a nossa ignorância, mas, uma vez que a luz disperse as trevas, essa protecção é removida e um correspondente nível de obediência mais elevado é exigido. A menos que a obediência seja prestada, não só devemos ser deixados sem as bênçãos adicionais da nova luz, mas perderemos as bênçãos já recebidas.

Paulo enunciou este princípio quando falou aos atenienses no Aréopago nestas palavras: “Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam.” *Atos 17:30*.

Foi uma lição que os antigos israelitas foram lentos a aprender. Eles pensaram que rebelião depois da luz acerca da lei e do evangelho ter sido derramada no Monte Sinai, seria tratada com a mesma tolerância anterior. Que preço teve esse erro!

“Murmurações e tumultos tinham sido frequentes durante a jornada do Mar Vermelho ao Sinai; mas, compadecendo-Se de sua ignorância e cegueira, Deus não visitara então o pecado com juízos. Mas desde aquele tempo Ele Se lhes revelara em Horebe. Haviam recebido grande luz, visto que tinham sido testemunhas da majestade, do poder e da misericórdia de Deus; e sua incredulidade e descontentamento incorriam em maior delito. Ademais, haviam eles pactuado aceitar a Jeová como seu Rei, e obedecer à Sua autoridade. Sua murmuração era agora rebelião, e como tal devia receber imediato e assinalado castigo, para que Israel fosse preservado da anarquia e ruína. ‘O fogo do Senhor ardeu entre eles, e consumiu os que estavam na última parte do arraial.’ Os mais culpados dos queixosos foram mortos pelo relâmpago da nuvem.” {PP 273}, *Patriarcas e Profetas*, 395, 396.

Assim, quanto mais luz lhes era revelada, mais rigorosa era a obediência exigida deles no seguimento da ordem evangélica. Quando qualquer crise se levantava quanto a esta questão, o Onnipotente ficava firme completa e somente do lado daqueles que eram fiéis à verdade e não fazia concessões aos que de qualquer modo procuravam desafiar a ordem evangélica. A fidelidade de Deus em defesa da Sua ordem e dos mensageiros que escolheu em todas as crises é muito impressionante. Por isso, se formos cuidadosos e fiéis na nossa aceitação da ordem evangélica, podemos ter a certeza que podemos estar absolutamente confiantes que o Senhor inflexivelmente ficará do nosso lado, tal como sempre fez com Moisés.

Um dos mais evidentes incidentes deste carácter envolveu a rebelião de Miriã apoiada por Arão em Hazerote pouco tempo depois de terem deixado o Sinai em direcção à terra prometida. O problema que se desenvolveu não era mais do que uma repetição, outra apresentação, da primeira rejeição da ordem evangélica no Céu. No estudo daquilo que teve lugar em Hazerote, é muito importante reconhecermos e compreendermos que o assunto era acerca da ordem evangélica, exactamente como havia sido no Céu quando Lúcifer se rebelou. Exactamente como Lúcifer determinou modificar a ordem no Céu pela tentativa de se elevar a si próprio à posição de Cristo, assim Miriã procurou mudar a ordem divina no acampamento pelo seu movimento para a exaltação de si própria à posição de Moisés.

O seguinte testemunho confirma que a questão era precisamente a mesma: “O mesmo mal que a princípio trouxera discórdia no Céu, surgiu no coração desta

mulher de Israel, e ela não deixou de encontrar quem com ela simpatizasse em seu descontentamento." {PP 275}, *Patriarcas e Profetas*, 399.

A origem deste mal e seu subsequente desenvolvimento foi como segue:

"Em Hazerote, o próximo acampamento depois de saírem de Tabera, uma prova ainda mais amarga esperava Moisés. Arão e Miriã tinham ocupado posição de grande honra e de chefia em Israel. Ambos eram favorecidos com o dom de profecia e, por determinação divina, tinham estado ligados a Moisés no livramento dos hebreus. 'E pus diante de ti a Moisés, Arão, e Miriã' (Miqueias 6:4), são as palavras do Senhor pelo profeta Miqueias. A força de carácter de Miriã cedo se mostrara, quando em pequena vigiara ao lado do Nilo a pequena cesta em que estava escondida a criancinha Moisés. De seu domínio próprio e tacto Deus Se serviria como instrumento para preservar o libertador de Seu povo. Dotada abundantemente dos dons da poesia e música, Miriã dirigira as mulheres de Israel no cântico e na dança, à margem do Mar Vermelho. Na afeição do povo e honras do Céu, estava ela apenas abaixo de Moisés e Arão. Entretanto, o mesmo mal que a princípio trouxera discórdia no Céu, surgiu no coração desta mulher de Israel, e ela não deixou de encontrar quem com ela simpatizasse em seu descontentamento." {PP 273}, *Patriarcas e Profetas*, 399.

Estudemos agora esta história ponto por ponto. Primeiramente, vejamos que toda a experiência era uma dura provação para Moisés, mas não devemos falhar em compreender correctamente a razão para isto. Com certeza não era uma amarga experiência para ele por sentir que a sua posição estava em grande perigo, pois a preservação da sua posição era a última coisa que o preocupava. De facto ele não estava nada preocupado consigo próprio. Com satisfação em qualquer altura a teria deixado se o Senhor lhe tivesse permitido. Ele nunca procurou a posição no primeiro caso e fez o melhor que pôde para evitar a responsabilidade quando Jeová o chamou para ela.

"A vida humilde de pastor de Moisés fora muito mais pacífica e feliz do que sua posição actual como dirigente daquela vasta assembleia de espíritos turbulentos. Contudo Moisés não ousava fazer sua escolha. Em lugar do cajado de pastor fora-lhe dada uma vara de poder, a qual ele não poderia depor antes que Deus o desobrigasse." {PP 287}, *Patriarcas e Profetas*, 416.

Não havia modo possível pelo qual qualquer poder terrestre pudesse remover o mensageiro de Deus, Moisés, da sua posição. Deus o havia colocado como mensageiro para o Seu povo e apenas Deus podia pôr fim à sua missão. A veracidade disto é confirmada pelos repetidos fracassos dos sucessivos rebeldes para o afastarem. Portanto, o homem que Deus elegeu não precisava de preocupar-se consigo próprio acerca da sua posição, pois o Altíssimo tinha tomado para Si o cuidado desse problema.

Todavia, qualquer ameaça de perder a posição nunca podia ter sido um problema para Moisés, pois está escrito que "era o varão Moisés mui manso, mais de que todos os homens que havia sobre a terra". *Números* 12:3. Portanto, ele era uma pessoa totalmente vazia do eu, que colocava o interesse de Deus e do Seu povo acima do seu próprio interesse. Sendo assim, nunca encontrareis qualquer expressão da parte dele preocupada com a sua posição.

Era Miriã e Arão que estavam preocupados quanto à posição e criaram um aberto, vigoroso e litigioso conflito acerca dela. Semelhantemente, foi Lúcifer, não Cristo, que no Céu estava determinado redistribuir as posições em causa. Tão intenso foi o conflito que surgiu uma guerra no próprio centro de controlo do Universo que levou Lúcifer e aqueles que o seguiram à completa perda de tudo o que possuíam.

Aqueles que, desde o início da grande rebelião, têm procurado substituir a ordem evangélica com uma nova ordem, têm demonstrado essa capacidade vestindo-se com vestes enganadoras, sendo difícil penetrar o seu disfarce. O seu poder para manter o disfarce, evidentemente, vem do mestre do engano, o próprio diabo.

Não podemos tratar este poder enganador com ânimo leve, porque, ser enredado por ele é perder toda a capacidade para distinguir entre a luz e as trevas. Aqueles que são enganados chamarão à verdade, erro, e ao erro, verdade, e não saberão como encontrar o seu caminho para o Céu.

Portanto, precisamos de algumas linhas de orientação pelas quais testar as afirmações daqueles que se dirigem a nós como anjos de luz como fez Lúcifer no Céu e Miriã e Arão mais tarde. Não apresentarei aqui todas as linhas de orientação, mas enunciarei uma que se apresenta imediatamente na história em consideração.

Sempre que uma crise se levanta no movimento e não estais seguros qual é o lado que está certo, olhai e ouvi até descobirdes quem está lutando por uma posição ou quem afirma que a sua legítima posição foi roubada. Os falsos mensageiros fazem sempre isto, mas os verdadeiros mensageiros nunca o fazem. Um exemplo disto é dado na história aqui estudada. Moisés, o mensageiro de Deus, não disse uma palavra em defesa do seu lugar.

“Suas acusações [de Miriã e Arão] foram suportadas por Moisés em paciente silêncio.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Mas não se deu assim com os rebeldes, Miriã e Arão. A sua posição era o ponto pelo qual ela e Arão lutavam. Ao lutar por aquilo que considerava ser seu legitimamente, estava, embora não soubesse que o fazia, literalmente a anunciar que era motivada pelos princípios de construção do reino satânicos e estava pondo em prática os seus procedimentos.

Se o mais manso de todos os homens não tinha problema de interesse próprio nesta crise, então o que é que tornou isto uma dura prova para ele?

Foi o mesmo que tornou o fracasso de Lúcifer uma penosa experiência para Emanuel. Todo o mensageiro de Deus sofre do mesmo modo quando os princípios da ordem evangélica são postos de lado, porque eles vêm numa maior ou menor extensão como aconteceu com Emanuel e Moisés, as terríveis consequências do abandono dos princípios de Deus para a construção do reino.

Bem pode acontecer que para muitas pessoas, o significado dado à ordem evangélica tenha uma proporção demasiadamente exagerada. Essas almas podiam querer saber que mal podia possivelmente vir de recompensar a talentosa, diligente, dedicada e abnegada Miriã com a posição mais elevada que ela reclamava para si mesma, onde, tal como vêm a situação, ela podia servir mais pessoas e melhor do que antes! Vêm apenas bons resultado numa tal promoção e têm a tendência de darem o seu apoio, enquanto consideram parcial e injusta, qualquer pessoa que não dê o seu apoio à causa.

Esses eram precisamente os argumentos e objecções levantados por Lúcifer no Céu e esses foram os princípios de operação que ele estabeleceu na Terra depois de ter sido expulso do Céu. Uma cuidadosa análise dos terríveis resultados da sua promoção destas mesmas ideias, convencerão toda a alma honesta que há obstáculos fatais nestes argumentos, pois o fruto condena a árvore.

Embora seja bom rejeitar a posição defendida por Lúcifer devido ao que vemos da resultante ruína, é ainda melhor compreender porque é que os alternativos procedimentos de Lúcifer para a construção do reino são em si mesmos maus e destruidores. O próprio facto de que o nosso amado Pai celestial não tolerará o mais pequeno traço de qualquer rejeição da ordem evangélica no Seu reino, nem fará provisão para qualquer lugar das formas alternativas de construção do reino do diabo, é suficiente para considerar as más e indesejáveis propostas de Satanás.

Deus é tão sábio e cheio de amor que não nos esconderá nada que seja para nosso bem e proteger-nos-á de tudo o que é mau. Portanto, tão seguramente como o nosso todo-sabedoria, amado, Pai celestial completamente recusa dar qualquer acomodação a qualquer sistema de governo diferente da ordem evangélica, então a ordem evangélica é a única forma que promete pura felicidade, completo desenvolvimento satisfatório e vida eterna para cada um de nós. Por outras palavras: se Deus o rejeita, então, sob nenhuma circunstância devemos nós sequer considerar conceder-lhe um lugar nas nossas vidas.

Mas porque é que o sistema de Satanás é tão produtor, não de cada vez maior felicidade, mas de separação, tristeza, perda, opressão e morte?

Na ordem evangélica, o nosso amoroso Pai celestial detém uma posição de supremo Organizador das galáxias que enchem o Universo e os seus habitantes. Que estupenda tarefa deve ser essa, uma obra para a qual somente Ele tem qualificação! Pensai apenas no que implica essa obra! Ela envolve a designação de todo o corpo celestial e de cada indivíduo que vive nesses planetas, para a sua exacta posição e obra e de dotar cada um com as exactas capacidades para executar os deveres indicados. A bem sucedida, harmoniosa operação de todos os implicados depende da determinação da pessoa exacta em cada caso que se contam em multiplicados triliões vezes triliões sem hipótese de haver um único erro. Para exercer essa incrível infalibilidade, Deus tem que conhecer tudo o que há para conhecer acerca de cada detalhe sobre qualquer coisa que exista no universo, e, ao mesmo tempo ter capacidade para indicar a cada pessoa nesse infinito complexo a sua posição exacta perfeitamente adequada a ela.

Foi assim que o Omnisciente, sabendo tudo o que havia para saber acerca de Miriã, a colocou, era ela ainda uma menina, onde podia ser o instrumento de Deus para salvar o bebé Moisés da morte e mais tarde, colocou-a como dirigente em Israel logo a seguir a Moisés e Arão.

Quem mais senão o Altíssimo Planeador podia ter tido o completo conhecimento, a perfeita sabedoria e o infinito poder para tomar tais decisões? Não há outro senão Deus! Esta é a verdade sobre a qual toda a criatura no Universo deve estar completamente estabelecida, pois deve ser claramente visível que: "... Deus faça os Seus planos para vós." *A Ciência do Bom Viver* 479. Lúcifer de facto deixou que Deus fizesse planos para ele até uma certa altura, durante o qual ocupou não só a melhor

posição do que qualquer outra criatura no Universo, mas a posição que era a melhor para ele. Durante este período, a sua fiel adesão aos princípios da ordem evangélica trouxe-lhe nada menos do que pura alegria, ilimitadas oportunidades para desenvolvimento e duradoura satisfação.

Mas veio a altura em que, tal como Miriã depois dele, procurou estabelecer-se a si próprio numa posição que Deus na Sua infinita sabedoria nunca tinha planeado que ele ocupasse. O que precisais de ver é que este passo imediatamente colocou em movimento uma complexa sequência de consequências que se desenvolveriam até aos piores resultados possíveis.

No primeiro caso, a sua determinação para alcançar uma posição mais elevada para si foi a sua declaração que, na sua opinião, sabia melhor do que Deus quais eram as suas capacidades e qual a posição que em resultado lhe devia ser dada. Isto era substituir a sua fé anterior em Deus pela fé em si próprio. Desde esta altura, ele decidiria o que era melhor para si e eleger-se-ia para posição invejada.

Desde este momento, começaram realmente as dificuldades, porque, no momento em que o sistema é introduzido em que cada pessoa escolhe para si mesma a posição que deve ocupar, será verificado que mais do que uma procurará o mesmo lugar. Terríveis competições e rivalidade levarão à luta, derramamento de sangue, intriga, conspirações, crueldade, etc., como de facto tem acontecido em toda a história desta Terra amaldiçoada pelo pecado.

Olhai para o mau espírito que se manifestou em Miriã! A sua inveja foi despertada, o seu calmo, sorridente parecer foi substituído por uma face zangada e da sua boca fluíram amargas acusações e críticas. A felicidade tinha partido da sua vida e regressaria, pensou ela, apenas quando fosse promovida ao lugar onde acreditava que devia estar. A realidade era que, se ela tivesse sido promovida de acordo com as suas ideias, apenas lhe teria criado uma situação ainda pior e marcadamente lhe aumentaria a sua desgraça.

Mas essa não é toda a história da perda daqueles que põem de lado a ordem evangélica. Nunca deve ser esquecido que tudo sem a mínima excepção nos chega de Deus através de Jesus Cristo. Portanto, pôr de lado a ordem evangélica é desligar a pessoa da Fonte da vida e perecer por causa disso.

Portanto, quando Moisés viu a natureza da rebelião de Miriã, foi uma prova muito dura para ele, porque viu claramente todas as más consequências que viriam espalhar, dividir, destruir e impor um terrível sofrimento ao seu povo. A sua preocupação não era por si próprio, mas por eles. Parece que a rejeição da ordem evangélica muitas vezes aparece entre os que estão nas posições mais elevadas perto do mensageiro, onde há menos justificação para isso.

No primeiro aparecimento, Lúcifer era o mais elevado de todos os seres criados; aquele que estava mais perto do Mensageiro do Senhor e a quem muito havia sido dado. Foi este mais favorecido de todos os recebedores que perdeu a sua firmeza na ordem evangélica, enquanto o Mensageiro totalmente permanecia não afectado pela doença.

Foi assim que, em Hazerote, aquela que permanecia mais perto de Moisés o mensageiro principal e Arão o sumo-sacerdote e tinha menos desculpa para murmurar, foi a própria a tropeçar tão gravemente.

Recordemos de novo todos os dons, talentos, faculdades e honras que foram derramadas sobre ela.

“Arão e Miriã tinham ocupado posição de grande honra e de chefia em Israel. Ambos eram favorecidos com o dom de profecia e, por determinação divina, tinham estado ligados a Moisés no livramento dos hebreus. ‘E pus diante de ti a Moisés, Arão, e Miriã’ (Miqueias 6:4), são as palavras do Senhor pelo profeta Miqueias. A força de carácter de Miriã cedo se mostrara, quando em pequena vigiara ao lado do Nilo a pequena cesta em que estava escondida a criancinha Moisés. De seu domínio próprio e tacto Deus Se serviria como instrumento para preservar o libertador de Seu povo. Dotada abundantemente dos dons da poesia e música, Miriã dirigira as mulheres de Israel no cântico e na dança, à margem do Mar Vermelho. Na afeição do povo e honras do Céu, estava ela apenas abaixo de Moisés e Arão. Entretanto, o mesmo mal que a princípio trouxera discórdia no Céu, surgiu no coração desta mulher de Israel, e ela não deixou de encontrar quem com ela simpatizasse em seu descontentamento.” {PP 275}, *Patriarcas e Profetas*, 399.

Quanto isto nos recorda a descrição de Lúcifer antes do espírito de rebelião encontrar lugar nele.

Aquilo que, sem justificação irou Lúcifer e o levou a escolher a apostasia, foi o facto que: “... o Filho de Deus era mais exaltado do que ele, sendo um em poder e autoridade com o Pai. Partilhava dos conselhos do Pai, enquanto Lúcifer não penetrava assim nos propósitos de Deus. ‘Por que’, perguntava este poderoso anjo, ‘deveria Cristo ter a primazia?’ Porque é Ele mais honrado do que Lúcifer?” {PP 275}, *Patriarcas e Profetas*, 17.

Miriã também estava injustificadamente perturbada pelo mesmo problema. Sobre ela está escrito:

“Na designação dos setenta anciãos, Miriã e Arão não tinham sido consultados, e seus ciúmes excitaram-se contra Moisés. Por ocasião da visita de Jetro, enquanto os israelitas estavam a caminho do Sinai, a pronta aceitação por parte de Moisés do conselho de seu sogro despertou em Arão e Miriã um receio de que sua influência junto ao grande chefe excedesse à deles.

“Na organização do conselho dos anciãos, entenderam que sua posição e autoridade haviam sido desprezadas. Miriã e Arão nunca haviam conhecido o peso dos cuidados e responsabilidades que repousava sobre Moisés; contudo, visto que tinham sido escolhidos para o auxiliarem, consideraram-se co-participantes seus e na mesma medida, do cargo da chefia, e acharam desnecessária a designação de mais auxiliares.

“Moisés compenetrara-se da importância da grande obra a ele confiada, como nenhum outro jamais a sentira. Estava ciente de sua própria fraqueza, e fizera de Deus o seu Conselheiro. Arão tinha-se em mais elevada conta, e confiava menos em Deus. Fracassara quando se lhe cometera responsabilidade, dando prova de fraqueza de carácter pela sua vil condescendência na questão do culto idólatrico no Sinai. Miriã e Arão, porém, cegos pela inveja e ambição, perderam isto de vista. Arão fora altamente honrado por Deus pela designação de sua família para o ofício sagrado do sacerdócio; todavia, mesmo isto aumentava agora o desejo de exaltação própria. ‘Porventura falou o Senhor somente por Moisés? não falou também por

nós?' Ver Números 12. Considerando-se igualmente favorecidos por Deus, entenderam ter direito à mesma posição e autoridade." {PP 276}, *Patriarcas e Profetas*, 399, 400.

Eles olharam para si próprios como co-mensageiros, que é muito, muito mais do que companheiros do mensageiro ou companhia para o mensageiro. Ser um co-mensageiro é ser um mensageiro em igualdade com o mensageiro; enquanto, um companheiro do mensageiro ou para o mensageiro nem sequer é um mensageiro, mas apenas um companheiro.

Foi a posição mais elevada que Miriã e Arão desejaram. Para defender a sua contestação, afirmaram que o Senhor havia falado por eles como havia falado com Moisés.

É verdade que estes dois rebeldes tinham sido dotados com o dom da profecia, que, à primeira vista, indicaria que eles eram mensageiros principais recebendo novas mensagens para o povo directamente de Deus através de Cristo.

Uma das experiências em que podia haver a tendência para se concluir isto, foi o elevado ponto a que Miriã chegou quando conduziu o povo na triunfante antífona no Mar Vermelho. Mas, foi de Moisés que ela recebeu o cântico. Foi o cântico de Moisés, não o cântico de Miriã.

"O Espírito de Deus repousou sobre Moisés, que dirigiu o povo em uma antífona triunfante de acções de graças, a primeira e uma das mais sublimes que pelo homem são conhecidas....

"Semelhante à voz do grande abismo, surgiu das vastas hostes de Israel aquela sublime tributação de louvor. Deram-lhe início as mulheres de Israel, indo à frente Miriã, irmã de Moisés, ao saírem elas com tamboril e danças. Longe, por sobre o deserto e o mar, repercutia o festivo estribilho, e as montanhas ecoavam as palavras de seu louvor — 'Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou.'" {PP 200}, *Patriarcas e Profetas*, 291, 292.

No Novo Testamento, ele é chamado "O cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro". *Apocalipse* 15:3; mas em lado algum é ele chamado "o cântico de Miriã". É o cântico que ninguém mais senão os 144.000 pode cantar. "E cantavam um 'cântico novo diante do trono — cântico que ninguém podia aprender senão os cento e quarenta e quatro mil. É o hino de Moisés e do Cordeiro — hino de livramento. Ninguém, a não ser os cento e quarenta e quatro mil, pode aprender aquele canto, pois é o de sua experiência — e nunca ninguém teve experiência semelhante.'" *O Grande Conflito*, 646.

Este não era um cântico vulgar, porque ele era muito mais do que uma antífona de gratidão pela sua libertação. Era nada menos do que a revelação do carácter e poder de Deus, do evangelho de Jesus Cristo pelo qual eles tinham sido libertados e uma apresentação profética do futuro, tal como pode ser confirmado pela leitura do texto do cântico em *Êxodo* 15:1-18. Apenas através de um mensageiro principal podiam semelhantes profundas comunicações serem feitas.

O facto que o Espírito Santo inspirou Moisés para compor esse cântico identifica-o como sendo o mensageiro principal através de quem unicamente, até à sua morte, todas a verdade presente para Israel devia brilhar.

Ao mesmo tempo, o facto que Miriã guiou o povo num cântico que tinha recebido de Moisés, identifica-a como mensageira secundária ou profeta.

Isto também é verdade quanto a Arão. O primeiro sumo-sacerdote em Israel necessitava de uma vasta quantidade de luz para fazer a sua obra no santuário, mas essa mensagem chegava-lhe através de Moisés. Foi Moisés, não Arão, que foi chamado ao cimo do monte para receber a maravilhosa luz acerca do santuário. Quando regressou ao acampamento, Moisés ensinou-a a Arão e aos anciãos. Uma e outra vez se encontram Escrituras como estas.

“E falou mais o Senhor a Moisés, dizendo;

“Dá ordem a Aarão e a seus filhos, dizendo: “Esta é a lei do holocausto...””
Levítico 6:8, 9.

“E Arão e seus filhos fizeram todas as cousas que o Senhor ordenou pela mão de Moisés.” *Levítico 8:36.*

Este sistema de comunicação era consistente com Moisés como mensageiro principal e Arão mensageiro secundário, a corrente de luz chegava a Arão através de Moisés. Portanto, Arão, tal como a sua irmã, eram profetas num nível secundário e não num principal.

Assim vemos que: “... Sua pretensão ao dom profético não foi negada; podia ser que Deus lhes tivesse falado em visões e sonhos. Mas a Moisés, a quem o Senhor mesmo declarou ‘fiel em toda a Minha casa’, uma comunhão mais íntima fora concedida. Com *ele* o Senhor falava boca a boca.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Assim a contestação não era quanto a Miriã e Arão serem mensageiros, mas acerca do nível da sua posição como mensageiros. Um era o mensageiro principal; os outros eram mensageiros secundários.

Do mesmo modo no Céu, não houve contestação sobre Lúcifer ser um mensageiro, mas sobre o nível da sua posição como mensageiro. Exactamente como Lúcifer reclamou a posição de mensageiro para si próprio no mesmo nível de Emanuel, assim Miriã e Arão procuraram estabelecer-se a si próprios como mensageiros ao nível de Moisés. Essa foi a forma como cada um violou a ordem evangélica e claramente revela como a mesma temível transgressão pode ser repetida hoje.

Alguns podem pensar que Deus ao dar directamente algumas revelações a Miriã e Arão através de visões e sonhos faz que eles sejam mensageiros principais, mas isto não é seguramente assim. Isto acontece porque todo o filho de Deus, que verdadeiramente acredita na ordem evangélica e em virtude disso recebe a luz através do mensageiro do Senhor, como se fosse do próprio Deus, será abençoado com penetrações pessoais na mensagem. O Senhor podia mesmo falar a esses através de visões e sonhos.

Lembra-vos que, apesar do Senhor enviar sempre a Sua luz através do Seu mensageiro, devemos ir directamente a Ele quando necessitamos d’Ele para ser nosso Solucionador de Problemas, Planeador e Portador de Fardos simpatizasse em seu descontentamento simpatizasse em seu descontentamento simpatizasse em seu descontentamento simpatizasse em seu descontentamento. Ele não comunica as Suas soluções para o vosso problema específico através de outro crente, mas fá-lo directamente a vós, a menos que, tal como pode acontecer algumas vezes, o outro

crente, numa ocasião específica, tenha sido chamado por Deus para ser vosso conselheiro.

Como exemplo do recebimento de mais pormenores ou conhecimento por parte de Arão acerca de uma mensagem que ele já tinha recebido de Moisés, há o caso do dízimo. *Levítico* 27:30, 32, é a primeira referência registada no ministério de Moisés onde Deus lhe deu instrução que o dízimo era sagrado e pertencia a Deus somente. A referência seguinte sobre o dízimo encontra-se em *Números* 18:20, 21, onde Deus, falando a Arão, deu mais instruções detalhadas a respeito do uso do dízimo e disse que ele devia ir para os levitas como seu sustento pessoal.

Uma aparente contradição à qual dedicaremos algum tempo é trazida à nossa atenção onde, nalguns casos, está relatado que o Senhor falou a Moisés e Arão ao mesmo tempo. Um exemplo que é típico do princípio de todo o resto lê-se assim:

“Todavia o Senhor falou a Moisés e a Aarão, e deu-lhes mandamento para os filhos de Israel, e para Faraó, rei do Egipto, para que tirassem os filhos de Israel da terra do Egipto.” *Êxodo* 6:13.

Nestes casos devemos recordar o facto que Arão foi colocado próximo de Moisés devido à incredulidade deste. O plano original de Deus era Moisés falar a Israel e a Faraó sem necessidade de um porta-voz. Os pormenores deste assunto não serão debatidos aqui mas podem ser encontrados no Capítulo 17 do livro *A salvação das Crianças*, do mesmo autor.

Portanto, uma vez que Arão foi colocado junto de Moisés, significa que ele tinha a mesma posição de Moisés e podia receber directamente de Deus tudo o que Moisés recebia? Arão não pensava assim, porque ele reconheceu que Deus honrou Moisés acima dele e aspirou à posição de Moisés. Arão podia ver o que Deus estava fazendo e não gostou disso. Deus também não os via como iguais e claramente deu testemunho da posição de acesso que cada um tinha a Si quando, na cena da lepra de Miriã, declarou claramente que Moisés tinha uma posição mais elevada e comunhão mais íntima com Deus do que Arão, o que é dizer que Arão não podia receber directamente de Deus tudo o que Moisés recebia. Isto é dizer também que Arão era total e completamente dependente de Moisés relativamente à luz que apenas Moisés podia receber. Se não fosse por causa de Moisés, Arão não teria a posição de porta-voz, pois não teria nada sobre o que falar.

Nesta confronto entre o pecado e a justiça, Arão foi despertado e imediatamente viu quanto tinha pecado ao lutar contra Deus e o que Deus estava fazendo ao atribuir-lhe uma posição abaixo de Moisés, e, felizmente para ele, se arrependeu imediatamente. Que todos os Arões que restam se arrependam e orem pelas Miriãs que estão associadas a eles. A eficaz, fervorosa oração de um homem justo tem muito valor.

Foi assim que o altíssimo Organizador e Comandante do Universo tinha especificamente colocado Moisés na posição de mensageiro principal e Miriã e Arão foram colocados nos lugares mais elevados de todos os mensageiros secundários. Depois disto feito, nenhum deles de acordo com os princípios e procedimentos da ordem evangélica, devia sequer pensar em aspirar a uma posição mais elevada, ou, de qualquer maneira, abandonar o seu posto de dever. Qualquer chamamento para

subir, descer, ou recolocar em qualquer outro lugar deve vir somente de Deus. Este princípio de operação é claramente revelado nestas palavras:

“Seres celestiais são designados para responder às orações daqueles que estão trabalhando de modo altruísta para os interesses da causa de Deus. Os anjos mais elevados nas cortes celestiais são apontados para realizar as orações que estão ascendendo a Deus para o avanço da causa de Deus. Cada anjo tem o seu particular posto de dever, do qual não lhe é permitido partir para qualquer outro lugar. Se ele partisse, os poderes da trevas ganhariam vantagem....” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Lúcifer foi o primeiro a quebrar esta regra vital como está escrito:

“Deixando seu lugar na presença imediata do Pai, Lúcifer saiu a difundir o espírito de descontentamento entre os anjos.” {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 17.

Miriã procedeu do mesmo modo. É bem digno de nota que, todas as vezes que uma pessoa viola as regras da ordem evangélica, ele ou ela garante que “espalha o espírito de descontentamento” entre os crentes. Com subtil habilidade, enquanto professa total lealdade à mensagem e ao movimento, ataca tanto o mensageiro como o movimento. O fruto destas actividades é desordem, desunião, fraqueza e divisão entre o verdadeiro povo de Deus. Contudo, isto não perturba aqueles que são a causa desta terrível situação, pois estão convencidos tal como Lúcifer que, se ao menos lhes pudesse ser dada a posição que determinaram para si próprios, então tudo estaria bem. Escutai as suas reivindicações como sendo apenas o eco das palavras de Satanás quando argumentou que: “Se este príncipe dos anjos pudesse tão-somente alcançar a sua verdadeira elevada posição, grande bem resultaria para todo o exército do Céu; pois era seu objectivo conseguir a liberdade para todos.” {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 18.

Deve ser lembrado que estes enganados professarão o melhor espírito e profundo interesse no bem-estar daqueles a quem professam abençoar. Mas, por muito bom que seja o seu espírito e inconscientes possam estar da sua pecaminosidade, é ainda um facto de que as boas intenções não anulam a lei de colher aquilo que foi semeado. Os resultados de aceitar a sua influência será verdadeiramente mau.

Ninguém na verdade necessita de ser enganado quanto ao verdadeiro carácter destes Lucíferes e Miriãs, ainda assim, surpreendo-me pela influência que eles são capazes de exercer sobre os verdadeiros crentes, especialmente quando afirmam aceitação total e lealdade à mensagem. Não vos deixeis enganar por estas profissões, porque o diabo fez as mesmas reivindicações sinceras enquanto trabalhava para destruir a autoridade do Mensageiro e da mensagem.

“Ao mesmo tempo em que, de sua parte, pretendia uma perfeita fidelidade para com Deus, insistia que modificações na ordem e leis do Céu eram necessárias para a estabilidade do governo divino.” {PP 12}, *Patriarcas e Profetas*, 18, 19.

Deus, evidentemente, conhecia muito bem o verdadeiro carácter da posição adoptada tanto por Lúcifer como por Miriã, semelhantemente, nós também devemos tornar-nos conhecedores. Ele sabia que isso era um propósito para pôr de lado a ordem evangélica em favor de um sistema diferente.

Qualquer ideia de que qualquer falta no sistema de Satanás podia ser mais do que compensada pela sinceridade e boa vontade do brilhante anjo e pelos seus

equivalentes terrestres, é completamente posta de lado pelo estudo da posição de Deus em face da crise com Israel.

O Altíssimo foi inequívoco na imediata e total rejeição das intenções de Miriã e Arão. Ele imediatamente rotulou a posição deles como deslealdade a Moisés e a Ele próprio. Isto era nada menos do que acusá-los com esse espírito de rebelião que expulsou Satanás do Paraíso para sempre.

“Deus escolhera a Moisés, e sobre ele pusera o Seu Espírito; e Miriã e Arão, pelas suas murmurações, eram culpados de deslealdade, não somente para com o chefe que lhes fora designado, mas para com o próprio Deus.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Miriã e Arão estavam agora em grande dificuldade e no maior perigo de serem banidos do Céu eternamente. A sua única esperança de sobrevivência estava no profundo e completo arrependimento que teria do mesmo modo salvo Lúcifer, mas que, para sua eterna condenação, ele negou. A respeito de Miriã e Arão Jeová não fez quaisquer concessões, enquanto, ao mesmo tempo, deu o Seu total apoio a Moisés. Deve ser recordado também que Deus apoiou Moisés na sua posição de mensageiro principal apesar do facto dos setenta anciãos serem o resultado da incredulidade de Moisés. Deus ao defender Moisés não estava a justificar a incredulidade dele. A posição de Moisés como mensageiro principal e a questão dos setenta anciãos são duas coisas diferentes.

“Os sediciosos faladores foram convocados ao tabernáculo, e levados perante Moisés. ‘Então o Senhor desceu na coluna da nuvem, e Se pôs à porta da tenda: depois chamou a Arão e a Miriã.’ Sua pretensão ao dom profético não foi negada; podia ser que Deus lhes tivesse falado em visões e sonhos. Mas a Moisés, a quem o Senhor mesmo declarou ‘fiel em toda a Minha casa’, uma comunhão mais íntima fora concedida. Com *ele* o Senhor falava boca a boca. ‘Por que pois, não tivestes temor de falar contra o Meu servo, contra Moisés? Assim a ira do Senhor contra eles se acendeu; e foi-Se.’ A nuvem desapareceu do tabernáculo em sinal do desprazer de Deus, e Miriã foi castigada. Ela ficou ‘leprosa, como a neve’. Arão foi poupado, mas teve severa repreensão no castigo de Miriã. Agora, com o orgulho humilhado até ao pó, Arão confessou seu pecado, e rogou que sua irmã não fosse deixada a perecer por aquele flagelo repugnante e mortal. Em resposta às orações de Moisés, a lepra foi purificada. Miriã foi, contudo, excluída do acampamento durante sete dias. O símbolo do favor divino não repousou de novo sobre o tabernáculo até que ela fosse banida do acampamento. Em atenção à sua elevada posição, pesarosos pelo golpe que sobre ela fora desferido, a multidão toda permaneceu em Hazerote, esperando sua volta.” {PP 277} *Patriarcas e Profetas*, 402.

Observemos primeiramente a forma como o Senhor classificava as acções dos dois rebeldes, de modo que seja visto que não é uma questão de pouca importância afirmar-vos como mensageiro por vós próprios quando o Altíssimo nunca vos chamou para essa posição e especialmente quando a posição de mensageiro principal já fora preenchida.

Está escrito que eles “eram culpados de deslealdade” tanto a Moisés como ao Altíssimo que o tinha apontado como mensageiro para Israel.

Para alguns, pelo menos, poderia ser uma surpresa ver que o Senhor exigia lealdade a Seu mensageiro, Moisés, que, como se viu claramente, era um homem falível capaz de cometer erros graves, como ele mesmo fez várias vezes.

Mas, como é plenamente revelado, é exactamente o que o Senhor exigia. Olhemos novamente o testemunho:

“Deus escolhera a Moisés, e sobre ele pusera o Seu Espírito; e Miriã e Arão, pelas suas murmurações, eram culpados de deslealdade, não somente para com o chefe que lhes fora designado, mas para com o próprio Deus.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Evidentemente, Miriã e Arão sem pensarem nas consequências tinham afastado qualquer convicção anterior que pudessem ter tido acerca da lealdade a Moisés como mensageiro, mesmo assim não tinham desculpa para este perigoso desrespeito da sua verdadeira responsabilidade. Pensaram que tudo o que importava era a lealdade a Deus, não compreendendo que é impossível ser leal a Deus, enquanto, ao mesmo tempo se é desleal ao mensageiro. A sua atitude é mais uma ilustração da conclusão tirada no capítulo anterior que Satanás não está procurando a abolição do reino de Deus, mas a procurar reestruturá-lo.

Precisamente da mesma maneira, Miriã não procurou intencionalmente destruir a igreja de Deus no deserto, nem procurou fazer vacilar Deus na Sua posição. Tudo o que ela queria no reino de Deus na Terra era reestruturar a sua ordem, de modo que lhe fosse dada a posição à qual ela acreditava devia ser promovida. Ela pareceu tão sincera e tão dedicada no seu amor à causa de Deus, que muitos teriam sido enganados quanto à verdade das suas exigências.

Todavia, embora na sua mente, não houvesse intenção de destruir o reino, nem o receio de um tal resultado, este seria o resultado final se o curso de acção dela tivesse prosseguido sem detenção até ao fim.

“Se a inveja e descontentamento de Miriã não houvessem sido repreendidos de maneira assinalada, disto teria resultado um grande mal.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Todos deviam estar muito cientes da exigência do Senhor que cada um de nós seja leal aos Mensageiros que enviou e a Ele também. Vede, por exemplo, quão leal foi Deus a Moisés no incidente de Miriã e Arão em Hazerote! Esse é o exemplo de como nos devemos relacionar com Deus e com os Seus mensageiros.

Todavia, bem podia ser perguntado, o que fazer se o mensageiro cai em pecado como quando Moisés na sua ira bateu na rocha? Devemos nós permanecer leais ao mensageiro?

Devemos muito certamente permanecer leais a ele muito embora, evidentemente, não desculpemos o pecado. Não devemos permitir que esta desaprovação do pecado tome a forma de uma atitude — mais santo do que tu — pela qual declaremos que, se fôssemos o mensageiro, então não teríamos falhado como ele. Embora Moisés não tivesse desculpa para o seu pecado, não devemos esquecer que o povo era culpado de colocar sobre ele terríveis pressões, das quais necessitava arrepender-se e voltar a apoiar de todo o coração o mensageiro.

Mas por causa do povo pressionar o mensageiro e em seguida abandoná-lo por causa dele ter cedido a essa pressão, seria uma grave injustiça e certamente não uma

revelação do carácter de Deus. Os crentes na ordem divina têm que estar cientes que os mensageiros de Deus não têm que lhes apresentar justificação. Eles não chamaram o mensageiro, nem lhe confiaram a sua missão, tal como foi claramente visto na escolha de Moisés. Portanto, não cabe ao povo decidir se o mensageiro se desqualificou para continuar a sua obra. Essa é uma decisão que só o Senhor pode tomar. Quando Ele o fizer, muito certamente informará a igreja como fez quando chamou o Mensageiro no primeiro caso.

Assim, as Escrituras claramente chamam à aspiração de Miriã e o que pretendia alcançar com elas, pelo seu nome correcto – deslealdade a Deus e ao Seu mensageiro, inveja e descontentamento e a completa repetição do desenvolvimento do pecado original que derrubou Lúcifer e os seus anjos.

Miriã certamente não descreveu a sua causa nestes terríveis termos. Ela tinha palavras muito mais amáveis pelas quais, na sua mente, apresentou a luta pela posição. Sem dúvida, ela chamou-lhe – o clamor para que fosse feita verdadeira justiça; o seu direito de ser reconhecida por aquilo que ela era; a restauração de uma administração equilibrada; a procura de uma melhor repartição para Israel; o verdadeiro movimento libertador; e ainda por cima, a sua resposta ao que ela afirmava ser o chamamento de Deus à sua promoção, nos seus esforços para obedecer ao que, Moisés a frustrou tendo assegurado todo o nível mais elevado para si. Verificareis sempre que um falso mensageiro muito solenemente afirmará ser divinamente encarregado de desempenhar o seu papel.

Esta história fornece-nos um exemplo mais claro do modo como a ordem evangélica é normalmente posta de lado. É também mostrada a terrível extensão do desagrado de Deus com as coisas ímpias, a certeza da separação das partes culpadas do Senhor e Seu povo e demonstra a necessidade da aceitação do profundo, muito pronto arrependimento, como o único meio pelo qual a salvação da morte eterna pode ser obtida.

Ninguém que tenha discernimento espiritual pode ler a trágica história das ambições de Miriã na procura de poder e falhar em ver que Deus não considerou as actividades dela como sendo inconsequentes.

“Entretanto, o mesmo mal que a princípio trouxera discórdia no Céu, surgiu no coração desta mulher de Israel, e ela não deixou de encontrar quem com ela simpatizasse em seu descontentamento.” {PP 275}, *Patriarcas e Profetas*, 399.

Quando Lúcifer estabeleceu no Céu os seus objectivos de mudar a ordem divina, o Pai eterno expulsou-o do Céu – para sempre. Até um certo ponto de tempo, ele podia ter-se arrependido, tornar-se totalmente puro, reinstalado na sua apontada posição e desde então vivido em estrita obediência aos princípios e procedimentos de construção do reino do Céu. Um tal arrependimento teria que incluir a aceitação por parte de Lúcifer do facto que Deus não podia fazer a mais pequena modificação na ordem celestial. Todas as mudanças tinham que ser feitas em Lúcifer.

Do mesmo modo, Miriã ficou repentinamente leprosa. Que choque paralisante! Isso deve tê-la horrorizado e quase a matou. Pensai no terrível sentimento da perdição eterna, de ver nesse hediondo símbolo do pecado, a horrível revelação da sua contaminação espiritual. Nesta situação podemos ver alguma coisa do horror da grande treva em que ela caiu. Foi verdadeiramente bom para ela que Moisés fosse

uma pessoa completamente cheia de amor e perdoadora, cuja poderosa experiência espiritual o tornou um intercessor eficaz para a sua irmã agora arrependida. “Em resposta às orações de Moisés, a lepra foi purificada.” {PP 277}, *Patriarcas e Profetas*, 402.

Depois desta ambiciosa aventura que se tornou tão assustadora, Miriã pareceu ter aprendido a sua lição, pois mostrou-se desde essa altura contente em viver na obscuridade. Nenhuma outra menção é feita a ela até ao breve relato da sua morte feito em *Números* 20:1.

Pensai no que teria acontecido se Miriã e Arão tivessem aplicado os princípios da ordem evangélica quando Satanás começou a tentá-los com pensamentos ambiciosos. Eles teriam sido perfeitamente protegidos de cometer o seu terrível erro, sofrendo essa lamentável humilhação e escapando por pouco à eterna condenação.

Eles teriam rejeitado qualquer pensamento de alguma vez serem mensageiros principais, porque teriam sabido que, na ordem divina, apenas podia haver um nessa altura e esse era Moisés. Que maneira maravilhosamente simples de resolver tal problema.

À luz das reacções de Jeová em relação aos procedimentos de Lúcifer e Miriã, somos providenciados com uma incrivelmente clara revelação do modo isento em que o Senhor trata todos os que aspiram ser mensageiros principais quando a posição já está preenchida. Embora estas pessoas bem-intencionadas se sintam seguras de que estão operando sob a orientação e bênção do Senhor, estão de facto a incorrer no Seu descontentamento e a sua obra será para nada.

Uma análise da história do presente movimento claramente demonstra a verdade destas palavras. Pessoa atrás de pessoa tem-se levantado afirmando de uma maneira ou de outra que têm novas mensagens que não chegaram até eles através do mensageiro escolhido. A obra de nenhum destes prosperou. Em breve, verificaram que estavam fora do movimento, e, excepto em casos raros em que houve genuínos arrependimentos, nunca regressaram.

Procuremos nunca ser culpados da rebelião de Miriã e Arão.



Capítulo 48

Dezembro de 1989

Tão apontadas, explícitas, claras e poderosas foram as mensagens ensinadas por Deus no incidente de Miriã e Arão, que ninguém devia ser levado a crer que elas nunca foram esquecidas pelos israelitas. Em vista do terrível castigo que o crime de Miriam atraiu, esperaríamos que ninguém jamais se atrevesse sequer pensar em levantar um apelo à mudança na ordem divina.

E por um limitado período pareceram ter aprendido a lição quando jornadeavam de Hazerote para Cades-Barneia, onde, tal como observámos anteriormente no nosso estudo, se excluíram a si mesmos da Terra Prometida por causa de deixarem de lado a ordem evangélica ao procurar construir o reino de outro modo que não o de Deus. Dezenas de milhares pagaram a sua loucura com a vida. Foi uma submissa, mas impenitente multidão que voltou para o deserto a fim de passarem os quarenta anos seguintes sempre caminhando para algum lado, mas nunca chegando a lado nenhum.

À medida que caminhavam penosamente com as suas costas voltadas para Canaã e os seus rostos em direcção ao deserto, as sementes do seu próximo ataque à ordem evangélica estavam em germinação.

“Os juízos com que foram atingidos os israelitas serviram durante algum tempo para restringir-lhes a murmuração e indisciplina, mas o espírito rebelde ainda estava no coração, e finalmente produziu os mais amargos frutos. As rebeliões anteriores tinham sido meros tumultos populares, surgindo dos impulsos momentâneos da multidão excitada; agora, porém, formou-se uma conspiração muito bem fundamentada, como resultado de um propósito decidido de subverter a autoridade dos chefes designados pelo próprio Deus.” {PP 286}, *Patriarcas e Profetas*, 415.

Esta revolta foi a de Coré, apoiado por Datã e Abirã, duzentos e cinquenta príncipes e um grande número do povo. Ela foi muito cuidadosa e habilmente planeada e executada, no seu auge colocou uma terrível ameaça sobre o movimento, e, apesar da visível intervenção pessoal de Jeová em directa e total oposição aos conspiradores, nenhum dos culpados que pereceu em consequência se arrependeu.

Este conflito foi uma exacta repetição daquilo que teve lugar no Céu quando Lúcifer formou o firme propósito de derrubar a autoridade do Chefe apontado pelo próprio Deus — a saber, Jeová Emanuel.

Semelhantemente era uma repetição do caminho prosseguido por Miriã e Arão, quando tentaram derrubar a autoridade do chefe designado pelo próprio Deus — a saber, Moisés.

“Na rebelião de Coré, vêem-se, em um cenário menor, os resultados do mesmo espírito que determinou a rebelião de Satanás no Céu. Foi o orgulho e a ambição que moveram Lúcifer a queixar-se do governo de Deus, e procurar subverter a ordem que fora estabelecida no Céu. Desde sua queda tem sido o seu objectivo infundir nas

mentes humanas o mesmo espírito de inveja e descontentamento, a mesma ambição de posições e honras. Assim agiu ele na mente de Coré, Datã e Abirã, para suscitar o desejo de exaltação própria, e provocar inveja, falta de confiança e rebelião. *Satanás, fazendo-os rejeitar os homens que Deus designara, fê-los rejeitar a Deus como seu chefe. Contudo, ao mesmo tempo em que com sua murmuração contra Moisés e Arão blasfemavam de Deus, estavam tão iludidos que se julgavam justos, e consideravam como tendo sido dirigidos por Satanás aqueles que fielmente haviam reprovado seus pecados.*" {PP 292}, *Patriarcas e Profetas*, 424.

Este parágrafo revela em termos muito claros e decisivos, a verdadeira natureza desta rebelião e como Deus a considerou e se relacionou com ela. O pecado manifestado nos conspiradores não podia ter sido pior; nem garantia mais segura para atrair a condenação eterna.

Sendo assim, porque é que, tão rapidamente depois da clara mensagem transmitida através da experiência de Miriã, da qual todos foram testemunhas e o desastre em Cades-Barneia na qual todos tomaram parte, foi organizada esta pior e mais desafiadora de todas as rebeliões? Seguramente a verdadeira natureza das anteriores e recentes conspirações e seus resultados mortais deviam ter sido recordados tão vividamente que qualquer pensamento para a implantação de uma nova estrutura no reino devia ser imediatamente afastada! Eles deviam ter ficado profunda e permanentemente convencidos que, lutar contra a ordem evangélica, era entrar numa guerra aberta, não apenas contra os homens, mas contra o próprio Deus numa batalha em que não havia esperança de vitória. Deviam ter sido completamente persuadidos que, estabelecer o seu caminho nesta direcção, era abandonar toda a esperança de viver o seu tempo de vida nesta Terra e perder toda a possibilidade de herdar o lar dos santos. Deviam ter aprendido que isso era perder tudo em troca de nada.

Mas em vez disso, a ilusão que consideravam como o mais elevado e melhor em troca do mais baixo, era acariciado e desenvolvido até se tornar a paixão mais absorvente que governava sobre eles. Pior ainda, chegaram ao terrível ponto em que creram que a sua causa era tão honesta e justa que tinham a total aprovação e apoio de Deus, de modo que "... Suas insinuações foram tão prontamente recebidas que se arriscaram ainda mais, e afinal acreditaram realmente estarem agindo pelo zelo de Deus". {PP 287}, *Patriarcas e Profetas*, 417. Eles então estavam extremamente confiantes, pois, com Deus lutando por eles como eles supunham que Ele estava, tinham certeza de que não poderiam falhar, mas conseguiriam derrubar a autoridade dos homens que o próprio Senhor havia designado para liderar a multidão. Eles tinham-se convencido de que não apenas estavam prestes a apoderar-se do melhor que essa vida lhes poderia oferecer, como também tinham um lugar garantido na eterna mansão, tão justos eles pareceram aos seus próprios olhos.

É um terrível estado de iniquidade ser chamado por Deus para ser mensageiro e recusar a responder, mas é uma situação muito pior quando, tendo rejeitado grande luz, descobris que estais em luta contra os homens que Deus nomeou e contudo acreditais que sois totalmente leais à verdade de Deus e estais gozando a Sua total aprovação e apoio. A pessoa que procede assim não pode distinguir entre a verdade

e o erro. Pode confiar-se que ela está acariciando o erro e rejeitando a verdade. Quando o Espírito Santo se aproxima para restaurar a verdade nela, esta pobre alma vê isto como sendo do diabo e de acordo com isso rejeita o mensageiro divino.

Por outro lado, em virtude do espírito de rebelião que existe em si estar aliado ao mesmo espírito do diabo, quando Satanás se aproxima vestido como um anjo de luz, recebe-o calorosamente como se fosse o próprio Senhor. O resultado fatal é que quanto mais o Senhor tenta alcançar o que está em erro com a Sua salvação, mais esse O rejeita como voz de Satanás; e quanto mais o diabo se aproxima, mais feliz o rebelde o aceita como a voz de Deus.

O PECADO IMPERDOÁVEL
Ou O Pecado Contra O Espírito Santo É Chamar:

LUZ



TREVAS

e:

TREVAS



LUZ

É chegar ao lugar onde:
Se crê que a voz do ESPÍRITO SANTO é a voz de SATANÁS;
E a voz de SATANÁS é aceite como sendo a voz do ESPÍRITO SANTO.
Por isso, não é DEUS que arbitrariamente separa a pessoa, mas a sua própria
acção porque – quanto mais o Senhor tenta chegar a ela com a luz salvado-
ra, mais Ele é rejeitado – tornando assim impossível alcançar essa alma.
“O virardes as coisas de cima para baixo é conhecido pelo Senhor.” TM 96.

Este é um pecado imperdoável, tornado assim, não por Deus ter retirado a Sua graça salvadora, mas em virtude da pessoa enganada por si própria se ter colocado numa posição onde já não é mais possível ao Senhor alcançá-la. Coré e os seus seguidores imediatos chegaram a esse ponto e estavam eternamente perdidos, porque as Escrituras dizem claramente que eles morreram na sua rebelião, sem se arrependerem até ao fim.

“Apesar de terem tido a prova mais convincente do desagrado de Deus pela sua conduta, na destruição dos homens que os haviam enganado, ousaram atribuir Seus

juízos a Satanás, declarando que, pelo poder do maligno, Moisés e Arão tinham ocasionado a morte de homens bons e santos. Foi esse acto que selou a condenação deles. Haviam cometido o pecado contra o Espírito Santo, pecado este em virtude do qual o coração do homem eficazmente se endurece contra a influência da graça divina. 'Se qualquer disser uma palavra contra o Filho do homem,' disse Cristo, 'ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado.' Mateus 12:32. Estas palavras foram proferidas por nosso Salvador quando as obras cheias de graça que realizara pelo poder de Deus, foram atribuídas pelos judeus a Belzebu. É mediante a operação do Espírito Santo que Deus Se comunica com o homem; e aqueles que deliberadamente rejeitam esta operação como satânica, interceptam o conduto que estabelece comunicação entre a alma e o Céu.

"Deus opera pela manifestação do Seu Espírito para reprovar e convencer o pecador; e, se a obra do Espírito é finalmente rejeitada, nada mais há que Deus possa fazer pela alma. O último recurso da misericórdia divina foi empregado. O transgressor desligou-se de Deus; e o pecado não tem remédio para curar a si mesmo. Não há um poder reservado, pelo qual Deus possa operar para convencer e converter o pecador. 'Deixa-o' (Oseias 4:17), é a ordem divina. Então, 'já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há-de devorar os adversários'. Hebreus 10:26, 27." {PP 294}, *Patriarcas e Profetas*, 426.

Assim, uma vez mais faço a pergunta: "À luz da poderosa e totalmente convincente demonstração dada pelo próprio Deus através dos Seus mensageiros escolhidos, Cristo e Moisés, da Sua completa desaprovação de qualquer esforço para mudar a ordem evangélica e as Suas revelações da terrível punição que espera aqueles que tentam introduzir qualquer nova ordem, porque é que eles em desafio tentaram efectuar essa mudança?"

Esta é uma pergunta que deve ser agora respondida, porque nós estamos igualmente no grande perigo de fazer o que eles fizeram. Mas se soubermos a razão por que eles o fizeram e os passos que podiam ter dado a fim de assegurar a sua perfeita salvação do perigo mortal, saberemos exactamente o que fazer para ter a perfeita e completa protecção contra a prática deste pecado.

Portanto, onde está o problema?

Aqui está a resposta: "o espírito rebelde ainda estava no coração, e finalmente produziu os mais amargos frutos." {PP 286}, *Patriarcas e Profetas*, 415.

Desde o início do levantamento do presente movimento, tem sido fortemente salientado que: "Nenhuma verdade a Bíblia ensina mais claramente do que aquela segundo a qual o que fazemos é o resultado do que somos. Em grande parte, as experiências da vida são o fruto de nossos próprios pensamentos e acções.

"A maldição sem causa não virá' (Provérbios 26:2.)

"Dizei aos justos que bem lhes irá... Ai do ímpio! Mal lhe irá: porque a recompensa de Suas mãos se lhe dará.' Isaías 3:10, 11.

"Ouve tu, ó Terra! Eis que Eu trarei mal sobre este povo, o próprio fruto de seus pensamentos.' Jeremias 6:19.

“Terrível é esta verdade, e profundamente deve ela ser gravada em nosso espírito. Cada acção se reflecte sobre aquele que a pratica. Jamais um ser humano pode deixar de reconhecer, nos males que lhe infelicitam a vida, os frutos daquilo que ele próprio semeou. Contudo, mesmo assim, não nos achamos sem esperança.

“Para adquirir o direito de primogenitura que já lhe pertencia pela promessa de Deus, Jacó recorreu à fraude, e colheu os frutos do ódio de seu irmão. Durante vinte anos de exílio foi ele próprio lesado e defraudado, e finalmente forçado a procurar segurança na fuga; e colheu uma segunda messe, visto que as falhas de seu próprio carácter foram vistas a reproduzir-se em seus filhos, sendo que tudo isto nada mais era senão um fidelíssimo quadro de retribuições da vida humana.

“Deus, porém, diz: ‘Para sempre não contenderei, nem continuamente Me indignarei; porque o espírito perante a Minha face se enfraqueceria, e as almas que Eu fiz. Pela iniquidade de sua avareza Me indignei, e os feri: escondi-Me, e indignei-Me; mas, rebeldes seguiram o caminho de seu coração. Eu vejo os seus caminhos, e os sararei; também os guiarei, e lhes tornarei a dar consolações e aos seus pranteadores... Paz, paz, para os que estão longe e para os que estão perto, diz o Senhor, e Eu os sararei.’ Isaías 57:16-19.

“Jacó, em sua angústia não desesperou. Havia-se arrependido e se esforçara por expiar a falta cometida para com seu irmão. E ao ser pela ira de Esaú ameaçado de morte, procurou o auxílio de Deus. ‘Lutou com o anjo, e prevaleceu; chorou e lhe suplicou.’ Oseias 12:4; Génesis 32:29. Na força de Seu poder o que fora perdoado levantou-se, não mais como o suplantador, mas como príncipe diante de Deus. Não ganhara simplesmente o livramento de seu irmão ofendido, mas o seu próprio. Quebrara-se o poder do mal em sua própria natureza; havia-se-lhe transformado o carácter.

“Ao crepúsculo houve luz. Jacó, revendo a história de sua vida, reconheceu o poder mantenedor de Deus – aquele ‘Deus que me sustentou desde que eu nasci até este dia; o Anjo que me livrou de todo o mal’. Génesis 48:15, 16.

“A mesma experiência se repete na história dos filhos de Jacó: o pecado operando a retribuição, e o arrependimento produzindo fruto da justiça para a vida.

“Deus não anula Suas leis. Ele não age contrariamente às mesmas. Não desfaz a obra do pecado. Mas Ele transforma. Mediante Sua graça a maldição resulta em bênçãos.” *Educação*, 146-148.

Quando Coré e aqueles que mais tarde o seguiram na rebelião testemunharam o terrível resultado da tentativa de Miriã para mudar a ordem divina, deviam ter sido convenientemente impressionados e conseqüentemente decidido nunca se envolverem no mesmo erro.

Porém, não importa quão resolutamente uma pessoa possa decidir-se a não andar em caminhos de pecado, se “o espírito de rebelião” ainda estiver no seu coração, este sobreporá as mais fortes boas intenções e por fim produzirá os amargos frutos. Nada há mais certo do que isso.

Esta é a insistente mensagem que Paulo foi encarregado de apresentar em *Romanos 7:1-25*. Ali está ilustrado o homem que conhece a lei de Deus, ama-a com todo o seu coração e decidiu que obedeceria a todos os estatutos divinos, contudo, falha miseravelmente. Os próprios pecados que não quer cometer, verifica que está

praticando, enquanto a justiça que deseja realizar, falha em alcançar, apesar do facto de ter decidido fazer o bem e rejeitar o mal.

A razão para isto está no simples facto de que o espírito de rebelião — doutra maneira chamado o velho homem, a mente carnal, o senhor do pecado, etc. — é demasiado forte para ser com sucesso resistido pela vontade humana. Em cada confronto, o espírito de rebelião sairá sempre vencedor.

Portanto, vendo que o espírito de rebelião permanecia em Coré e seus seguidores, tudo o que fizeram foi apenas o que podiam ter feito sob a pressão das tentações que os atacou, a menos que, compreendendo o seu perigo, se tivessem refugiado no Altíssimo em busca de livramento. A força do mal que estava dentro deles era o problema. Ela era o senhor; eles eram os seus servos escravos. A única solução possível para o problema era que cada um deles reconhecesse a sua verdadeira e deplorável condição que apenas podia ter sido revelada através do ministério do Espírito Santo e em seguida terem feito uma confissão aceitável destinada a erradicar o espírito mau e substituí-lo com a natureza espiritual de Cristo.

Para uma explicação mais detalhada deste procedimento eficaz, estudei *Confissão Aceitável* do mesmo autor.

Uma pessoa deve fazer uma confissão aceitável muito cedo, no início do desenvolvimento do problema que surge da presença em si do espírito de rebelião. Fazer isto requer o reconhecimento de que há um problema, que temos de facto a presença em nós do espírito de rebelião. Isto pode ser difícil, porque a presença do mal tem a tendência de disfarçar-se em vestes de ovelha, destinada a levar o pecador a crer que aquilo que está fazendo é a vontade do Senhor, quando de facto, é uma activa rebelião contra os poderes celestiais.

Não deve ser passado em claro que a manifestação de um espírito de rebelião não é necessariamente prova de que uma pessoa não é renascida, porque aquele que foi liberto do poder controlador do senhor do pecado verificará que o espírito de rebelião pode ainda aparecer na sua natureza humana. Ele especialmente tenderá a manifestar-se a si mesmo quando a lei da sobrevivência está envolvida, isto é, quando há uma ameaça à vida, bens ou posição da pessoa.

Um exemplo excelente disto verificou-se quando Davi decidiu colocar-se sob a protecção de Aquis, rei dos filisteus. Ele com certeza agiu assim em violação da ordem evangélica, porque o Senhor nunca lhe designou esta posição ou lhe deu essa solução.

“A conclusão de Davi, de que Saul certamente cumpriria seu intuito assassino, foi formulada sem o conselho de Deus. Mesmo quando Saul estava tramando e procurando levar a efeito a sua destruição, o Senhor agia com o fim de assegurar a Davi o reino. Deus efectua Seus planos, embora aos olhos humanos estejam velados em mistério. Os homens não podem compreender os caminhos de Deus; e, olhando às aparências, interpretam os transes, provações e experiências que Deus permite que venha sobre eles, como coisas que contra eles são, e que apenas farão a sua ruína. Assim Davi olhava para as aparências, e não para as promessas de Deus. Duvidava que algum dia viesse a ocupar o trono. Longas provações lhe tinham cansado a fé e exaurido a paciência.” {PP 496}, *Patriarcas e Profetas*, 720.

Nenhum cristão devia considerar-se imune ao ministério mortal do espírito de rebelião, especialmente quando é recordado que esta controladora força má, se desenvolveu nos perfeitos e sem pecado Lúcifer, Adão e Eva. Se ele apareceu neles, como então, quanto maior risco temos nós e quanto mais necessitamos de caminhar em guarda. Todos nós somos avisados de que a rápida detecção desta propensão para a iniquidade é uma importante vitória sobre ela, porque, uma vez que ela esteja firmemente estabelecida, destrói a nossa capacidade de a reconhecer por aquilo que é.

Eu penso que posso dizer com segurança que a sua forma mais perigosa é quando uma pessoa, baseada no amor pela causa e com o aparente espírito de sacrifício e convicção, crê que, se estivesse colocada na posição que deseja, a obra prosperaria maravilhosamente.

O processo de libertação da rebelião começa com um conhecimento dos princípios e procedimentos divinos, combinados com a convicção de que os caminhos do Senhor são na verdade justos e verdadeiros. Este conhecimento e convicção são trazidos ao indivíduo por Jeová através do Seu mensageiro escolhido. Uma vez que esta luz lhe seja enviada, torna-se responsável por ela quer a aceite ou não.

“Coré não teria seguido o caminho por onde foi, se tivesse *sabido* que todas as instruções e reprovações comunicadas a Israel eram de Deus. Ele podia, entretanto, ter sabido isto. Deus dera prova esmagadora de que estava guiando Israel. Mas Coré e seus companheiros rejeitaram a luz até se tornarem tão cegos que mesmo as mais notáveis manifestações de Seu poder não bastavam para os convencer, atribuíam-nas todas a operações humanas ou satânicas.” {PP 294}, *Patriarcas e Profetas*, 425.

Se eles apenas tivessem verdadeiramente compreendido o seu perigo, teriam colocado uma apertada vigilância às suas respostas aos acontecimentos diários e no momento em que descobrissem em si mesmos qualquer rejeição dos princípios divinos, teriam corrido para o santuário em busca de perdão, purificação e obtenção do doce espírito de Jesus. Se tivessem feito isto, teriam sido libertados do espírito de rebelião e nunca se teriam envolvido na terrível conspiração que custou a ambos a vida que agora está junto daquela que há-de vir.

Pela sua persistente rejeição da luz divina chegaram ao ponto em que eram incapazes de identificar o que era rebelião e o que era lealdade. Mas então, temos nós esta capacidade hoje? Somos nós capazes de reconhecer o que é a verdadeira ordem evangélica e fielmente viver por ela? Passemos alguns momentos descrevendo uma situação ou duas que são classificadas como actos de rebelião.

A palavra “rebelião” é uma palavra forte, transportando consigo uma conotação de aberta e violenta resistência à autoridade e este é normalmente o caso. Todavia, se limitarmos a nossa compreensão deste mal contra Deus a este conceito de rebelião, falharemos em reconhecer as suas mais subtis manifestações, em que é praticada pelas melhores pessoas que se consideram totalmente leais a Deus.

Aqui está um exemplo simples baseado no facto de que há apenas três procedimentos pelos quais o reino de Deus pode ser construído e que qualquer que introduza alguma modificação ao sistema divinamente ordenado está em rebelião.

O Senhor chama um mensageiro num tempo de apostasia e grande treva espiritual, e transmite a verdade presente apenas a ele, porque esse, tal como temos

aprendido, é o modo como o reino de Deus está estruturado. Durante algum tempo o sistema opera sem dúvida ou oposição, cada pessoa recebendo a luz através do único canal divinamente ordenado. Mas, rapidamente, se levanta um indivíduo que tem muita recomendação em seu favor. Ele ou ela parece ser dedicado à construção do movimento e é enérgico, diligente, amigo, gentil, abnegado, útil e crê firmemente que o movimento é do Senhor. Contudo, esta pessoa não se limita ao estudo e ensino da verdade presente que Deus está enviando através do Seu mensageiro, mas procede ao estudo de uma mensagem escolhida por si própria.

A pessoa é tão sincera e dedicada que o seu procedimento tende a ser considerado com aprovação pelos outros membros, pelo menos até serem educados nos princípios da ordem evangélica, mas o facto real é que Deus classifica a obra desta pessoa como sendo rebelião.

Muito evidentemente que é, pois esses indivíduos têm procurado somar a sua própria forma de construir o reino à do Senhor. Não há diferença entre este e o procedimento adoptado por Satanás, Miriã e Coré cada um por sua vez e a obra de cada um deles é correctamente chamada — rebelião. Tanto aquele que junta uma mensagem sua como o que a recebe, estão em rebelião.

Alarguemos agora um pouco mais a definição de rebelião. Depois do movimento ficar bem estabelecido como tem acontecido tantas vezes na história do homem, o mensageiro de Deus é vencido pela tentação. Uma proporção de membros conclui que ele se desqualificou para continuar a ser mensageiro e separam-se dele.

Demonstram com isto que ignoravam o modo como Deus constrói a estrutura do Seu reino ao menosprezar completamente o facto de que o Soberano do Universo que escolheu o mensageiro para a sua obra no primeiro caso, é o único que pode afastá-lo se esse tempo alguma vez chegar. A única pergunta que devia ser feita não é se, no julgamento humano, ele se desqualificou a si próprio, mas se Deus pôs fim à sua missão. Isto pode não ser imediatamente visível, mas se o crente em Jesus esperar pacientemente e com oração, em breve saberá a verdade sobre essa questão.

Normalmente é visto que o Senhor tem algo melhor do que afastá-lo como está escrito: “Aceita francamente aqueles cuja maneira de proceder Lhe tenha sido a mais ofensiva; quando se arrependem, comunica-lhes o Seu divino Espírito, coloca-os nos mais altos postos de confiança e envia-os para o campo dos desleais, para proclamar a Sua ilimitada misericórdia.” {DTN 584}, *O Desejado de Todas as Nações*, 895.

Aqueles que se separam do mensageiro, tentam então fazer avançar o movimento, crendo que são a verdadeira continuação da obra do Senhor. Mas eles não possuem a estrutura da ordem evangélica. É verdade que parecem ter pelo menos uma parte dela. Crêem que são leais a Deus e lutam para obedecer a todos os mandamentos. Assim estão confiantes que não houve mudança nessa parte da estrutura, pois ainda olham para Deus como Fonte infinita. Contudo, assim fez o diabo. Não esqueçamos a sua orgulhosa declaração de disposição para obedecer a Deus, enquanto rejeitava o Mensageiro escolhido por Jeová. “Ele [Satanás] declara que não pode submeter-se às ordens de Cristo, obedecerá unicamente às ordens de Deus.” *S.D.A. Bible Commentary* 7:973.

Não é a intenção de Satanás dismantelar toda a estrutura do reino construído por Deus, mas apenas modificar a posição do mensageiro. Ele acredita que o pode fazer sem destruir todo o sistema, mas isto é um engano.

Os seus seguidores também têm a parte inferior da estrutura quando se vê que eles realmente se reconhecem como receptores verdadeiramente indefesos e dependentes. Eles reforçam esta verdade — e é a verdade — repetindo e reiterando a confissão da sua grande necessidade de serem abençoados por Deus, guiados e ensinados por Ele. Tão ardentemente expressam o seu amor pelo Senhor; tão avidamente se reúnem para confraternizarem no sábado, na reunião a meio da semana, e nas reuniões campais; tão devota e intensamente fazem os seus estudos das Escrituras; tão desejosos fazem as suas orações pelos ricos derramamentos do Espírito Santo; e tão honestamente testificam das bênçãos que crêem que o Senhor derramou sobre eles; que dão toda a aparência de serem o verdadeiro movimento dessa altura.

Porém, eles podem vigorosa e sinceramente exercer todas estas devoções espirituais, sem a estrutura estar completa. Este elo vital do mensageiro enviado por Deus não está no lugar. Não pode estar, pois eles separaram-se dele, quando Deus não o fez. Clara e adequada prova é dada no facto de que o Altíssimo continua a enviar a luz da verdade presente através do mensageiro da Sua escolha, como se esse mensageiro nunca tivesse tropeçado.

Não deve ser esquecido que a verdadeira estrutura de construção do reino nunca está completa apenas com a existência de *um* mensageiro. Se isto fosse tudo o que é necessário para tornar a estrutura completa, então um grande número de organizações religiosas estaria qualificada como o movimento aprovado no Céu, incluindo o papado.

Seria então caso que todo o corpo religioso que ensina que Deus é a Fonte infinita, que o povo são os fracos, dependentes recebedores e que o Soberano do Céu comunica a Sua luz através de um mensageiro, seria a igreja de Deus.

Todavia, não é suficiente ter *um* mensageiro, porque o único através de quem o Soberano do Universo transmitirá o conhecimento da Sua vontade, é aquele que Ele escolheu. Este tem sido o ponto em debate desde o início do grande conflito. Satanás estava determinado a separar-se e ignorar completamente o Mensageiro escolhido por Jeová e a colocar outro no seu lugar. A questão era e ainda continua a ser se *o* mensageiro ou *um* mensageiro devia completar a estrutura para construção do reino.

Portanto, se *um* mensageiro estiver instalado no lugar *do* mensageiro, isto é classificado no Céu como rebelião. Foi rebelião quando Lúcifer, Miriã e Coré o fizeram, e, actualmente, ainda é considerado no Céu como sendo o que é — *rebelião*. A estrutura de construção do reino está obviamente incompleta, tonando-se assim totalmente ineficaz.

Esta é uma questão muito séria, porque o Altíssimo não deu estruturas de construção do reino alternativas para aqueles que desejam rejeitar o mensageiro escolhido por Si. Por esta razão está escrito: “Se rejeitardes os mensageiros delegados por Cristo, rejeitais a Cristo.” *Testemunhos para Ministros*, 97.

“Deus fala por meio dos agentes por Ele designados, e que nenhum homem, nem grupo de homens, insultem o Espírito de Deus recusando-se a ouvir a mensagem da

Palavra divina dos lábios de Seus mensageiros escolhidos. Recusando-se a ouvir a mensagem de Deus, fecham-se os homens num aposento de trevas. Excluem sua própria alma das grandes bênçãos e roubam a Cristo a glória que Lhe devia ser dada, mostrando desrespeito para com os agentes que designou." *Testemunhos para Ministros*, 54.

Quando Cristo enviou os setenta discípulos na viagem missionária, disse-lhes como se relacionarem com as cidades que os rejeitassem. Eles deviam limpar o próprio pó dos seus pés para mostrar que Deus os rejeitara.

"Não deveis proceder assim por motivos de ressentimento ou de dignidade ferida, mas para mostrar quão ofensivo é recusar a mensagem do Senhor ou Seus mensageiros. Rejeitar os servos do Senhor é rejeitar o próprio Cristo.

"'E digo-vos,' acrescentou Jesus, 'que mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade.' Então Seus pensamentos se volveram para as cidades Galileias onde se realizara tão grande parte de Seu ministério. Em acentos de profunda tristeza exclamou: 'Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida! que, se em Tiro e em Sidom se fizessem as maravilhas que em vós foram feitas, já há muito, assentadas em saco e cinza, se teriam arrependido. Portanto, para Tiro e Sidom haverá menos rigor no juízo do que para vós. E tu, Cafarnaum, serás levantada até ao Céu? até ao inferno serás abatida.'

"Àquelas activas cidades ao pé do mar da Galileia tinham sido abundantemente oferecidas as mais preciosas bênçãos do Céu. Diariamente o Príncipe da vida tinha entrado e saído entre eles. A glória de Deus, que profetas e reis anelaram ver, brilhara sobre as multidões que seguiam o Salvador. Mesmo assim rejeitaram o Dom celestial." {DTN 345}, *O Desejado de Todas as Nações*, 532.

É fácil para nós aceitar a gravidade da rejeição das mensagens quando o próprio Cristo era o Mensageiro, mas necessitamos ver, compreender e completamente aceitar o facto que não importa quem é o mensageiro, desde que ele seja chamado por Deus, a rejeição da sua mensagem traz as mesmas consequências. Por outras palavras, se Noé, Abraão, Ezequiel, Paulo, Lutero, Miller, Waggoner, ou Jones fossem os únicos enviados por Deus ao povo, não haveria diferença entre eles e Cristo. As consequências da rejeição dos mensageiros delegados teria sido exactamente como se fosse o próprio Cristo a ser rejeitado.

Então, não há nada mais grave do que rejeitar aceitar o mensageiro enviado por Deus, pois isto é repudiar o próprio Salvador. Uma vez que isso tenha sido feito, a menos que aquele que fez esta coisa terrível veja a natureza do seu pecado e verdadeiramente se arrependa do seu erro, não há esperança para ele. É obviamente impossível ser salvo por um Salvador que foi rejeitado.

À luz da ordem evangélica, as terríveis implicações de rejeitar o mensageiro de Deus, que não é menos do que repudiar o próprio Cristo, são mostradas na sua verdadeira luz e tornadas claras que nenhum dos que procuram a verdadeira luz senão através do canal divinamente determinado tem qualquer esperança de salvação. Uma vez que estas verdades tenham sido vistas no seu verdadeiro poder, os filhos de Deus serão muito mais cuidadosos no relacionamento com o mensageiro de Jeová como Ele pretende que façam e não se rebelem como fizeram Coré e os seus seguidores. Aqueles que recusam chegar ao ponto em que vêm, aceitam e vivem

pelos princípios da ordem evangélica, caminharão por fim em tais trevas, que crerão serem guiados por Deus, quando de facto estão em total oposição contra Ele.

“A rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria.’ A rebelião originou-se com Satanás, e toda a rebelião contra Deus é devida directamente à influência satânica. Aqueles que se põem contra o governo de Deus entraram em aliança com o máximo apóstata, e este exercerá seu poder e engano para cativar os sentidos e desencaminhar o entendimento. Ele fará todas as coisas aparecerem sob uma luz falsa. Semelhantes aos nossos primeiros pais, os que se acham sob sua fascinação mágica vêem apenas os grandes benefícios a serem recebidos pela transgressão.

“Não se pode dar prova maior do poder enganador de Satanás do que o facto de que muitos, que assim são levados por ele, enganam-se com a crença de que estão ao serviço de Deus. Quando Coré, Datã e Abirã se rebelaram contra a autoridade de Moisés, pensaram que apenas estavam se opondo a um dirigente humano, um homem como eles mesmos; e chegaram a crer que estavam em verdade a fazer o serviço de Deus. Mas, rejeitando o instrumento escolhido de Deus, rejeitaram a Cristo; insultaram o Espírito de Deus. Assim, nos dias de Cristo, os escribas e anciãos judeus, que professavam ter grande zelo pela honra de Deus, crucificaram a Seu Filho. O mesmo espírito existe ainda nos corações daqueles que se põem a seguir sua própria vontade em oposição à de Deus.” {PP 468}, *Patriarcas e Profetas*, 680, 681.

“Difícilmente poderão os homens cometer maior insulto a Deus do que desprezar e rejeitar os instrumentos que deseja usar para a salvação deles. Os israelitas não somente fizeram isto, mas propuseram-se a matar Moisés e Arão. Não compreendiam, entretanto, a necessidade de buscar o perdão de Deus, pelo seu enorme pecado. Aquela noite de prova não foi passada em arrependimento e confissões, mas à procura de algum meio para resistir às evidências que lhes mostravam serem os maiores pecadores. Alimentavam ódio contra os homens que por Deus haviam sido designados, e ligaram-se a fim de resistirem à autoridade dos mesmos. Satanás estava a postos para perverter-lhes o discernimento e levá-los de olhos vendados à destruição.” {PP 291}, *Patriarcas e Profetas*, 422, 423.

Uma vez mais é altura de salientar que, se Coré estivesse firmemente estabelecido nos princípios da ordem evangélica, nunca se teria levantado contra Moisés, Arão e o Senhor que lhes tinha dado a missão no seu posto de dever. Ele teria sido salvaguardado pela sua convicção de que qualquer tentativa para afastar o mensageiro designado por Deus, seria registado contra ele nos livros do Céu como indesculpável rebelião contra o Altíssimo. Ele teria a consciência de que traria terríveis punições sobre si próprio e que a sua loucura lhe custaria o seu lugar em Israel e a sua vida presente e eterna.

Do lado positivo, estaria em completa harmonia com a estrutura que o Ser Eterno tinha traçado e pela qual Ele constrói o Seu reino. Seria verdadeiramente defensor do sistema pelo qual o eterno Pai Se comunica através de um único mensageiro. Dele não teria emanado inveja, orgulho, ambição não santificada, ou rebelião. Teria vivido uma longa vida, útil, abençoada e feliz.

Esse é o poder protector da ordem evangélica. Em capítulos anteriores vimos como isso teria salvo Lúcifer, e depois Adão e Eva, e depois os filhos de Israel em Cades-Barneia, do desastre que caiu sobre eles.

As grandes lições ensinadas por cada um destes casos é que quando compreendemos, cremos e fielmente praticamos a ordem evangélica, então seremos abençoados com completa protecção das terríveis consequências sofridas por aqueles que andam num caminho diferente daquele pelo qual Jeová edifica o reino.

As experiências de Arão fornecem um persuasivo exemplo disto, porque, algumas vezes ele esteve do lado certo e outras do errado. É digno de nota que Jeová o tratou de acordo com aquilo que ele era e não de acordo com quem ele era. Quando estava em rebelião em Hazerote, com estrita imparcialidade, Deus tratou-o como um rebelde. Por outro lado, quando a sua posição foi desafiada por Coré, Arão foi completamente protegido porque ele estava totalmente em harmonia com a ordem evangélica.

Nós não devemos ignorar o facto de que quem ele foi teve realmente algum peso na forma como foi tratado. Sendo o sumo-sacerdote a quem privilégios e luz especiais tinham sido dados, tornou-o mais responsável e por conseguinte, traria sobre ele punições mais severas do que um membro mais humilde de uma das tribos. Este princípio é claramente declarado no comentário acerca de como ele ficou depois do incidente do bezerro de ouro:

“O facto que Arão fora muito mais abençoado e honrado do que o povo, foi o que tornou o seu pecado tão hediondo. Foi Arão, ‘o santo do Senhor’ (Salmo 106:16), que fizera o ídolo e anunciara a festa. Foi aquele que fora designado como o porta-voz de Moisés, e a respeito de quem o próprio Deus testemunhou: ‘Eu sei que ele falará muito bem’ (Êxodo 4:14), foi ele que não pode sustar os idólatras no seu intento de afronta ao Céu. Aquele por intermédio de quem Deus agira ao trazer juízo tanto sobre os egípcios como seus deuses, ouvira inabalável a proclamação ante a imagem fundida: ‘estes são teus deuses, ó Israel que te tiraram da terra do Egipto.’ Fora aquele que estivera com Moisés no monte, e ali vira a glória de Deus, que vira que na manifestação daquela glória nada havia de que se pudesse fazer uma imagem, sim, foi ele que mudou aquela glória na semelhança de um boi. Aquele a quem Deus confiara o governo do povo na ausência de Moisés, foi encontrado a sancionar a sua rebelião. ‘O Senhor Se irou muito contra Arão para o destruir.’ Deuteronomio 9:20. Mas em resposta à fervorosa intercessão de Moisés, sua vida foi poupada; e, com arrependimento e humilhação pelo seu grande pecado, foi restabelecido no favor de Deus.” {PP 227}, *Patriarcas e Profetas*, 330.

Na rebelião de Coré, Arão era um recebedor do mesmo tratamento que ele próprio em Hazerote, tinha dirigido contra Moisés, porque Coré e os seus seguidores estavam determinados a substituir Moisés e Arão por si próprios. Tal como a sua irmã, Arão tinha verdadeiramente aprendido a lição em Hazerote, porque, nunca outra vez o vemos alinhado contra Deus num desafio contra a ordem evangélica. Em vez disso, vemo-lo ao lado de Moisés, não contra ele. Nessa posição, vemos Deus dando-lhe completa protecção dos conspiradores, contra quem, como de costume, o Senhor Se alinhou sem compromisso.

Assim o Senhor demonstrou que não favorece pessoas, que não fica num campo neutro e que se pode confiar absolutamente n'Ele para Se identificar com aqueles que se mantêm firmes na ordem evangélica. Prudente é a pessoa que reconhece essa a sua única e segura localização dentro da estrutura da ordem evangélica. É o lugar onde sempre encontra Deus e isso é encontrar a boa e segura companhia.

Continua

